

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ITAJUBÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
DESENVOLVIMENTO, TECNOLOGIAS E SOCIEDADE**

MARCELO FERREIRA DE SOUSA

**O PROGRAMA “CIDADE CRIATIVA, CIDADE FELIZ” COMO UM
MICRODISPOSITIVO COMUNICACIONAL DA CIDADE DE SANTA RITA DO
SAPUCAÍ – MG.**

Itajubá - MG

2020

MARCELO FERREIRA DE SOUSA

**O PROGRAMA “CIDADE CRIATIVA, CIDADE FELIZ” COMO UM
MICRODISPOSITIVO COMUNICACIONAL DA CIDADE DE SANTA RITA DO
SAPUCAÍ – MG.**

Defesa de Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação (PRPPPG) interdisciplinar da UNIFEI – Universidade Federal de Itajubá, como requisito para obtenção de título de mestre em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade (DTecS).

Orientador: Professor Doutor Adilson da Silva Mello

Co-orientadora: Professora Doutora Lauren Ferreira Colvara

Itajubá - MG

2020

MARCELO FERREIRA DE SOUSA

O PROGRAMA “CIDADE CRIATIVA, CIDADE FELIZ” COMO UM MICRODISPOSITIVO COMUNICACIONAL DA CIDADE DE SANTA RITA DO SAPUCAÍ – MG.

Defesa de Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação (PRPPPG) interdisciplinar da UNIFEI – Universidade Federal de Itajubá, como requisito para obtenção de título de mestre em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade (DTecS).

Itajubá, 06 de novembro de 2020.

BANCA EXAMINADORA

_____ . _____.

Prof. Doutor Adilson da Silva Mello - Resultado

_____ . _____.

Prof.^a Doutora Lauren Ferreira Colvara - Resultado

_____ . _____.

Prof.^a Doutora Marília da Silva Franco - Resultado

_____ . _____.

Prof. Doutor Paulo Cezar Nunes Junior - Resultado

_____ . _____.

Prof. Doutor Alexandro Galeno Araújo Dantas - Resultado

Dedico este trabalho a Expedito do Couto Ferreira, meu avô (in memoriam). Por representar sabedoria em minha vida, mas, sobretudo, por cativar em mim a serenidade no olhar. A ferramenta fundamental para estudos de campo e mergulhos em livros.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer as seguintes pessoas:

Minha esposa Adriane Ferreira Bazzo pelo incentivo e confiança, mas principalmente pela paciência. A pesquisa acadêmica exige certa solidão e, neste caso, para estar só é preciso deixar outras pessoas só, para que o encontro com o objeto de estudo aconteça. Algumas vezes isso significa se distanciar das pessoas que ama. Agradeço imensamente seu amor que foi compreensivo e paciente com meus distanciamentos.

Meu pai Benedito Roberto de Sousa por me dar suportes do dia a dia, sem os quais não poderia seguir. Neste mesmo sentido agradeço minha mãe Maria Lucia Ferreira e minha avó Zenith Borges Ferreira, que renunciaram a recursos pessoais para investir mais uma vez na minha formação, mesmo eu já tendo deixado o “ninho”. Quase sempre me pergunto se realmente deixei.

Meu amigo e membro da família, Alessandro da Silva Ng. Nossas conversas sempre são enriquecedoras e certamente contribuíram com minha formação neste mestrado. Heitor Murbach por emanar tanta energia e disposição que por vezes me inspirava. Aos amigos do Xamanismo com os quais me encontrava para praticar o silêncio e acalmar a mente.

Meus professores do programa pelo rico aprendizado, em especial aos orientadores Adilson Mello e Lauren Colvara pela caminhada que tivemos juntos. Adilson, obrigado pelas prosas noturnas. Lauren, obrigado por se tornar minha amiga, para sempre.

Por fim, agradeço aqueles que contribuíram com as pesquisas de campo fornecendo entrevistas e acesso a documentos: INATEL Cultural, Professor Wander, Professor Paulo Tadeu, Carlos Henrique, Marcos David, Janilton, Diego Dais, Coletivo Imagina Juntas e banda Patronagens.

Foi uma ótima caminhada, agora vamos apreciar o resultado.

“Todo espaço realmente habitado traz a essência da noção de casa [...], não é somente no momento presente que reconhecemos os seus benefícios. Os verdadeiros bem-estares têm um passado. Todo um passado vem viver, pelo sonho, numa casa nova”.

(Gaston Bachelard)

RESUMO

A presente pesquisa propõe-se a realizar um estudo sobre cidades enquanto um microdispositivo de comunicação, com níveis de investigação que observam a cidade enquanto meio, mídia e mediação. Sob essa perspectiva, estuda-se o movimento “Cidade Criativa, Cidade Feliz” da Cidade de Santa Rita do Sapucaí, MG, a partir da premissa de que o movimento atua como um microdispositivo comunicacional da cidade. O movimento anuncia uma divisão em quatro eixos de ação, a saber: tecnologia, empreendedorismo, cultura e cidadania, que se aglutinam nos pares “cultura e cidadania” e “tecnologia e empreendedorismo”. Observa-se que a composição “tecnologia e empreendedorismo” se guia pelo conceito de desenvolvimento comumente entendido por aspectos econômicos, ao passo que a composição “cultura e cidadania” se orienta pela dinâmica de vida da cidade. No entanto, sob a égide da tecnologia, ao longo dos anos a cidade se compõe numa diretriz de transformação de retenção de capital cognitivo e exportação tecnológica. Dessa maneira, faz-se necessário refletir sobre o que vem a ser o “Cidade Criativa, Cidade Feliz” e de que maneira se comunica com a cidade e em que proporções afeta sua dinâmica e desenvolvimento. Para pesquisa, utiliza-se uma metodologia de base antropológica, com referência cartográfica que conta com pesquisa de campo, observação participante, entrevistas e análise qualitativa. Epistemologicamente, a pesquisa procura suporte em Michael Foucault, Richard Sennett, Fabio La Rocca e outros colaboradores. Trata-se de um estudo interdisciplinar que suporte discussões sobre desenvolvimento, tecnologias e sociedade.

Palavras-chave: Cidades, Comunicação, Desenvolvimento, Tecnologia, Sociedade

ABSTRACT

This research proposes a study on cities as a communicative structure with levels of investigation that observe the city as a medium, media and mediation. From this perspective, the movement “Creative City, Happy City” of the City of Santa Rita do Sapucaí, state of Minas Gerais, is observed from the premise that the movement acts as a communicational device of the city. The movement announces a division into four axes of action, namely: technology, entrepreneurship, culture and citizenship, which are combined in the pairs “culture and citizenship” and “technology and entrepreneurship”. The composition of “technology and entrepreneurship” is guided by the concept of development, commonly understood by economic aspects, whereas “culture and citizenship” is guided by the city’s dynamics of life. However, under the aegis of technology, the city has been a guideline for transforming cognitive capital retention and technological export. Thus, it is necessary to reflect on what “Creative City, Happy City” is and how it communicates with the city and in what proportions it affects its dynamics and development. For research, an anthropological based methodology is used, with cartographic reference that counts on field research, participant observation, interviews and qualitative analysis. Epistemologically, Michael Foucault, Richard Sennett, Fabio La Rocca and other collaborators supported the research. This is an interdisciplinary study that supports discussions about development, technologies and society.

Keyword: Cities, Communication, Development, Technology, Society

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Representação do processo de escavação arqueológica dos marcos.	113
Foto 1: As largas vias arteriais da Paris Napoleônica.....	20
Foto 2: A cidade distante	21
Foto 3: A velha Paris	22
Foto 4: A demolição da velha Paris para dar lugar a cidade de Luz.....	22
Foto 5: A cidade de Luz – Câmara Municipal (1874-1877).....	23
Foto 6 (conjunto de 4 fotos): Entrando em Santa Rita do Sapucaí.	33
Foto 7(duas fotos): A incubadora Municipal.....	36
Foto 8 (conjunto de 5 fotos): Cine Teatro em 1912 e 2019 - interior em 1930 - Country Club década de 60 e em 2019.	37
Foto 9 (conjunto de 6 fotos): Ginásio Poliesportivo Municipal década de 90 e 2019 - Mercado Municipal em 1926 e 2019 - Rodoviária em 1978 e 2019.....	38
Foto 10 (conjunto de 8 fotos): ETE anos 60 e maquete de 1959 - FAI 2019 - INATEL 2019 - Instituto Moderno de Educação e Ensino década de 30 (posteriormente deu lugar ao INATEL).	40
Foto 11 (duas fotos): As ruas da cidade - Avenida da FAI e Bairro da Eletrônica.....	41
Foto 12 (conjunto de 4 fotos): Os dois lados da praça da criança demarcam duas áreas de diferentes classes socioeconômicas da cidade.....	42
Foto 13 (conjunto de 6 fotos): O segundo acesso da cidade – Praça Delfim Moreira – Ponte José Almeida Neves – Empório Secos e Molhados na década de 30 e 2019 - Prefeitura Municipal ao lado da praça central e em 2019.	43
Foto 14 (conjunto de 8 fotos): A cidade industrial: O aglomerado industrial do Vale da Eletrônica.	45
Foto 15 (conjunto de 4 fotos): A "Nova Cidade"	47
Foto 16 (duas fotos): Sinhá Moreira e o Ministro Clóvis Salgado – Sinhá Moreira em visita a IBM.	53
Foto 17: Elementos de Domínio – Capela Sistina	56
Foto 18: O paradoxo da cidade mídia.....	58
Foto 19: Visitando a cidade através dos acessos digitais.....	66
Foto 20: Os acessos digitais da cidade.	67
Foto 21 (conjunto de 4 fotos): O “Cidade Criativa, Cidade” pela cidade.....	74
Foto 22: Notícias estratégicas.....	80
Foto 23 (conjunto de 7 fotos): Capas da programação do “Cidade Criativa, Cidade Feliz” de 2013 a 2019. ..	86
Foto 24: Conteúdo da programação – edição 2016.	94
Foto 25: Conteúdo da programação – edição 2019.	95
Foto 26: Conteúdo da programação – edição 2019.	95
Foto 27: Conteúdo da programação – edição 2016.	95
Foto 28: Conteúdo da programação – edição 2019.	95
Gráfico 1: A cidade mídia em xeque.	59
Gráfico 2: Crescimento do “Cidade Criativa, Cidade Feliz” de 2013 a 2019.....	77

Gráfico 3: Estratégias de ampliação dos números.	78
Infográfico 1: Marcos e ciclos históricos da cidade.	110
Mapa 2: O Mapa da cidade a serviço da mídia.	65
Mapa 3: A cidade dentro do Hacktown.	71
Mapa 4: Distribuição das atividades do “Cidade Criativa, Cidade Feliz” na cidade.	75
Mapa 5: Os sujeitos do “Cidade Criativa, Cidade Feliz” de 2013 a 2019.	117
Mapa 6: os primeiros arranjos.	118
Mapa 7: A rede das relações entre os atores.	121
Quadro esquemático 1: Demografia do Hacktown.	67
Quadro esquemático 2: Crescimento do Hacktown.	68
Quadro esquemático 3 (dois quadros): Atuação comunicativa do Hacktown nas redes digitais.	69
Quadro esquemático 5: As mudanças de enunciado do “Cidade Criativa, Cidade Feliz”.	85

SUMARIO

ENTRANDO NA CIDADE: CONTEXTOS EPISTEMOLÓGICOS, OBJETIVOS E MÉTODOS	11
A CIDADE: UM ORGANISMO VIVO	18
Observações do Corpo-cidade: A pele que reveste a cidade de Santa Rita do Sapucaí	32
O HABITAR E OS ESPAÇOS COMUNICANTES: A CIDADE MÍDIA E A CIDADE MEDIAÇÃO	50
Entendendo o CCCF e Santa Rita do Sapucaí: Suas mídias e mediações... 64	
Observações sobre uma cidade mídia e suas mediações: As configurações do CCCF.....	74
A CIDADE, AS RELAÇÕES SOCIAIS E OS DISPOSITIVOS DE CRISTALIZAÇÃO DO PODER	97
Ao observar o movimento “Cidade Criativa, Cidade Feliz” como um dispositivo comunicacional, uma tecnologia de poder se revela.....	106
O CCCF como um microdispositivo de comunicação: Seus sujeitos, modalidades enunciativas, linhas e a ruptura com a estrutura de poder pastoral	113
DEIXANDO A CIDADE: REFLEXÕES E CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTUDO	131
REFERÊNCIAIS.....	138
APÊNDICE A	142

ENTRANDO NA CIDADE: CONTEXTOS EPISTEMOLÓGICOS, OBJETIVOS E MÉTODOS

A presente pesquisa se propõe a estudar o movimento “Cidade Criativa, Cidade Feliz” da cidade de Santa Rita do Sapucaí – MG. Para isso, leva-se em consideração a arquitetura da cidade, ou seja, de que modo o corpo-cidade versa sobre si mesmo e seus arranjos comunicacionais a partir de reflexões epistemológicas em Foucault e outros colaboradores que retratam o contexto de cidades. Esta proposta se insere na linha de pesquisa “Desenvolvimento e Tecnologias” do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade da Universidade Federal de Itajubá.

A proposta de pesquisar o “Cidade Criativa, Cidade Feliz”¹ (a partir de agora identificado pela sigla CCCF) surge de experiências de participação do pesquisador, no festival de inovação Hacktown (em fevereiro de 2016), que enfatiza conhecimentos e práticas voltados para temas de Culturas, práticas e inovações sociais e de mercado. A participação do pesquisador permitiu a identificação de que o festival integrava o programa CCCF, criado em 2013. Ao observar a cidade para além do Hacktown, avista-se o CCCF e outras singularidades da cidade de Santa Rita do Sapucaí.

Santa Rita do Sapucaí também é conhecida por ter a primeira escola técnica de eletroeletrônica da América Latina e é reconhecida como o “Vale da eletrônica” graças ao seu polo industrial e às instituições de ensino superior e técnico que fornecem insumos para o mercado de tecnologia do país e do exterior. No campo do entretenimento, a cidade também é conhecida como a “Cidade do Urso”, em referência a um dos maiores Blocos de carnaval privados do país², além de outros festivais de música e gastronomia realizados na cidade, sobretudo o Hacktown, que atualmente expressa maior alcance ao público de fora da cidade.

¹ O programa Cidade Criativa, Cidade Feliz é um conjunto de ações que contempla palestras e eventos e festivais que atualmente acontece por um período de 3 meses. O programa teve início no ano de 2013 e em 2015 teve o Mês de Criatividade e Inovação “Cidade Criativa, Cidade Feliz” regulamento pela lei nº 4874/2015 que em seu texto propõe que: durante todo mês de agosto o programa se desenvolva com o objetivo de criar um ambiente favorável à inovação e ao desenvolvimento da economia criativa, através da conexão da tecnologia, do empreendedorismo, da arte e cultura, da ética e cidadania, como elementos fundamentais à construção de uma sociedade mais humana, justa e feliz, com capacidade de sonhar coletivamente e realizar.

² O bloco do urso, ainda que possa trazer um relevante impacto econômico para cidade, não compõe nosso objeto de estudo por não fazer parte da programação do CCCF. A priori, as instituições de ensino técnico e superior, bem como o parque industrial e o arranjo produtivo local também não serão profundamente estudadas pelo nosso trabalho, mas serão observadas suas possíveis influências no que tangem as iniciativas de construção do programa CCCF.

Diante de tais singularidades, é necessário compreender melhor os impactos do programa CCCF na cidade, seu planejamento, sua atuação e sua reverberação dentro e fora da cidade. Sobretudo, sua influência na dinâmica local tornou-se oportunidade de um estudo relevante sobre cidades. Como pano de fundo desse “impacto na dinâmica da cidade”, verificou-se a importância de investigar o fenômeno comunicacional ativado pelo programa CCCF, aliado aos estudos de Foucault sobre os dispositivos de poder.

Entende-se por fenômeno comunicacional as interações que fazem emergir esquemas de comunicação que revelam a cidade, sublinhando ou soterrando formas (estéticas e narrativas). Os dispositivos de poder, por sua vez, são entendidos como instrumentos estratégicos de tecnologias que podem revelar instâncias de poder que atuam na cidade. Assim, esta pesquisa trata de um estudo sobre cidades, cuja linha epistemológica aponta para configurações de ricos espaços de comunicação, propondo a observações da manifestação destes fenômenos e da possível identificação destes então dispositivos de poder.

O conceito de dispositivo (e microdispositivo, que aparecerá apenas nas últimas observações) é entendido, a partir da perspectiva de Foucault e interpretada por Deleuze³, como um ponto de ligação entre elementos heterogêneos, tais como discursos, soluções arquitetônicas, tecnologias, proposições filosóficas e morais, decisões administrativas, entre outros que, nessa relação heterogênea, podem versar sobre relações de forças, que por sua vez, podem (ou não) revelar objetivos e estratégias. Essas orientações servem para que, a partir de uma cartografia do CCCF e, ao mesmo da cidade, verifique-se o esquema de comunicação entre os diferentes traços dessa relação heterogênea entre o CCCF e a cidade.

Entrando na cidade com um olhar antropológico e orientação cartográfica e estudando o fenômeno comunicacional ativado pelo CCCF na perspectiva de que ele é um dispositivo de comunicação, alguns objetivos são necessários a fim de organizar as tantas questões que podem rodear um estudo sobre cidades, bem como identificar uma questão que seja capaz de melhor abraçar essa complexidade. De modo geral, os objetivos deste estudo investigam o movimento “Cidade Criativa, Cidade Feliz” da Cidade de Santa Rita do Sapucaí – MG, enquanto microdispositivo e, sua interação com os arranjos comunicacionais que são expressos na cidade, a fim de identificar seu impacto na dinâmica e desenvolvimento da cidade. De forma mais específica, pretende-se:

³ DELEUZE, G. Qu'est-ce qu'un dispositif? In: Michel Foucault philosophe. Rencontre internationale (Paris, 9, 10, 11 janvier 1988). Paris: Le Seuil, 1989.

- Apresentar a cartografia da cidade, dos aspectos comunicacionais e suas dinâmicas de interação a partir do movimento CCCF;
- Compreender e detalhar a composição do CCCF, a fim de identificar suas estratégias para a cidade de Santa Rita do Sapucaí;
- Averiguar os possíveis efeitos do programa CCCF na dinâmica da cidade.

Com essa organização, em síntese, o estudo investiga a seguinte questão: **“Enquanto um microdispositivo de comunicação, qual o impacto do movimento Cidade Criativa, Cidade Feliz na dinâmica de Santa Rita do Sapucaí?”**. Com essa questão central, observamos a capacidade de comunicação e impacto deste movimento na dinâmica da cidade. Para garantir segurança metodológica a essa investigação, o estudo se divide em três etapas de discussão, que por sua vez apresentam suas orientações epistemológicas e o método aplicado.

Nesta prática, a primeira etapa deste estudo se encarrega de discussões sobre o viés de uma cidade como organismo vivo, refletindo sobre sua historicidade, sua arquitetura e espaços e a partir de uma metáfora corpo-cidade. Essa metáfora, que procura discutir com diversos autores, aprofunda-se na anatomia da cidade, encarando-a como esse organismo vivo e suas características próprias. Em seguida, as observações de campo procuram relatar os encontros com a cidade e como ela se revela a partir das lentes de quem a observa. Na segunda etapa, a orientação do estudo se debruça sobre o prisma de uma cidade que também é mídia, ou seja, passa a observar como uma cidade pode discursar e se apresentar nas mais variadas formas (visíveis ou não) e como suas interações revelam fenômenos comunicacionais. Feito isso, as observações do ponto de vista do pesquisador são retomadas a fim de apresentar como essas reflexões contribuem com os encontros com Santa Rita do Sapucaí. A terceira etapa leva o estudo para um diálogo com Foucault e colaboradores, que trazem as perspectivas de um dispositivo de poder. Com isso, o CCCF será analisado em seguida pelo pesquisador, que apontará suas impressões. No percurso de deixar a cidade, serão abordadas reflexões que dialogam com a questão central da pesquisa e sua relevância para um estudo sobre cidades.

Muito embora o CCCF não seja um festival de cultura ou tecnologia, mas um movimento complexo com várias iniciativas que pretendem se articular a partir de eixos a fim de atender à vida na cidade e as demandas do mercado, algumas de suas iniciativas são grandes festivais já consolidados na cidade, na região e no país.

Atualmente, tais festivais são um crescente movimento no Brasil e no mundo, bem como o número de cidades que buscam se apresentar como criativas. Em virtude da

observação dessas novas dinâmicas urbanas, a UNESCO lança em 2004 o projeto “Rede de Cidades Criativas” com o objetivo de promover a cooperação entre cidades que reconhecem a criatividade como um importante fator para o seu desenvolvimento. O modelo cooperativo chancelado pela organização exige que as cidades chanceladas se comprometam em investir na criatividade como motor de desenvolvimento urbano sustentável, inclusão social e cultural⁴ e por meio de sete segmentos: artesanato e arte popular, arte de mídias, filme, design, gastronomia, literatura e música. Mais de 189 cidades em 72 países já fazem parte da rede UNESCO. Com a possibilidades de receber essa chancela e participar dessa cooperação internacional, muitas cidades do Brasil têm se colocado em pleito. Florianópolis, Curitiba, Santos, Brasília, Salvador, João Pessoa e Belém já fazem parte da rede, mas inúmeras outras cidades brasileiras têm procurado atender as exigências da “Rede de Cidades Criativas”.

O programa existe desde 2013 e a cada ano amplia sua programação e expande geograficamente sua atuação. O CCCF teve suas atividades inicialmente realizadas no entorno da praça central da cidade e atualmente apresenta uma modesta expansão para regiões mais periféricas da cidade. Porém, o que faz dele “um movimento pela transformação criativa de Santa Rita do Sapucaí (frase que acompanha os cadernos de programação do programa). Segundo o atual prefeito e idealizador de ações que dão origem ao CCCF, professor Wander Wilson Chaves⁵, **“o ‘Cidade Criativa, Cidade Feliz’ foi pensado a partir de 4 pilares: tecnologia e empreendedorismo, que pretendem dar respostas ao mercado; e Cultura e cidadania, que pretendem dar respostas à sociedade”**⁶. Essa proposta (ou necessidade) do programa de *dar respostas* fortalece a relevância deste estudo, para que possa contribuir com reflexões que auxiliem na interpretação da produção de sentido e afetamentos do/no cotidiano da cidade a partir de movimentos como o CCCF.

Partindo do pressuposto de que há certa influência do CCCF na dinâmica da cidade e seu desenvolvimento, averiguar-se-á essa premissa observando se existem iniciativas que tangibilizam esses impactos. Para isso, a compreensão das relações e significados que constroem o “Cidade Criativa, Cidade Feliz” são partes importantes deste estudo.

⁴ Retirado do Creative Cities Network. Na plataforma da Unesco é possível acessar as informações e editais. <https://en.unesco.org/creative-cities/home>: Acessado em 20/03/2019.

⁵ Wander Chaves atualmente (2020) é o prefeito de Santa Rita do Sapucaí. Em 2013, quando ocupava o cargo de vice-prefeito, foi o responsável por dar início as primeiras movimentações do CCCF. Anterior a vida pública, o atual prefeito foi aluno, professor e diretor do Instituto Nacional de Telecomunicações – INATEL, instituição de ensino superior que também ocupa papel importante para o desenvolvimento local, como será apontado nas observações da cidade.

⁶ Fala extraída da abertura do programa de economia criativa do Sebrae de Santa Rita do Sapucaí em parceria com a prefeitura municipal. Registro em áudio realizado em 15/02/2019.

Debruçando a atenção sobre o CCCF, também se debruçará sobre a cidade, isto é, colocando-se diante dos jogos de relação que compõe a cidade, este trabalho se desafia metodológica e epistemologicamente a compreender essas relações.

Vejam os que, Agier fala de uma “antropologia da cidade e de situações ordinárias da vida urbana (por exemplo: o ateliê, a linha de produção, o escritório ou ainda o estaleiro × as relações sociais de trabalho, um canto para si, etc.), que põem em jogo relações como: indivíduo/espaco e indivíduo/sociedade” (IDEM, 2011, p. 93). Neste sentido, se o programa CCCF se manifestar como um acontecimento (um encontro), precisa-se atentar para aquilo que marca ou não uma distância do cotidiano e a produção de um mundo imaginário e inverso, assim como completa Agier: “num espaço delimitado e apropriado, o tempo de um acontecimento ritual, de um encontro, é simbolizado entre indivíduos e um coletivo, visível ou não” (IDEM, 2011, p.97).

Trazendo em seu nome a perspectiva de “Cidade Criativa, Cidade Feliz”, o programa apresenta a felicidade como uma utopia necessária à cidade. Assim, entender a importância desta felicidade utópica para a cidade apontará a necessidade de um debruçar mais atento sobre este aspecto se ele se mostrar relevante ao afetamento do programa no cotidiano da cidade. Por outro lado, o conceito de cidade criativa precisa ser referenciado e compreendido, posto que segundo Landry (2011), o que faz uma cidade criativa pode ter forte relação com a maneira como ela observa as oportunidades, onde a criatividade se destaca e o espírito da cidade se caracteriza, ou seja, isso impõe ao estudo a verificação da existência, ou não, de uma ligação estratégica entre o objetivo “felicidade” a partir de ações criativas. Neste caso, observar como esferas de gestão da cidade interagem (poder público, sociedade civil e iniciativa privada) pode apontar caminhos. Reis (2009), afirma que é possível perceber alguns aspectos comuns entre cidades tidas como criativas que convergem em sua capacidade inovativa, suas atividades culturais, mas sobretudo, na maneira como os setores público e privado e a sociedade civil se relacionam.

Quando se pensa a cidade e seus arranjos comunicacionais é preciso refletir a cidade como propõe Ângela Prysthon, que a coloca como “um grande cenário de imagens e de linguagens, uma esfera intercambiante de fronteiras de sentidos. A cidade é um sistema de interação comunicativa entre os atores sociais, responsáveis pela produção de uma cultura e simbologias urbanas” (IDEM, 2006, p.7). Estudar o impacto do programa na dinâmica da cidade é, primeiramente, olhá-la sob o ponto de vista comunicativo descrevendo e interpretando sua historicidade, seus cenários urbano e periférico, seus espaços e suas representações como partes integrantes de um sistema comunicacional. Somente depois de

observar esses aspectos que atravessam Santa Rita do Sapucaí é que se observará mais atentamente a movimentação do programa e suas articulações.

O que também precisa ser considerado são as disputas que acontecem dentro desse organismo que é a cidade, pois, como sugerem Pimenta e Mello (2014), as disputas inscritas no sistema de acumulação capitalista que, estimuladas pelas condições tecnológicas e informacionais da sociedade contemporânea, perpetuam a hegemonia do modo de produção capitalista e afetam os projetos individuais e coletivos de geração de renda, que são delimitados por um sistema de imposições tecnológicas inseridas de forma econômica e sociocultural. Isso faz pensar em que medida o programa é capaz de superar movimentos de desenvolvimento que ultrapassem perspectivas exclusivamente econômicas da cidade.

Para que esse percurso metodológico seja capaz de auxiliar o estudo, a orientação será cartográfica, para possibilitar a construção de mapas que se esforçarão em representar as observações; terá acompanhamento etnográfico na medida que cartografia e etnografia se aproximam na escrita e em alguns modos de observar a cidade. Além disso, o percurso cartográfico na cidade e a relação entre o então microdispositivo CCCF e a cidade criam um esforço genealógico que dá suporte a metodologia.

Para que o estudo se revele a partir dessas orientações, estudos de campo, entrevistas, observação participante serão as ferramentas de auxílio. Com isso, espera-se que ao final deste trabalho, além de trazer respostas à questão que ele persegue, possa-se demonstrar como um estudo sobre cidades é essencialmente interdisciplinar na medida em que a cidade exige múltiplos diálogos e reflexões que interagem com diferentes aspectos sobre desenvolvimento, tecnologias e sociedade.

Durante os estudos de campo e as imersões na cidade, surge a provocação pessoal do autor em produzir o documentário: “Cidade Criativa: Uma Utopia de Felicidade”. O artefato audiovisual tornou-se um desdobramento do próprio afetamento da pesquisa, ou seja, dos encontros com a cidade. A produção encontra-se disponível em longa metragem na rede social digital *Youtube* e em formato de série na rede social digital *Instagram* no canal digital Trem Filmes⁷. A produção do documentário também é uma provocação sobre a relação entre academia e sociedade, a partir de outros formatos de entrega com linguagens mais acessíveis, a fim de alcançar mais pessoas e promover reflexões acerca de temas e estudos produzidos pela academia, mas que muitas vezes não ultrapassam as fronteiras entre sociedade em geral e sociedade acadêmica.

⁷ O próprio canal é um desdobramento da pesquisa que pretende seguir na produção de documentários.

Antes de seguir cidade adentro e do estudo propriamente dito, é preciso esclarecer alguns aspectos. O primeiro aspecto é a escrita em terceira pessoa, expressando o diálogo epistemológico com os autores requisitados. Em seguida, cada etapa de observação sobre a cidade, com as lentes prévias discutidas no aporte epistemológico, mapas, diagramas e infográficos são descritos e apresentados em primeira pessoa. Por meio da escrita pretende-se evidenciar a imersão do pesquisador no percurso de encontro com a cidade. Espera-se ainda que esta escolha permita uma maior imersão do leitor, que caminhará pela cidade junto com o pesquisador.

Uma última orientação aos leitores: não há linearidade nos encontros com a cidade. Neste sentido, as observações e reflexões do estudo também não apresentam linearidade, pelo contrário, elas acontecem quase que em formato mosaico de informações. Neste percurso não linear, é possível que o leitor se veja em encontros e reflexões que vão e voltam, assim como acontece num percurso que procura se permitir encontrar com a cidade e deixar que afetamentos aconteçam nessa não linearidade. Para facilitar o entendimento sobre a estruturação da pesquisa, o apêndice A descreve informações roteirizadas do estudo de campo e disposição das observações, entrevistas e eventos que foram frequentados pelo pesquisador. Dito isso, chega a ora de regular nossas lentes e começar a jornada.

A CIDADE: UM ORGANISMO VIVO

A partir de uma citação de Richard Sennett em seu livro *Carne e Pedra*⁸, abrimos esta primeira parte com uma metáfora. Metáforas permitem transposições de sentido não explícitas, mas que por comparação auxiliam na soltura de algumas limitações do olhar e amarras do julgamento. Veremos a cidade como um organismo vivo, de maneira que isso nos permita transportar a cidade para um lugar de observação que ultrapasse aquilo que se vê de imediato.

O sociólogo norte-americano aponta que, em 1159, João de Salisbury, importante pensador político inglês, declara que o Estado (*res publica* = coisa do povo) é um “Corpo” em que, “um governante funciona como um cérebro humano; seus conselheiros, como o coração; os comerciantes são o estômago da sociedade; os soldados, suas mãos; camponeses e trabalhadores manuais, seus pés” (Sennett, 1997, p.22). A metáfora proposta por Salisbury e rememorada por Sennett, percorre a cidade através de uma interpretação que a estuda tal qual se estuda a composição de um corpo. Ainda, compara a cidade a partir de uma “anatomia”. Salisbury nos convida a perceber a cidade em um movimento fisiológico, onde ocorre uma comunicação necessária entre as partes desse organismo. De certo modo, não é difícil assumir que existem interações entre as partes desse organismo cidade. Isso nos corresponde, porque observamos ocorrência de algumas dessas comunicações a partir de episódios distintos de interação entre pessoas, grupos e lugares, presencial ou virtualmente. Essa metáfora assume que não há comunicação sem interação e que a cidade, assim como um organismo, é feita de interações.

Associada a essa imagem de corpo, a cidade exige do observador algum conhecimento anatômico para que não se limite a enxergar apenas cabeça, tronco e seus membros. Ao considerar os governantes como um cérebro; os conselheiros como um coração e os comerciantes como o estômago, Salisbury olha para a anatomia dessa cidade em camadas mais profundas. Sennett reforça este exercício, quando passa a associar os estudos do movimento da cidade, aos avanços de estudos sobre o sistema de circulação sanguínea realizados pelos anatomistas durante o século das luzes:

⁸ *Carne e Pedra* é uma obra do sociólogo Richard Sennett que procura mostrar como o espaço urbano evolui a partir da visão científica do corpo. Além disso o autor observa, ao longo da história, como nosso espaço urbano muda e evolui. A obra se dedica a estudar esta movimentação.

Partindo da ideia de um corpo saudável, limpo e deslocando-se com total liberdade, o desenho urbano previa uma cidade que funcionasse assim. [...] A teoria da circulação conferiu um novo sentido à ênfase do Barroco na locomoção. [...] Palavras como “artéria” e “veia” entraram para o vocabulário urbano no século XVIII, aplicadas por projetistas que tomavam o sistema sanguíneo como modelo para o tráfego. (SENNETT, 1997, p.220).

Sennett faz uma relação de “experiência corporal” entre corpo e cidade a partir de uma viagem que vai da antiga Atenas até uma Nova York moderna, mostrando a movimentação desse corpo-cidade ao longo da história. Em uma visão de cidade que se movimenta de forma comparada a visão de um sistema circulatório, o autor resgata no século XVIII o período em que as pessoas circulam livremente pela cidade, ao mesmo tempo em que os estudos do corpo humano avançavam na ciência e apresentam novas representações de sua complexidade anatômica. Esse percurso traçado por Sennett revela uma cidade que se transforma (assim como a ciência), evoluindo constantemente a partir de uma movimentação que está sempre em conflito com certa inconsciência física.

Corpo e cidade se descobrem juntos ao longo da história e, ao avançar das descobertas suas complexidades, se redesenham trazendo desafios de atenção mais exigentes no contexto de uma ‘anatomia da cidade’, afinal, se a metáfora de Salisbury é válida, comparar corpo e cidade é também considerar que cada sujeito que compõe a cidade é uma espécie de partícula (célula) biológica que habita, interage e transforma esse corpo-cidade.

De outra maneira, estudos mais contemporâneos do mesmo autor⁹ propõem uma outra observação sobre a composição das cidades. Atento ao modo como são planejadas, sobretudo, como este planejamento influencia diretamente o modo de vida de seus habitantes. Sennett passa a explorar os modelos de cidades e o modo como pensadores de sua época trataram da evolução dos espaços públicos a partir do seu planejamento e de como tais construções afetavam a vida na/da cidade. Sennett enfatiza que se o modelo estrutural de uma cidade pode dificultar ou favorecer a vida de seus habitantes, outrossim, deve-se observar o reflexo do planejamento na vida da cidade, atento não só ao funcionamento de seu sistema circulatório, mas também ao de outros sistemas, por exemplo, seu sistema respiratório – como a cidade respira.

Se a cidade é esse constante devir, o planejamento precisa dialogar com um conjunto ininterrupto de transformações que são econômicas, políticas e sociais e que afetam o funcionamento e a paisagem, facilitando ou dificultando a vida de seus habitantes. A cidade

⁹ SENNETT, Richard. Construir e habitar: *ética para uma cidade aberta*. Trad. Clóvis Marques. 1ª. Edição. Rio de Janeiro: Record, 2018.

é habitada por vários corpos que pensam, que são células do corpo-cidade que interagem e influenciam o funcionamento de seus sistemas, permitindo ou impedindo que a fluidez aconteça no seu interior. Planejamentos para a construção de cidades influenciados por dinâmicas econômicas e políticas, nem sempre pensavam em seus habitantes e acabam se equivocando nos privilégios, criando experiências de cidade que não fazem sentido para quem as habita:

Os seres humanos se movimentam num espaço e habitam um lugar. A cidade Haussmanniana privilegiava mais o espaço que o lugar. Suas redes de transporte ligavam a população espacialmente, mas reduzindo sua experiência do lugar. O que terminava a diferença entre espaço e lugar era a velocidade em que se podia percorrer a cidade (SENNETT, 2018, p.48).

Neste caso, Sennett aponta para o modelo urbanístico da Paris influenciada por Georges Eugène Haussmann, que, no século XIX, foi responsável pela reforma urbana de Paris. Esperadas por Napoleão III a fim de assegurar a popularidade da capital e tornar mais difícil revoluções futuras, a obra Haussmanniana demarcou a primeira ideia que temos de periferia e, a partir de um processo de higienização levanta aquela que seria chamada “Cidade Luz”. Para isso, o Barão demoliu as antigas ruas da cidade, que deram lugar a vias (arteriais) mais largas e retas, a fim de facilitar a movimentação das tropas napoleônicas quando necessário e afastaram das vias centrais da cidade qualquer sinal de miséria e complexidades sociais. O modelo que se tornou exemplo de modernidade, influenciou inúmeras cidades pelo mundo até meados do século 20 (Aline L. G. PORTO, 2007).

Foto 1: As largas vias arteriais da Paris Napoleônica.



Fonte: Google imagens, 2020.

A Paris de Haussmann é uma demonstração de como a cidade foi pensada a partir de um lugar que privilegiava interesses que flagelavam o habitar. Para atender o interesse e privilégio de alguns deslocou-se o habitar, dando à cidade ritmos e sentidos que nem sempre convergiam com aqueles que a habitavam. Para isso, em uma transferência forçosa, Paris escondeu suas complexidades como se quisesse soterrá-las. Do topo da Rua Champlin (1872) da Paris de Haussmann, um jovem observa à distância o que seria a Paris do século 20. Os registros fotográficos de Charles Marville nos apresentam um pouco desses processos de transformação histórica da cidade.

Foto 2: A cidade distante



Fonte: Google imagens, 2020.

A imagem da cidade pode ser uma e suas realidades podem ser outras. A maneira como uma cidade é planejada está carregada de interesses, que em sua maioria não são interesses da cidade como um todo. Aos poucos esses interesses se revelam, seja por uma série de fotografias ou por realidades sociais que nos encontramos nos sinais fechados do trânsito, na insegurança ao cruzar algumas áreas da cidade com incidência de assaltos ou com elevado número de moradores de rua e dependentes químicos que nos abordam pelas calçadas. É possível esconder a cidade, mas nem sempre é possível se esconder dela.

Foto 3: A velha Paris



Fonte: Google imagens, 2020.

Foto 4: A demolição da velha Paris para dar lugar a cidade de Luz.



Fonte: Google imagens, 2020.

Charles Marville foi contratado para fotografar a cidade que deixaria de existir ao anoitecer do século 19, dando lugar à Paris tão esperada por Napoleão III, que com sua modernidade iluminista chegou arrastando tudo e extinguindo a existência de famílias e trabalhadores, que foram empurrados e escondidos. Ao inaugurar a cidade Luz, inaugurou-se também a periferia. A apresentação desse modelo histórico demonstra como inúmeros fatores influenciam a construção das cidades e impactam a maneira como a habitamos. Ao mesmo tempo em que a Paris de Haussmann se torna referência de metrópole para o mundo, abrindo acessos de circulação mais fluida, há por trás um gesto político estratégico de expansão e controle. Ao mesmo tempo que se abre a cidade para algumas oportunidades de

desenvolvimento e transformação, aquela Paris também se fecha ao manifesto livre de seus habitantes, o que é um paradoxo em relação a própria representação histórica da liberdade dos Francos após a conquista de Gália¹⁰, que sugere um significado de liberdade importante ao povo francês.

Ao todo, as demolições de Paris ultrapassaram o número de 120 mil habitações. As ruelas de esgoto a céu aberto, lugar de moradia dos trabalhadores maltrapilhos e dos moradores de rua, foram varridas da Paris de Haussmann. Charles Marville construiu o maior acervo histórico fotográfico conhecido (presentes no álbum *Du Vieux Paris*), de uma cidade que se perdeu no século 19 para dar lugar a outra Paris. As imagens de exposições fotográficas, os jornais e atualmente os mais diversos canais de comunicação, o tempo todo lançam aos nossos olhos parte dessas estratégias e planejamentos urbanos que soterram aquilo que não se encaixa em seus projetos. No entanto, essas imagens quase sempre estão por lá, ao nosso redor o tempo todo, mas, quase sempre é preciso que nos impactem involuntariamente, porque quase sempre não enxergamos a cidade, não reconhecemos sua anatomia, apenas a cidade que queremos ver.

Foto 5: A cidade de Luz – Câmara Municipal (1874-1877).



Fonte: Google imagens, 2020.

As cidades abertas ou fechadas apontam para processos de dimensões humanas, sociais, culturais, políticas e econômicas. Enquanto processo, elas são expressões da produção humana sob o amparo de relações desencadeadas, que são distintas ao longo da história. No espaço urbano estão presentes os interesses do capital, do Estado e dos habitantes

¹⁰ Sugere-se que o significado da palavra França venha do latim Francia que significa “terra dos francos” aplicada a todo Império Franco. A palavra franco foi associada a palavra "livre" após a conquista da Gália, período em que apenas os francos estavam livres da tributação romana.

que se expressam na totalidade que é a cidade, um lugar de materialização dessas expressões. O corpo-cidade é um organismo de sistemas complexos e de camadas profundas que provocam estudos que vão além do desenho anatômico e reflexões sobre sua fisiologia geral.

Estudos de 2007 estimam que 50% a 55% do cérebro processa mais informações laterais quando estamos andando do que quando estamos em um automóvel, além disso, o aumento da velocidade nos orienta a olhar para frente e reduz nossa visão periférica, dissolvendo a consciência ambiental (Dohse, 2007). Esse estudo reflete como os modelos e planejamentos podem atuar na dinâmica da cidade e o quanto isto afeta a nossa percepção de cidade, muitas vezes de maneira tão “natural” que não se percebe o que estas transformações estão ressignificando, movendo, deslocando, soterrando. A maneira como a cidade se materializa também é influenciada pela maneira como ela é planejada.

Esse lugar de materialização (a cidade), que se cria e se recria a partir da maneira como as relações acontecem, é lugar de contínuas construções e afetamentos que acontecem simultaneamente, e ao passo que a cidade pode tanto facilitar quanto dificultar as relações na dimensão humana. Corpo-Cidade, Cidade aberta e fechada, construir e habitar¹¹ são dialéticas necessárias para compreender a reprodução e o surgimento constante das cidades ao longo do tempo.

A geógrafa Ana Fani Alessandri Carlos (2013), levanta a reflexão de que é preciso pensar uma dialética homem-espaço, onde sociedade e espaço não podem ser vistos sem vínculo relacional. A autora dá ênfase ao fato de que o indivíduo é agente da produção do espaço e suas relações sociais são responsáveis pelas modificações econômicas, políticas e culturais, que fazem da cidade uma criação humana que coincide com o modo próprio do homem em produzir sua existência e a si mesmo (Carlos, 2013).

Os apontamentos de Fani, de certa maneira, também são uma revisita aos estudos de Lefebvre em “O Direito à cidade”¹² e em “Metafilosofia”¹³. Neles, o filósofo fala de sociedade e espaço, sob a visão de uma realidade metamórfica de produção que faz reflexões acerca de uma inversão da prática social, em que uma industrialização é produtora do urbano. Segundo as reflexões de Lefebvre, tais mudanças são provocadas pela velocidade do tempo de produção industrial que apontam para mudanças do homem, da vida cidadã e da cidade,

¹¹ SENNETT, Richard. Carne e Pedra. Trad. Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: Record, 1997. SENNETT, Richard. Construir e habitar: *ética para uma cidade aberta*. Trad. Clóvis Marques. 1ª. Edição: Rio de Janeiro: Record, 2018.

¹² LEFEBVRE, H. La révolution urbanie. Gallimard: Paris, 1970. p. 128.

¹³ LEFEBVRE, H. Métaphilosophie. Syllepse: Paris, 1965. p. 142 -143.

submetidos a uma velocidade linear que tem incutida em si uma lógica de produção e divisões do trabalho, que estão (são) submetidas ao domínio de máquinas.

Se há pouco falava-se de Sennett e uma cidade que precisa pensar no habitar a partir de quem a habita e que nem sempre isso acontece em seu planejamento, o que pode demarcar cidades abertas ou fechadas; o que a geógrafa aponta e converge com Lefebvre é que, uma cidade é um produto social com ininterruptos processos de reprodução que, nessa metamorfose reprodutiva, retrata forças e influências presentes (visíveis ou não) em sua materialização.

Em outras palavras, feito espaço-produto que é conseqüentemente modificado pelo desenvolvimento da sociedade ao longo da história, o espaço urbano é pensado como produto ao longo do tempo. Por conseqüência, isso exige reflexões acerca de desigualdades que colocam em cerco os modos de apropriação, as formas de uso e o modo como o espaço é dividido, o que vai mais profundo no estudo de modelos de planejamento abertos ou fechados. Ou seja, ainda que seguindo caminhos reflexivos distintos em origem, Sennett, Lefebvre e Fani convergem num entendimento sobre a presença de diversas forças que atuam na composição da cidade.

Por isso, a visita aos processos históricos de produção da cidade, também revelam a produção da riqueza e da pobreza, questionando por exemplo, a capacidade do sistema capitalista em atender às necessidades de parcelas cada vez maiores da população, porque a sociedade produz o espaço a partir de um paradoxo, onde o processo de produção é socializado, mas sua apropriação é privada, de tal maneira, que o espaço se produz ao mesmo tempo que produz desigualdades e conflitos.

Essa é uma conseqüência de modelos de planejamento que não se ocupam em pensar o espaço dividido e que, portanto, o planejam para atender interesses privados. Se o processo de materialização da cidade se relaciona com uma dialética homem-espaço, isso implica necessariamente o entendimento de relacionamentos no âmbito social, político, econômico e cultural. Colocando o indivíduo no centro dessa discussão, também se revela o espaço como humano, não simplesmente por ele habitado, mas por ele produzido. Logo, pensar cidades mais humanas ou abertas significa pensar espaços que superem os modelos sociais, políticos, econômicos e culturais vigentes, mas sobretudo, os desafios de reduzir desequilíbrios na nutrição desse organismo que é a cidade.

O corpo-cidade exige um olhar atento que precisa captar diferentes níveis de complexidade. Uma outra maneira de seguir nesse percurso metafórico é observar sua camada mais aparente, isto é, a “pele da cidade”. Considerando que a expressão (“pele da

cidade”) remeta a algo ao mesmo tempo superficial e profundo (a pele e suas camadas) o sociólogo Fabio La Rocca fala de uma “pele arquitetônica” para representar como a arquitetura da cidade é umas das primeiras imagens mentais que desenhamos quando pensamos nela. De tal modo, que ela envolve e protege os percursos do cotidiano, ao mesmo tempo que orbita nosso olhar constantemente. Pensando a cidade sustentada pela metáfora do corpo, a percepção da arquitetura é como a de uma “pele”:

A cidade é pensada como um corpo com um metabolismo composto por uma multiplicidade de atividades e relações de trocas, materiais e simbólicas, que animam os diversos fluxos vitais que circulam dentro dela. É uma visão que podemos bem resumir na aceção de uma cidade “energética”: uma energia que se libera e se irradia, no contexto em questão, no espaço como um todo, transpirando pelos poros dessa pele arquitetônica (ROCCA, 2018, p.29).

Na perspectiva de La Rocca, a arquitetura cumpre o papel de mostrar a aparência da cidade ao mesmo tempo em que capta a relação entre forma e indivíduo presentes nesse processo de leitura e construção de um imaginário. Essa possibilidade do imaginário é justamente o que abre precedente para várias leituras acerca dos espaços da cidade, e a ideia de pele apresentada pelo autor está tanto no plano simbólico quanto no plano funcional. La Rocca exalta que essa arquitetura gera cultura e participa de um imaginário individual e coletivo produzindo o espaço e os modos de vida numa espécie de composição de sensações que contribuem para que uma paisagem fenomenológica aconteça:

Ela cultiva a fragmentação, a colagem, a explosão de formas que compõem uma estética da diversidade e se torna, dessa maneira, um jogo de linguagem compatível com as interpretações múltiplas [...]. A linguagem arquitetônica com sua produção polissêmica e polimórfica e sua dominação visual-tátil é rica em si própria em diversas categorias de interpretação [...], se existe um devir cíclico das formas sociais, ele se aplica também às formas arquitetônicas. É a partir desse devir cíclico que nós podemos compreender as situações urbanas, arquitetônicas e paisagistas atuais, que desenvolvem um imaginário urbano específico e influenciam os modos de habitar o espaço. (ROCCA, 2018, p.37).

Essa arquitetura fala algo e informa sobre o estado das coisas, que enquanto corpo mostra uma metamorfose na ordem da complexidade. O que o antropólogo apresenta é um espaço oriundo de uma sucessão de instantes característicos das mutações que também se servem de tradições, traços do passado e memórias urbanas para se renovar em outros simbolismos. A paisagem arquitetônica que ele enfatiza, não é só produto da história, mas também a reproduz, incorpora e modifica. Toda essa metamorfose está apreendida na

paisagem de construções cheias ou vazias, de vias estreitas ou largas, etc., como elementos que se transformam conforme a relação humana com o espaço se aprofunda.

Colocando em voga uma expressão que parece ser de ordem e caos, o sociólogo francês fala de uma paisagem que manifesta formalmente o processo de produção dos espaços de modo aparente e imediato. Por isso, o aspecto fenomênico se apresenta como dimensão do real, enquanto aquilo que representa as relações criadas pela sociedade em cada momento do seu próprio processo de desenvolvimento. Segundo o autor, essa forma que se apresenta e que é histórica e concreta apresenta contrastes, afinal, a diversidade da utilização e construção da cidade provém de uma série de atividades que se complementam ou concorrem entre si gerando uma disputa de uso e construção.

Feita por uma concentração de pessoas que exerce suas funções a partir de uma divisão social que reproduz um sistema vigente, a cidade reflete as contradições e desigualdades presentes de uma disputa de uso, construção e ocupação dos espaços. A cidade aberta ou fechada relatada por Sennett e o vínculo relacional homem-cidade apresentado pela geógrafa Ana Carlos; em La Rocca, se apresentam a partir da paisagem arquitetônica como um espaço produzido e de produção, que através de sua pele arquitetônica reflete a dinâmica que produz e que a produz. Isso diz respeito a sua organicidade, ao seu movimento de vida. O espaço construído reflete a vida da cidade na inércia de seus prédios, diferentes em cada construção, com a circulação de pessoas, apressadas ou não, com sinalizações de trânsito ou não, propagandas escancaradas ou não, ruas de asfalto ou terra, etc. Uma pele que dá forma às atividades exercidas pelas pessoas a partir de necessidades que estão vinculadas ao sistema de reprodução vigente.

Por mais que a pele arquitetônica de uma cidade a coloque esteticamente apresentável, é preciso compreender suas camadas mais profundas e os demais processos que atuam pele adentro, já que essa primeira camada de pele nem sempre revela claramente suas complexidades e dimensões mais distintas. No dia a dia, ao se discutir a cidade, os assuntos concentram-se em seu planejamento urbano, transporte público, limpeza, emprego, segurança, educação, qualidade de vida, política, etc. Nos vários e mais informais espaços de debate, a cidade é tema em algum momento e de alguma maneira. Mas como a cidade se apresenta? Afastada das discussões cotidianas, ao percorrer ruas e avenidas, prédios e casas com lentes, focos e calibres diversos, as camadas mais profundas da cidade se revelam? Nem sempre isso é possível, nem sempre há disposição (individual e coletiva), nem sempre é permitido. Mas a cidade apontada por Sennett, Ana Carlos e La Rocca acontece o tempo todo diante de nossos olhos.

A metáfora que inicialmente propôs a visualização do corpo-cidade, apresentou um organismo que se constrói vividamente com certas aspirações de lutas, forjadas por necessidades e diferenciações de classe. Também mostrou a cidade como um lugar desafiado a resolver o tempo todo jogos de força que se aprofundam ao longo do desenvolvimento do sistema que a alimenta. Quanto mais profunda a exploração deste organismo, maior é a aproximação de um “estudo biológico” da cidade. É como se fosse necessário estudar a morfologia, fisiologia, anatomia, comportamento, origem, evolução e distribuição de toda sua matéria viva.

Atento às relações entre indivíduo e espaço, sociedade e espaço e como isso participa da origem e evolução das cidades, este primeiro momento é um convite para encarar a cidade com uso de várias lentes. Cientes de que um recorte específico será feito a seguir, até aqui, versaram-se provocações que se dirigem a complexidade de tudo aquilo que orbita um estudo sobre cidades.

É justamente por isso, por existirem inúmeros orbitais, por ser um organismo complexo, que para a pesquisa seguir, este recorte precisa ser feito. Para isso, observar-se-á uma pequena cidade brasileira e, dentro dela, agindo nela e com ela, um movimento específico que conjunta sujeitos e ações para uma proposta de transformação criativa da cidade.

Mesmo assim, será preciso penetrar muitas camadas. Para aprendê-las, será preciso considerar seus suportes construtivos, características urbanísticas e funcionais que compõe a cidade e que sustentam ambições e planos globais, ao mesmo tempo que suporta inesperadas manifestações de vida em sociedade que vão muito além daquela cidade que se vê sem observá-la. A arquitetura, com suas formas construtivas, é um suporte que dá função de uso e de valor aos espaços e interações, facilitando aproximações ou criam abismos de distância. A história é outro suporte que interage com a cidade atual num diálogo frequente entre passado e presente. Por considerarmos tudo isso, antes de aterrissar sobre o objeto de estudo, é preciso observar e refletir sobre o panorama da cidade. Portanto, descrever a cidade será a primeira etapa de nossas observações, que estarão ancoradas pelas reflexões sobre o corpo-cidade.

O cenário de observação é o município de Santa Rita do Sapucaí, que fica na região sul do Estado de Minas Gerais. Com pouco mais de quarenta mil habitantes, a cidade tem uma história de desenvolvimento ligada a eletrônica e a telecomunicação, e apresenta recentes investidas para ser reconhecida como uma cidade criativa. Para se posicionar assim, a cidade apresenta o movimento “Cidade Criativa, Cidade Feliz”, uma espécie de conjunto

de ações que observaremos a fim perceber em que medida o movimento afeta a dinâmica da cidade.

Antes, porém, é preciso trazer algumas referências ao conceito de cidades criativas, principalmente porque o termo “cidade criativa” em si gera dúvidas. Neste caso, começemos com o que o arquiteto Charles Landry entende nos anos 90 por “cidade criativa”. Segundo Reis (2012), o cenário em Landry encara a criatividade como algo transversal às atividades econômicas e estrutural às políticas de desenvolvimento, navega num período histórico que reflete a transição socioeconômica de um período pós-industrial para uma globalização, o que exige outras valorizações e a necessidade de pensar novos caminhos de desenvolvimento para as cidades com alicerces próprios e não apenas reproduções daquilo que deu certo em outros lugares. Segundo Reis (2012), é neste contexto histórico que Landry vai pensar sobre cidades criativas, isso sem deixar de estudar processos bem sucedidos de modelos anteriores a esse período, mas reconhecendo singularidades pertinentes ao período pós-industrial. Para Landry e Bianchini, as cidades são campos de eterna transformação e desafios e isso se revela na sua organicidade:

As cidades são seres vivos, porque têm fases de crescimento, estagnação e declínio. A viabilidade urbana é sua capacidade de se adaptar e responder à mudança das circunstâncias. Tais adaptabilidade e responsividade são maiores nas cidades cujas dimensões econômica, cultural, social e ambiental encontram-se igualmente desenvolvidas, até um nível de autossustentabilidade (LANDRY; BIANCHINI, 1995, p.23).

Os autores apontam para uma necessidade de equilíbrio entre essas dimensões para que seja possível encarar fases, que podem ser circulares entre movimentos de crescimento – estagnação – declínio – estagnação – crescimento, desde que haja um equilíbrio entre essas dimensões e um ciclo não se interrompa em declínio ou pare em uma estagnação permanente outros ciclos podem surgir, sem que ciclos anteriores efetivamente se encerrem. Isso também dialoga com a premissa da socióloga Sharon Zukin, que enfatiza que o problema é que as fases de estagnação e declínio podem derivar de “um balanço simples entre investimento e emprego: o capital se move, a comunidade não” (Zukin, 1995), ou seja, os ciclos precisam buscar equilíbrio entre desenvolvimento econômico e social. Por isso, as cidades criativas se tornam interessantes objetos de estudo, posto que suas articulações buscam solucionar seus problemas de formas não convencionais, transversais às estruturas econômicas e políticas tradicionais. Porém, não existe uma fórmula mágica e a criatividade não é a solução de tudo. O pesquisador de economia urbana Richard Florida traz colocações bastante pertinentes

sobre importância de perceber que a criatividade sozinha não resolverá os problemas da cidade:

Por si só a era criativa não resolverá nossos problemas, não melhorará nossas sociedades, não curará nossas desigualdades. Nos estados Unidos, os maiores centros criativos têm a mais alta incidência de desigualdade no país. Sem políticas e respostas públicas apropriadas, ela pode nos dividir entre os criativos que têm e os que não têm. Nossa tarefa é construir uma comunidade criativa, uma sociedade criativa, não apenas uma economia criativa (FLORIDA, 2005, p.198).

Não é a pílula da criatividade que resolverá o problema de uma sociedade que vive uma era na qual a aceleração das tecnologias da informação e da comunicação exige novas formas de organização que muitas vezes contribuem para o alargamento de distâncias sociais. O que existe são possibilidades de estados de equilíbrio, capazes de pensar novos processos para a cidade pautados na percepção de suas singularidades e fomentar inspiração e aprendizados, levando a cidade para um caminho em que a comunidade se perceba em movimento e que não apenas a economia se movimente. Para Charles Landry, a cultura deveria dar forma às questões técnicas do planejamento urbano mais do que ser vista de forma marginal. Ela precisa deixar de ser considerada apenas após questões de planejamento como habitação, transporte e uso fundiário terem sido resolvidas (Landry, 2000). Isso quer dizer que a cultura é sobretudo uma membrana que deve revestir todo o processo de (trans)formação de uma cidade.

Reis (2012) traz alguns aspectos que Landry aponta como característicos de cidades criativas tais como: a valorização dos recursos culturais, sobretudo a diversidade; a correlação entre recursos culturais e potencial de desenvolvimento econômico; políticas públicas transdisciplinares; maior participação cidadã; existência de incentivos à criatividade; infraestrutura criativa (hard) e estado mental favorável à criatividade (soft), que promovam ideias, manifestações e busca de soluções criativas em toda a sociedade e a economia e conclui: “esse é o ponto fulcral, ao propor um balanço entre a valorização dos talentos locais (ainda que latentes) e a atração de talentos externos à cidade (Reis, 2012, p. 35). Esses são movimentos que muitas cidades têm buscado aplicar, mas atuar neste formato transdisciplinar é um desafio muito grande.

Esses apontamentos que retratam possíveis “comportamentos” de cidades observadas como criativas, auxiliam no exercício dessa pesquisa que investiga o movimento “Cidade Criativa, Cidade Feliz”, encarando-o como uma tecnologia de comunicação (por isso um dispositivo) que interage com a dinâmica da cidade de Santa Rita do Sapucaí.

Para isso, nossa diretriz será cartográfica. Em primeira observação, este será o momento de rastrear a cidade de maneira aberta, atenta a sua pele, mas ainda distante do tato, do pouso e do reconhecimento atento. Como aponta Virgínia Kastrup (2015), o rastreio é um gesto de varredura do campo que acompanha as mudanças de posição, de velocidade, de aceleração e de ritmo que auxiliam na localização de pistas e signos de processualidade. Identificado esse primeiro modo de orientação, como perceber, acompanhar e registrar mudanças de posição, velocidades e outros tantos acontecimentos da cidade?

Segundo Luciano Costa (2014), o que se cartografa é o processo e nunca o fim, primeiro porque o fim nunca é, na realidade, o fim; segundo, porque a cartografia é movimento e variação contínua. Posto isso, esta pesquisa não pretende dizer que Santa Rita do Sapucaí é algo ou alguma coisa, no máximo será possível dizer que, a partir de algumas lentes e de algum repertório, a cidade apresentou determinadas características e particularidades durante a pesquisa. Começar pela observação do corpo-cidade é observar suas composições arquitetônicas e urbanísticas, ruas e avenidas, espaços privados, públicos e suas interações, pontos de partida para se encontrar com ela e ver-a-cidade.

A aposta da cartografia é acompanhar o processo, o que requer habitação¹⁴, para manter-se no campo em contato com as pessoas e seus territórios existenciais, buscando aproximar-se em participação para que as experiências do estranhamento nos afetem. Cicourel (1980) fala desse processo de afetamento a partir do estranhamento e de como ele afeta tanto o território estudado quanto o pesquisador e que é corroborado por Caiafa (2007), ao sugerir a necessidade do pesquisador de incluir-se de uma forma problemática na pesquisa. O que ambos os autores querem dizer é que o estranhamento na cartografia envolve, além da convivência, o problema da posição assumida e da relação estabelecida com os participantes, por meio do qual a situação da pesquisa oferece certo atrito e é esse atrito que impulsiona o pensamento e traz novidades. “É preciso estar disponível para a exposição à novidade, quer se a encontre longe ou na vizinhança. Trate-se de uma atitude que se constrói no trabalho de campo. É que o estranhamento não está dado, é algo que se atinge, é um *processo* do trabalho de campo” (Caiafa 2007, p. 149). Por mais que o objeto não seja necessariamente a cidade, não é possível isolá-lo de suas conexões com a cidade, com o mundo e nem com as articulações históricas. Justamente porque a cartografia se propõe a desenhar redes de força em que o objeto está conectado, retratando suas movimentações e modulações permanentes.

¹⁴ Barros e Kastrup ressaltam que nesta medida, a cartografia se aproxima da pesquisa etnográfica em sua maneira de imergir, observar e descrever. Passos, p. 56, 2015.

O que ocorre durante tais registros é que o pesquisador precisa se abrir ao encontro, desafiado a evitar o predomínio da busca por informação, a fim de que o encontro de fato aconteça.

A partir da observação cartográfica descrita em primeira pessoa e orientada pela metáfora corpo-cidade, os relatos a seguir pretendem levar o leitor pelos mesmos caminhos que o cartógrafo percorre durante a pesquisa, com o objetivo de evidenciar os encontros que em dada medida nos convidam a ver-a-cidade, ou ainda, encontrar-a-cidade.

Observações do Corpo-cidade: A pele que reveste a cidade de Santa Rita do Sapucaí

Antes de iniciar esse relato é preciso introduzir algumas informações sobre minha relação com a cidade que antecede essa pesquisa. Já frequento as atividades da cidade há alguns anos e justamente a maneira como a cidade se transforma foi o que provocou em mim o interesse por essa pesquisa e foi o que me levou ao mestrado. Passei a frequentar a cidade em 2013, período em que nasce o programa “Cidade Criativa, Cidade Feliz”. Na época eu era Secretário Adjunto de Cultura em um município vizinho com pouco mais de cento e cinquenta mil habitantes (Pouso Alegre) e tinha concluído uma pós-graduação em gestão e políticas culturais pela Universidade de Girona em um acordo Brasil/Espanha selado pela Unesco. Os estudos da especialização, somados ao papel assumido como Secretário Adjunto, me levaram a estudar outros modelos de gestão e, por entender que aspectos regionais são importantes, resolvi observar o que acontecia no âmbito da cultura em cidades vizinhas.

Muito rápido percebi que Santa Rita do Sapucaí realizava ações diferentes das demais cidades, mesmo em cidades com mais de três vezes sua receita e população (como era o caso de Pouso Alegre, Poços de Caldas e Varginha). Minha relação de estudo começa bem cedo. Desde então, já participei de eventos da cidade como espectador e também como agente cultural em palestras, rodas de conversa, atividades dentro do instituto de telecomunicações e outros eventos promovidos na cidade. Já fui afetado por ela e ela já causou afetamentos em mim muito antes da pesquisa. Essa condição me permitiu um acesso tranquilo aos sujeitos que entrevistei, bem como a disponibilidade de circular e conversar com pessoas em espaços da gestão pública e nas instituições privadas de ensino ligadas ao objeto de pesquisa.

Estudar o “Cidade Criativa, Cidade Feliz” é um exercício que me provoca há bastante tempo. Dada essa relação anterior, é importante reforçar que, mesmo já participando de atividades da cidade (até mesmo do próprio “Cidade Criativa, Cidade Feliz”) como

consumidor e gerador de conteúdo, nunca me vi habitante da cidade, não devo me colocar como sujeito dentro do “Cidade Criativa, Cidade Feliz” dada minhas interações com ele, não me vejo neste lugar, ao menos não durante a pesquisa. O esforço de olhar a cidade na tentativa de que ela se apresente ao observador é um exercício que fez todo sentido nesta pesquisa, mesmo ciente de que será preciso muita atenção para separar a cidade que eu já conhecia da cidade que procuro conhecer por meio de outras lentes.

Entrar na cidade foi o primeiro passo, e pelos acessos rodoviários que margeiam Santa Rita do Sapucaí mais uma vez entrei, agora com outras lentes e outros propósitos. A entrada da cidade por si já é um convite a informações históricas. A antiga estação fechada e as casas que a vizinham do outro lado da rodovia remetem a tempos em que o deslocar entre cidades tinham outras velocidades, e as pequenas casas no entorno da estação que em muitos lugares compunham as vilas de ferroviários remetem a paisagens de outros tempos.

Foto 6 (conjunto de 4 fotos): Entrando em Santa Rita do Sapucaí.



Fonte: Google imagens, 2020.

Mapa 1 (conjunto de 3 mapas): A cidade e seus mapas - Década de 30, final da década de 40 e 2018.



Fonte: Google imagens, 2020.

A Estação e as casas da vila ferroviária foram inauguradas em 1894 e margeiam a BR na direção da cidade de Itajubá (MG) e o Vale do Paraíba (SP). Segundo Giesbrecht (2017), a viação férrea do Sapucaí foi aberta como E. F. do Sapucaí em 1887 e o primeiro trecho de linha até Itajubá foi inaugurado em 1891, partindo de Soledade na E.F. Minas e Rio. Em 1897 chegou a Sapucaí, na divisa com São Paulo, tendo cedido o trecho que chegava a Itapira à Mogiana bem antes disso. Incorporada pela Rede Sul-Mineira em 1910, daí à MRV em 1931, VFCO em 1965 e finalmente à RFFSA em 1975, os trens de passageiros deixaram de circular no final dos anos 1970 e os trilhos foram retirados a partir de 1986. Aquela região sempre esteve a margem da rodovia, mas certamente Delfim nunca esteve a margem da rodovia como aquele casal de catadores de recicláveis.

Chegando ao primeiro acesso, a imagem de Santa Rita parece cumprir o papel de um portal, marcando a entrada da cidade, a devoção e sinais de uma herança cristã que, acompanhada do símbolo maçônico, reforçam arranjos tradicionais. Mas Santa Rita do Sapucaí não pulsa inovação e tecnologia? Isso conversa de que maneira com símbolos tão tradicionais? Como a cidade os influencia e como eles a influenciam? São estas as discussões que passam pela observação da dinâmica da cidade. Inovar muitas vezes é romper com tradições. Neste caso, quais tradições dão lugar as inovações? Reconhecer a presença simbólica de elementos que marcam essa presença do tradicionalismo na geografia da cidade é um exercício de calibragem das lentes. Existe muitos detalhes na pele arquitetônica da cidade que podem ser observados para que não se perca de vista a atuação de possíveis forças que muitas vezes estão ali, atuando virtualmente na arquitetura.

No caminho, cerca de quatrocentos metros depois de passar por esses símbolos de tradição, à direita da via está a incubadora municipal. Lugar de desenvolvimento de empresas e fomento da economia local, criada em 1999, a incubadora que prevê convênios entre as instituições de ensino FAI, INATEL e ETE tem como objetivo estimular o crescimento social da cidade oferecendo condições para o surgimento e desenvolvimento de empresas de base tecnológica. Logo depois de símbolos tão tradicionais, os movimentos de inovação e empreendedorismo começam a se apresentar, em perspectiva de possíveis diálogos entre tradição e inovação. Mais tarde descobri que a cidade conta com outras incubadoras e que essa prática é um exercício antigo da iniciativa privada e do poder público. A estética inicial da cidade me instigou a refletir sobre a relação tradição versus inovação; e pensando um pouco sobre isso, as inovações que trazem para a cidade perspectivas de desenvolvimento econômico possivelmente não geram muitas discussões contrárias; tensões devem acontecer com a mudança de modelos, políticas de gestão, mas em geral inovações para o desenvolvimento econômico local são melhor compreendidas do que, por exemplo, disputas de tradições culturais e sociais.

Foto 7(duas fotos): A incubadora Municipal



Fonte: Fotos tiradas durante a pesquisa de campo.

Seguindo pela avenida chega-se ao centro da cidade. Uma pequena ponte seguida de um semáforo revela a praça central. Ainda que de mão dupla, a pequena ponte produziu uma sensação de estreitamento em mim e, a ideia que me tomou o pensamento foi que de que aquilo talvez fosse um problema em horários de pico. Após voltar inúmeras vezes a cidade notei que para mim realmente isso era um problema, pois, a sensação de espera antes da ponte, na ponte e logo depois da ponte eram angustiantes. Questionei se minha noção de tempo é muito diferente da de pessoas da cidade, talvez fosse um incômodo só para mim, que por mais que visitasse frequentemente a cidade eu ainda não havia absorvido o ritmo dela. A sensação de desconforto pela espera no trânsito de uma cidade que em meu imaginário nem deveria ter tanto trânsito assim me fez pensar em como nosso deslocar influencia a maneira que percebemos a cidade. Algumas visitas depois me fizeram refletir sobre ritmo e a soma dos mais variados ritmos (individuais e coletivos) que desenham uma cidade. As inúmeras velocidades atuando no mesmo corpo-cidade, na diversidade rítmica dos encontros, uma síncope rítmica dos diferentes sujeitos circula e manifesta um ritmo próprio, como se encontrasse alguma equalização. Em muitos momentos eu estive fora de equalização em relação a cidade.

A praça central não apresenta nada de muito diferente do que se vê em cidades do interior: coreto, fonte, clube recreativo e igreja desenham uma praça arborizada e preenchida por bancos. No entorno da praça poucos imóveis antigos como o fórum e o cinema rememoram momentos diferentes da história em sua arquitetura: o cinema, por exemplo, data do fim da primeira década do século XX, o prédio atualmente fechado passou por reformas e o que se vê hoje não é a mesma edificação original. No início da praça há uma extensão do Country Clube onde funciona sua academia. O Country Club de Santa Rita do Sapucaí foi pensado em 1959 por Benedito Capistrano e inaugurado dois anos depois. O primeiro cinema da cidade foi inaugurado em março de 1912 que posteriormente deu lugar a companhia sul

mineira de eletricidade, mas em 1917 outro cinema foi inaugurado, o Cine Theatro Santa Rita (que desde 2019 encontra-se fechado e com projetos de reabertura administrados pela prefeitura municipal).

Foto 8 (conjunto de 5 fotos): Cine Teatro em 1912 e 2019 - interior em 1930 - Country Club década de 60 e em 2019.



Fonte: Fotos históricas, Google imagens, 2020. Fotos tiradas durante a pesquisa de campo.

A direita da unidade do clube, aos pés da praça, segue uma avenida dividida por canteiros com alguns estabelecimentos comerciais a direita, a esquerda a rodoviária (prédio bem simples, bem ao estilo de cidades de interior, contando apenas com três *boxes*), um ginásio poliesportivo e um grande campo de futebol. Mais ao fundo o mercado municipal. O ginásio poliesportivo e o estádio municipal demarcam os primeiros espaços públicos de

práticas desportivas. A cidade ainda apresenta inúmeros parquinhos infantis que estão espalhados pela cidade e outras quadras poliesportivas em algumas praças da cidade, uma pista de skate às margens do rio ainda na região central e outro grande ginásio num bairro mais distante da região central. É possível que existam outros espaços de práticas de desporto que não mapeei.

O pequeno mercado municipal, assim como em muitas cidades, é um ponto de encontro entre pessoas, além de fomentar pequenos negócios rurais e alguma culinária e especiarias gastronômicas tipicamente mineiras e do interior paulista. É interessante como os mercados municipais de certa maneira remetem ao passado, ou são pequenas partículas do passado no presente. Sem muitos aparatos tecnológicos, as mercadorias muitas vezes são negociadas em dinheiro, as estruturas dos espaços são bastante simples e o diálogo sem pressa parece um hábito local (ao menos naquele mercado). Como nas cidades de interior, a pequena rodoviária conta com poucos pontos de parada, um pequeno ponto de táxi, duas pequenas lojas de conveniências e dois guichês de atendimento que recebem uma pequena circulação de pessoas e poucas linhas intermunicipais e interestaduais que passam por ali. Há, na história da cidade, um pequeno aeroporto, que não existe mais.

Foto 9 (conjunto de 6 fotos): Ginásio Poliesportivo Municipal década de 90 e 2019 - Mercado Municipal em 1926 e 2019 - Rodoviária em 1978 e 2019.





Fonte: Fotos históricas, Google imagens, 2020. Fotos tiradas durante a pesquisa de campo

Seguindo a avenida Sinhá Moreira apresenta-se a Escola Técnica de Eletroeletrônica – ETE, espaço que ocupa um dos papéis mais importantes na história da cidade, responsável por boa parte do desenvolvimento econômico local. Contam os livros que, na década de 40, a cidade recebeu de volta Luzia Rennó Moreira (Sinhá Moreira), uma mulher oriunda de uma família de aristocratas do café que regressa disposta a compartilhar seus conhecimentos e recursos (financeiros e contados) com o objetivo de mudar o contexto da cidade. A Sinhá, que havia sido casada com um diplomata, ainda tinha na família políticos de grande influência, como por exemplo ex-presidente Delfim Moreira. Luiza Rennó, que sabia muito bem usar suas influências, articulou pessoalmente com o então presidente da república Juscelino Kubistchek a criação da primeira escola técnica de eletrônica em nível de ensino médio da América Latina (ETE), fundada em Santa Rita do Sapucaí em 1959.

A criação da escola foi responsável por um novo marco de desenvolvimento local que perpetua até os dias de hoje e impacta principalmente a esfera econômica. Reflexo da fundação da escola técnica, a cidade passou a produzir conhecimento em áreas da eletroeletrônica e desde os anos 60 exporta profissionais para outros estados e para fora do país. Esse impulso do conhecimento na cidade provocou a criação de outras duas importantes instituições de ensino superior locais. Em 1965 também foi fundado na cidade o Instituto Nacional de Telecomunicações, centro de excelência no ensino e pesquisa em engenharia com ênfase em telecomunicações. Mais tarde em 1971, foi fundada a FAI – Faculdade de Administração e Informática.

Foto 10 (conjunto de 8 fotos): ETE anos 60 e maquete de 1959 - FAI 2019 - INATEL 2019 - Instituto Moderno de Educação e Ensino década de 30 (posteriormente deu lugar ao INATEL).





Fonte: Fotos históricas, Google imagens, 2020. Fotos tiradas durante a pesquisa de campo.

Ao circular pelas ruas entre as instituições de ensino pode-se cruzar com uma estética urbana bastante mista. Casas populares se misturam com casas arquitetonicamente mais robustas. Mesmo assim, algumas ruas separavam social e economicamente os moradores entre uma rua e outra. Entre ruas largas e casas de dois andares e lotes inteiros, outras ruas surgiam tão apertadas que pareciam ser de um tempo em que carros não eram necessários por ali.

Foto 11 (duas fotos): As ruas da cidade - Avenida da FAI e Bairro da Eletrônica.



Fonte: Fotos tiradas durante a pesquisa de campo.

Próximo a uma quadra poliesportiva que dividia um conjunto de casas arquitetonicamente mais simples e pequenas, de casas de maior extensão e design mais elaborado, desci do carro e fui conversar com um senhor que lavava a calçada de sua casa. Perguntei a ele onde eu estava ele disse que estava no Jardim Santo Antônio. Como quem não tinha percebido a diferença estética das casas de um lado e do outro da praçinha eu perguntei se toda a região (apontando para o outro lado) era Jardim Santo Antônio, ele me respondeu com um sonoro e alongado “nããã! Ali é o bairro da ETE, tem uma região aí que tem um monte de casas doadas”. Se as divisões de classe nem sempre são visíveis, ao trocar as lentes é possível enxergá-las e perceber que algumas vezes elas já estão virtualmente ali há muito tempo.

Foto 12 (conjunto de 4 fotos): Os dois lados da praça da criança demarcam duas áreas de diferentes classes socioeconômicas da cidade.



Fonte: Fotos tiradas durante a pesquisa de campo.

Segundo Fontes (2007), Santa Rita do Sapucaí foi um dos primeiros modelos de habitação popular do país. A área urbana sugerida pelo morador como uma região de casas doadas na verdade está próxima ou compõe uma região que fez parte de um projeto financiado que ofereceu casas a preços populares e que atendia as demandas da classe operária de 1952. O que o “Não!” daquele morador mostrou é que apesar do silencioso contraste que separa os dois bairros, para ele existia uma distinção com outras luzes, aquele “bairro da ETE” não tinha o mesmo valor que o bairro em que ele morava, e não era só um aspecto econômico que motivou aquele sonoro não, mas tantos outros aspectos socioculturais que certamente orbitam a questão.

Outro aspecto da arquitetura urbana das áreas que já havia observado, é o fato de que duas das três escolas encerram longas avenidas de tal maneira que é possível avistá-las ao longe como final de um caminho. No caso do Instituto de Telecomunicações (INATEL) isso é ainda mais interessante, posto que fica em uma colina que revela o prédio ao longe do elevado que termina dentro da escola (é quase uma sensação de ascense). É comum nas pequenas cidades esse desenho onde uma avenida termina na igreja matriz que fica em uma colina e em Santa Rita não é diferente, afinal, coisas nascem e acontecem entorno da igreja e durante muitos anos, por uma herança cristã, as igrejas foram senso de direção para

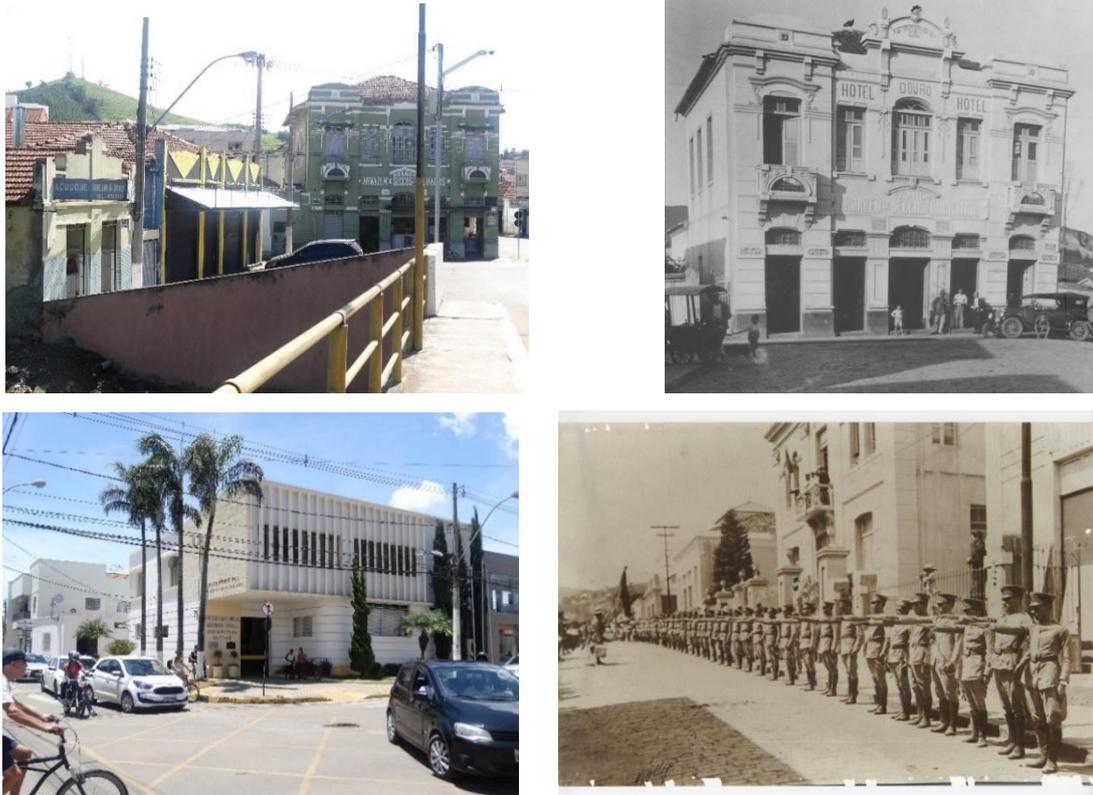
sociedade, sobretudo nos processos catequéticos e de desenvolvimento cultural no urbano. As escolas, que são marcos do desenvolvimento econômico da cidade, parecem também ocupar esse papel de direcionamento. A cidade, que cresceu em torno da igreja, em dado momento da história passa a ser orientada pelas escolas. Depois de percorrer as ruas que me levaram à escola de eletrônica, a faculdade de administração e ao instituto de telecomunicações, resolvi sair da cidade por onde entrei para entrar na cidade pelo outro acesso.

Este segundo acesso me recebeu com uma pequena praça e um casarão de arquitetura antiga logo a esquerda, casa em que viveu Delfim Moreira, décimo presidente do Brasil e onde, atualmente, se instala o museu municipal. Não há comunicação visual que aponte claramente que aquela casa é o museu, a priori passei por ela e apenas observei de longe. Foram necessários alguns meses para descobrir que lá era o museu e que havia sido a residência de Delfim Moreira. Ainda me pergunto porque o museu fica no acesso/saída da cidade e porque tão discreto, quase oculto.

Logo a frente, assim como no outro acesso, há uma pequena ponte (desta vez bem mais próxima) e seguida de um grande e velho armazém que, disponível aos olhos abre uma longa avenida que leva à prefeitura municipal. O lado direito da avenida liga-se à praça da igreja matriz e o esquerdo leva a uma grande área de baixada ao nível do rio, onde, quanto mais próximo da margem do rio, mais simples era a arquitetura das moradias.

Foto 13 (conjunto de 6 fotos): O segundo acesso da cidade – Praça Delfim Moreira – Ponte José Almeida Neves – Empório Secos e Molhados na década de 30 e 2019 - Prefeitura Municipal ao lado da praça central e em 2019.





Fonte: Fotos históricas, google imagens, 2020. Fotos tiradas durante a pesquisa de campo.

A cidade seguiu ruas e avenidas numa mistura entre residências, comércios e algumas indústrias. Entre essas misturas arquitetônicas surge o “Centro empresarial Paulo Frederico de Toledo” em referência ao vice-prefeito conhecido por “Paulinho Dentista”, que idealizou o “Vale da Eletrônica” que na década de 80 do século XX pretendia impulsionar de forma sustentável, através de um ecossistema industrial composto por indústrias locais.

Em 1985, o então vice-prefeito Paulo Frederico desenvolve a estratégia publicitária: “Vale da Eletrônica” e, depois de participar de uma feira de eletroeletrônica promovida pela Associação Brasileira da indústria Elétrica e Eletrônica (ABINEE), onde apresenta a cidade como um ambiente “fértil” para o desenvolvimento de indústrias do ramo, Santa Rita do Sapucaí passou a receber os primeiros contatos de empresas interessadas pelo “Vale da Eletrônica”, *slogan* que acompanha a cidade a partir de então. Segundo os transcritos da obra do jornalista Carneiro (2017), Sérgio Raciotti proprietário da agência de publicidade MPM, responsável por materializar o desejo do vice-prefeito, relatou que:

Havia na cidade uma porção de vertentes, mas nada identificado como personalidade. Na hora em que o conceito foi sintetizado, isso se tornou uma sinergia. Com o nome “Vale da Eletrônica”, transformamos aquele movimento em uma marca, autenticamente reconhecida por qualquer pessoa que esteja militando no setor. Como um estudante, empresário ou vendedor, eles sabem do que se trata; antes não. Isso beneficiou uma cidade inteira e toda uma região. Tornou possível uma porção de coisas. (CARNEIRO, 2017, p.75).

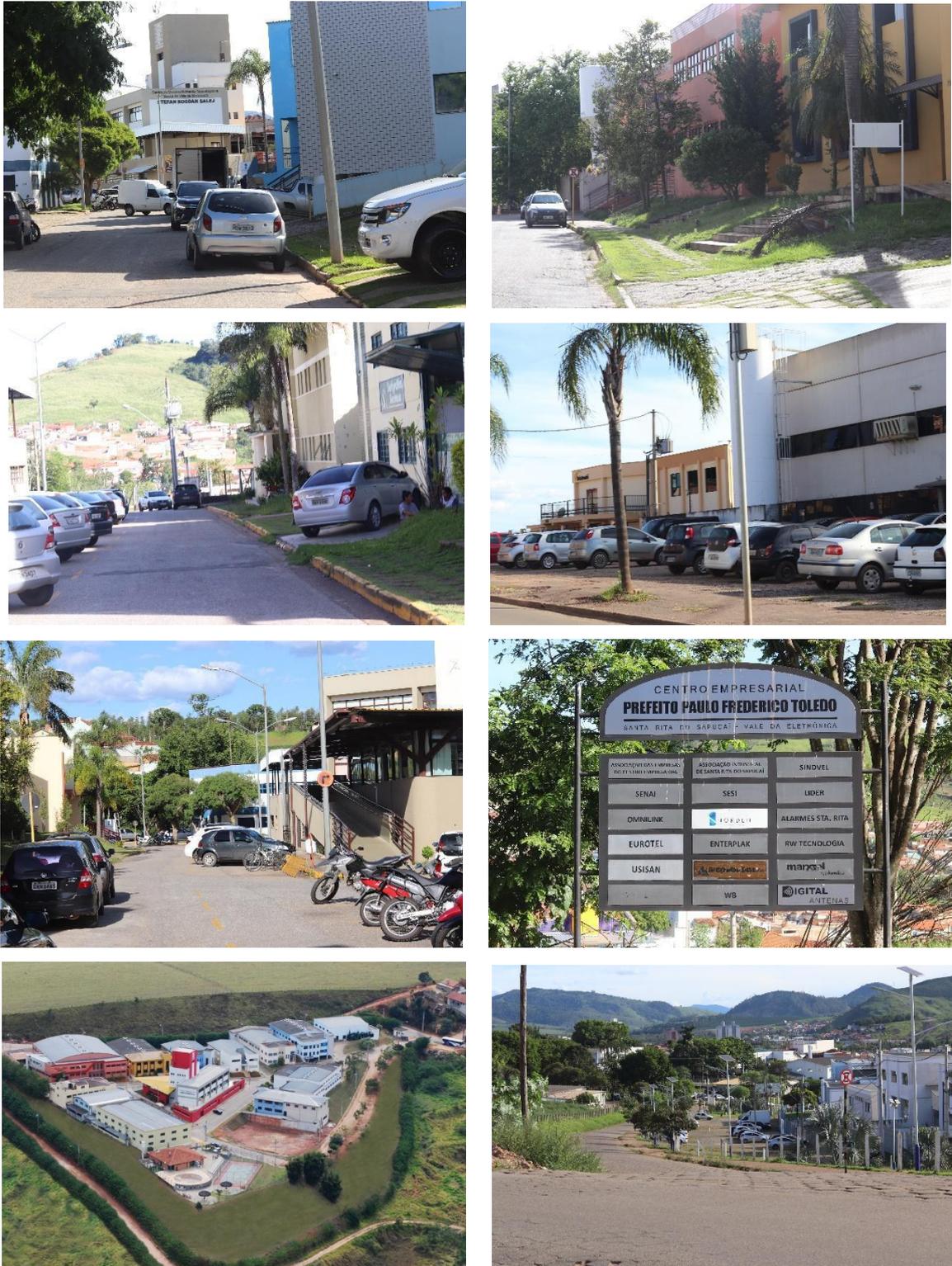
Graças aos movimentos iniciados por Paulinho Dentista, a cidade conta, atualmente, com mais de 150 empresas instaladas e é um consolidado e referente polo tecnológico. Os mesmos relatos históricos trazidos pelo empresário Pedro Koscak mostram uma outra leitura importante sobre a escolha do nome “Vale da Eletrônica” e como isso impactou o contexto local, principalmente como isso mudou a maneira como a cidade era vista de fora para dentro:

O rótulo, “Vale da Eletrônica”, foi uma das coisas mais importantes que a cidade já criou. Por trás dele existe um projeto. Tais projetos são enxergados pelos órgãos de fomento ou pelo estado como algo promissor. Desta forma, os investimentos não vão para uma iniciativa isolada, mas para o “Vale da Eletrônica”. Sob esse ponto de vista, fica bom para quem investe e melhor ainda para quem consegue usufruir. Com isso, conseguimos dar passos largos no crescimento da cidade. Neste período, a população não cresceu muito, mas a qualidade de vida tornou-se cada vez melhor. (CARNEIRO, 2017, p. 76).

A cidade que criou uma marca e buscou mudar a maneira como era vista seguiu seu fluxo de desenvolvimento estratégico e econômico. No ano de 2009, várias instituições da cidade, em parceria com a Faculdade de Administração e Informática – FAI se reuniram para formar o BIDI (Bureau de Informação, Desenvolvimento e Inovação do APL Electroeletrônico de Santa Rita do Sapucaí), financiado pela FAPEMIG, onde se desenvolveu o Planejamento Estratégico do APL.

Com a confecção e formalização do APL é possível ver como as ações realizadas no período de Sinhá Moreira ainda se faziam presentes como forças que atuam na cidade auxiliando o movimento guiado por Paulinho Dentista. Não uma sobreposição de períodos que marcam encerramentos e aberturas de ciclos, são ciclos diferentes, mas que parecem atuar em conjunto, cada um com seu protagonismo e vez. A possibilidade de estagnação dos movimentos promovidos por Sinhá Moreira dá pulsão aos movimentos promovidos por Paulinho Dentistas e ambos ainda atuam na cidade. Até aqui as andanças pela cidade me mostravam que dois marcos históricos da cidade eram muito claros: a criação da ETE por Sinhá Moreira e o Vale da eletrônica por Paulinho dentista (histórias que pretendo resgatar adiante).

Foto 14 (conjunto de 8 fotos): A cidade industrial: O aglomerado industrial do Vale da Eletrônica.



Fonte: Fotos tiradas durante a pesquisa de campo.

Saindo do centro empresarial, um conjunto de bairros aparentemente bem populoso era visto em colinas que pareciam marcar limites urbanos da cidade. Se tratava da “Nova Cidade”, um conjunto de bairros já mais distantes do centro e que levavam esse nome popularizado entre os moradores dos bairros que compõem a região. Uma região que demonstra necessidade de avanços na infraestrutura urbana, como pavimentação, mas que,

aos meus olhos, precisava de mais que isso. Era preciso esquecer a ideia de “Nova Cidade”. A região geograficamente periférica, nos limites urbanos da cidade, é uma área de terrenos doados pela prefeitura municipal e que desde sempre é conhecida como “Nova Cidade”, há mais de 30 anos. Inúmeras barreiras podem ser construídas em torno das imagens que um nome (ou apelido) pode refletir.

Os bairros estão com obras públicas de pavimentação e possivelmente em pouco tempo tudo estará pavimentado e os detalhes de infraestrutura que pode-se notar como carência estética local logo serão sanados. Mas nem sempre cumprir as demandas de infraestrutura e qualidade de vida de uma comunidade são capazes de gerar pertencimento e rupturas de barreiras virtuais. Essa fronteira virtual que separa a cidade com um nome coloca aquelas comunidades em outro lugar. A “Nova Cidade” para quem e para que? Com os meses de atividade de campo pude ver a presença efetiva da prefeitura municipal com ações que crescem na região, sobretudo com CCCF. Mas em tom de crítica, entendo que a ideia de “Nova Cidade” precisa ser repensada, de modo que não segregue, única função que consegui visualizar até aqui para tal nome.

Foto 15 (conjunto de 4 fotos): A "Nova Cidade"



Fonte: Fotos tiradas durante a pesquisa de campo.

Depois de dias andando por Santa Rita do Sapucaí, a impressão que tenho é de que, se alguém acessa a cidade sem saber exatamente o que a cidade fomenta em termos de tecnologia e entretenimento não perceberia algo muito diferente de uma pequena cidade do interior. No pacato movimento urbano, a tecnologia caminha virtualmente pela cidade e não percebi muitos elementos no plano arquitetônico que me apontasse a cidade como um polo

tecnológico. É preciso circular pela cidade orientado por esse viés para identificar as escolas e sobretudo o aglomerado de empresas que está distante dos olhos de quem rodeia apenas a região central da cidade e o entorno da praça da igreja matriz.

Em uma paisagem comum, a arquitetura da cidade não desperta novidades, patrimônios históricos se misturam com arquiteturas mais modernas e construções mais abastadas dividem espaço com casebres. Além das caminhadas, também circulei a cidade de carro e o seu planejamento e fluxo de trânsito enfrentam ruas que não foram projetadas para o crescimento da cidade que, diferente de grandes centros que expandem a cidade e inauguram novos centros e novos fluxos, Santa Rita do Sapucaí não demonstra uma expansão que planeje tamanha transformação física urbana.

Os aspectos históricos que me trouxeram até aqui através dos historiadores locais, livros, portais eletrônicos e da própria historicidade presente no cotidiano da cidade tiveram grande relevância nos momentos em que eu olhava para cidade e não enxergava sua vocação tecnológica tão proclamada. O que o corpo-cidade tem me mostrado, sobretudo com o auxílio da história é que as estratégias midiáticas daqueles que iniciaram movimentos de transformações na cidade, expressam muito melhor a cidade tecnológica e criativa que Santa Rita do Sapucaí é do que sua arquitetura é capaz de expressar.

O *slogan* “Vale da Eletrônica”, movimento midiático do então vice-prefeito Paulinho, expandiu a cidade para fronteiras econômicas que talvez Santa Rita do Sapucaí não vislumbrasse à época. Mesmo assim, e assim como o ciclo das Escolas promovidos pela Sinhá, em 2013 o CCCF inaugura o que entendo ser um novo ciclo de transformação da cidade. Movido por uma iniciativa conjunta, porém impulsionada pelo Vice-prefeito da cidade Professor Wander Chaves, a cidade inaugura o “Cidade Criativa, Cidade Feliz”. Como um conjunto complexo de eventos e festivais com vários formatos e inúmeros sujeitos que, de forma colaborativa, dão forma a uma espécie de calendário que preenche o cotidiano da cidade com atividades que vão de eventos culturais e gastronômicos, a rodadas de negócios, cursos e bate papos sobre tecnologia, empreendedorismo e inovação.

O movimento que cresceu ano a ano, em 2015 foi formalizado através da lei municipal número 4874/2015, que em seu texto institui o Mês da Criatividade e Inovação “Cidade Criativa, Cidade Feliz” no Município de Santa Rita do Sapucaí e dá outras providências, conforme segue texto na íntegra:

O Prefeito Municipal de Santa Rita do Sapucaí faz saber que a Câmara Municipal aprovou e ele sanciona e promulga a seguinte lei:
Art. 1º. Fica instituído o “Mês da Criatividade e Inovação”, durante o mês de agosto

de cada ano, com o objetivo de criar um ambiente favorável à inovação e ao desenvolvimento da economia criativa, através da conexão da tecnologia, do empreendedorismo, da arte e cultura, da ética e da cidadania, como elementos fundamentais à construção de uma sociedade mais humana, justa e feliz, com capacidade de sonhar coletivamente e realizar.

Art. 2º. Revogam-se as disposições em contrário.

Art. 3º. Esta lei entra em vigor na data de sua publicação. (SANTA RITA DO SAPUCAÍ, 2015)

O mecanismo legal é muito simples e cumpre o papel de formalizar o programa, mesmo assim, a cidade parece iniciar um outro percurso de desenvolvimento (um terceiro ciclo), ou ao menos diálogos mais amplos sobre desenvolvimento que até então, ainda que significativos para cidade, caminhavam sob o exclusivo viés econômico. A perspectiva de “Cidade Criativa” é explorada por Santa Rita do Sapucaí a partir de múltiplas vocações e a “Cidade Feliz”, segundo algumas falas de Wander Chaves, expressam uma utopia necessária à cidade. Posto o CCCF à mesa, essa vírgula que separa a “Cidade Criativa” (,) “Cidade feliz” marca o caminho que tomarei na próxima etapa de observação da cidade, isto é, vendo a vírgula como algo que está entre os dois enunciados, pretendo observar a cidade a partir de suas mediações, ou seja, observando suas interações (direções e tensões) e para isso, devo olhar com mais atenção essa cidade mídia, que parece ser mais explícita à mim. Será o “Cidade Criativa, Cidade Feliz” um novo *slogan* para cidade?

Enquanto lugar de produção do imaginário, a cidade toma importância na arquitetura do corpo-cidade, ou seja, os *slogans* são texturas, arquiteturas que precisam ser observadas, muito provavelmente como instrumento. No caso de Santa Rita do Sapucaí, por mais que a arquitetura da cidade não revele imediatamente a ideia de um polo tecnológico ou de uma cidade criativa, a arquitetura de seus *slogans* e ações interagem na produção do imaginário de uma cidade de base tecnológica. Por acreditar que o CCCF seja muito mais que um *slogan*, observarei antes dele a cidade como esse lugar de produção do imaginário. A partir de agora, caminho com o propósito de compreender melhor os processos de interação e afetamento que tocam indivíduo, sociedade e a própria cidade. Antes de observar a cidade por meio de seus espaços como meio comunicativo que se movimenta através de imagens e inusitadas interações (que muitas vezes tem cenas e motivos), discutirei a ideia de cidade mídia e mediação com o auxílio de alguns autores para só depois retomar minhas observações.

O HABITAR E OS ESPAÇOS COMUNICANTES: A CIDADE MÍDIA E A CIDADE MEDIAÇÃO

A história não deve ser o acesso imediato à cidade, a fim de deixar que ela se manifeste ao pesquisador. Mesmo assim, a dimensão histórica retrata os espaços de interação entre a cidade e os tantos sujeitos que com ela se relacionam. Mais que isso, ela apresenta o paradoxo que se instala entre interesses próprios e coletivos, de espaços públicos e privados que nela se manifestam explícita e implicitamente. A história participa da descrição, apropriação e do uso de espaços ao longo do tempo. Com ela, a cidade se revela.

Por conta desse paradoxo deontológico¹⁵, a cidade se põe como um lugar de lutas, contradições, disputas simbólicas de ideias e processos de sujeição. Produzida pelos sujeitos ao mesmo tempo em que os produz, a cidade é caracterizada por vários elementos e nessa diversidade sua potencialidade comunicativa se revela significativamente, afinal, as configurações que destacamos até aqui historicamente também apresentam vozes¹⁶ em seus espaços, o que nos coloca a exigência de observar como essas vozes se relacionam e o que expressam na cidade, como a cidade se comunica com elas (se é que se comunica) e como se expressa através delas. Se existe essa co-construção da cidade a partir da comunicação é preciso, observar as vozes que a sustentam e confrontam. É com essa intenção que a história pode auxiliar na percepção ou captação dessas vozes, posto que algumas delas ressoam a muito tempo ou se reconfiguraram por meio de outras vozes que por ora reverberam com maior força.

Se antes apresentamos a metáfora corpo-cidade, agora faremos uma analogia entre a cidade e seus mais variados conjuntos de vozes. Digamos agora que a cidade é um imenso encontro de corais, onde cada coral apresenta uma peça musical que expressa o repertório cultural de seu regente, onde ao mesmo tempo, cada voz expressa internamente suas particularidades vocais que às vezes solam em destaque. Essa analogia entre a cidade e suas vozes nos auxiliará na captura e representação de uma cidade que se expressa midiaticamente e de forma explícita e, ao mesmo tempo, capturar outra que só se revela implicitamente através de mediações.

¹⁵ A construção dos valores morais que regem a cidade deve lidar com razão prática e a liberdade e só pode ser atingida por uma vontade livre de agir por dever. O paradoxo deontológico acontece na medida em que as desigualdades da cidade impõem desproporcionalmente esse conjunto de valores seja no seu sentido lógico, jurídico ou político.

¹⁶ Entende-se por vozes, os sujeitos que interagem com a cidade e/ou entre si e compõe de alguma maneira o que a cidade é, ou apresenta ser.

Para que essa comparação possa fluir é importante explicar algumas coisas. A primeira delas é que, ao falarmos de corais, estamos enfatizando uma pluralidade que reflete diversidades e contradições. Ao mesmo tempo que essa pluralidade promove convergências ao se organizar, a diversidade realça a possibilidade de contradições. Nessa analogia, o conjunto de vozes que compõe um coral é lugar, em que pode ocorrer a percepção do outro e também uma relação mais individualizada do sujeito consigo mesmo (ainda com a potencialidade de relações de alteridade), há a convivência entre tantas outras vozes nos mesmos espaços (nos corais).

Também é possível um conjunto de corais que cantem diferentes peças musicais ao mesmo tempo ou interpretem a mesma peça, cada qual à sua maneira. Na metáfora corporidade vimos que as relações e os estímulos que acontecem na cidade são muitos, diversos e afetam a dinâmica da vida tanto humana quanto da própria cidade. É neste deslocamento, que está longe de ser estável e tampouco errante, que o sujeito gira mais intensamente em seu próprio centro, circula e também estabelece circuitos comunicantes pela cidade. Os corais são estes espaços em que o sujeito gira mais intensamente e, por serem muitos e diversos, são círculos comunicantes que se movimentam e interagem com a cidade.

Nestes ricos espaços de comunicação, as cidades crescem e estímulos visuais podem ganhar certa preponderância sobre a linguagem verbal, isso porque as imagens também possuem sua sonoridade e dialogam conosco em metalinguagem. As ruas são transformadas (ou extintas), as edificações se modernizam (ou assumem lugar de memória), os parques se reconfiguram (ou dão lugar a outras paisagens), os grafites e as escritas anônimas pintadas nos muros nos afrontam (ou nos inspiram). Cada um destes estímulos instalados na cidade pode comunicar conosco de alguma maneira e essa comunicação que muitas vezes é coletiva, também é espaço de experimentação da alteridade, ou seja, muito mais do que um lugar de acontecimentos sociais, culturais e políticos, a cidade é lugar de construção do sujeito.

Os tantos estímulos que compõem a cidade se expressam individual e coletivamente, permitindo que a subjetividade participe da construção da diversidade, ao mesmo tempo em que a sujeição acontece. A cidade tem várias linguagens e, como vimos, a arquitetura é uma delas, a pele arquitetônica também pode comunicar e dialogar. Habitar a cidade e construí-la também é uma prática comunicativa e, essa comunicação acontece com o ambiente e no ambiente. Nessa constante metamorfose, a cidade não é necessariamente a mesma cidade que todos veem. A ideia de visão coletiva da cidade é tão complexa quanto a infinidade de estímulos e instrumentos que a fazem ser o que são para quem escreve sobre ela, para quem lê, para os outros e para todos nós (neste caso, talvez nem seja possível um “todos nós”).

Apesar da cidade estar em constante devir, estudá-la é também investigar as vozes que se destacam nos corais, assim como, os corais que se destacam entre os demais e desenham práticas comunicativas da e na cidade. Quando se quer estudar a cidade, mesmo que ela se apresente, também é preciso realizar algumas viagens no tempo observando suas práticas comunicativas, posto que pensar relações comunicativas também significa observar e refletir sobre o progresso das informações dos/nos espaços e suas influências ao longo de sua história.

Novamente a respeito do contexto histórico que sublinha a cidade de Santa Rita do Sapucaí, a influência política de Sinhá Moreira se revela como um elemento importante para a realização de suas ações. Para implementar a primeira escola técnica de eletrônica da América Latina, certamente os sobrenomes Moreira e Bilac contribuíram muito. Segundo contam os livros, a Sinhá não mediu esforços para a construção da escola; porém, seu esforço pessoal e a influência política do Pai e Coronel, Francisco Moreira da Costa, de seu cunhado e Deputado, Olavo Bilac Pinto e de seu tio Delfim Moreira (ex-presidente da república) forneceram uma combinação singular para que o projeto da escola técnica se desenvolvesse com maior fluidez. É possível dizer que a influência política era um elemento essencial na voz da Sinhá.

Na obra de Lilian Fontes (2007), há relatos interessantes sobre decisões estratégicas da Sinhá para promover a escola. Uma delas conta que, seguindo na direção da formatura da primeira turma da escola, os futuros formandos foram até a casa de Sinhá Moreira para convidá-la para ser a paraninfa. A sinhá agradeceu o convite, mas sugeriu que o paraninfo fosse o então ministro da Educação Clóvis Salgado, para que o país soubesse que o ministro foi a formatura da primeira turma da ETE, justamente porque a festa não podia ficar restrita à cidade e tinha que ganhar suas devidas proporções. Em tempo, Sinhá e alguns alunos da escola foram pessoalmente levar o convite ao ministro e ainda tiveram um breve encontro com Juscelino Kubistchek. Outro relato conta que, certa vez, a Sinhá alugou um ônibus para levar alunos da escola técnica até a IBM e que, desde então, durante as décadas 60 a 80, todos os anos a empresa recrutava técnicos formados pela escola. Todo o trabalho da Sinhá, combinado com sua influência política, rendeu rapidamente frutos e já na década de 60 jornais como O Diário do Povo, O Estado de Minas, O Diário da Tarde, O Correio do Sul e a revista Cruzeiro apontavam a Escola Técnica de Eletrônica como um projeto pioneiro (Fontes, 2007). A influência política certamente foi um instrumento muito bem utilizado pela idealizadora da escola que, junto de suas estratégias de divulgação da escola, começaram a colocar uma cidade em evidência.

Foto 16 (duas fotos): Sinhá Moreira e o Ministro Clóvis Salgado – Sinhá Moreira em visita a IBM.



Fonte: google imagens, 2020.

Já em 1965, a criação do Instituto Nacional de Telecomunicações (INATEL) e na década seguinte a criação da Faculdade de Administração e Informática – FAI, consolidam uma imagem de Santa Rita do Sapucaí como referência regional e nacional em formação especializada. Alguns projetos entre INATEL e ETE na década de 70 apontam para os primeiros projetos municipais de incubação de empresas, o que foram responsáveis pelo surgimento de empresas como a Linear Equipamentos Eletrônicos que ganhou mercado em mais de 40 países. Santa Rita do Sapucaí sabia organizar suas vozes e, há muito tempo, seu conjunto peculiar de vozes eram capazes de produzir uma mídia eficaz.

O *slogan* “Vale da Eletrônica” é outra organização de vozes que apresentou grande sucesso nos anos 80. O projeto que apresentava a cidade como referência no fornecimento de mão de obra qualificada, produção de componentes e de um ambiente propício para novos empreendimentos do ramo da eletrônica e telecomunicações reforçou e ampliou os alcances midiáticos da cidade. No livro de Carneiro (2017), existem relatos do Jornalista Rubens Carvalho que recordam como “Diversos jornalistas, enviados pelos maiores jornais, revistas e emissoras de TV, começaram a desembarcar em Santa Rita” (Carneiro, 2017, p.75). O lançamento do *slogan* desencadeou inúmeras ações pela cidade e, com os anos novas empresas surgiram, um sistema de cooperação funcional também iniciava sua formatação. É possível perceber que acontecem mediações na cidade na medida em que a relação entre empresas e cidade fomentavam o surgimento de empreendimentos locais em que poder público e comunidade local trabalharam juntos para a consolidação de uma cidade polo de tecnologia.

Em 2013, com o surgimento do CCCF e a ideia de uma cidade ímpar, as proporções midiáticas da cidade são ainda mais amplificadas e marcam um novo ciclo. Sob o viés de uma cidade criativa e feliz, Santa Rita do Sapucaí demonstra como sabe explorar suas potencialidades e transformar tudo em um ótimo instrumento de publicidade. Mesmo assim,

toda essa capacidade midiática e aparente sinergia entre poder público, sociedade civil e iniciativa privada tem como pano de fundo o desenvolvimento econômico. Naturalmente, ampliando a arrecadação da cidade e levantando frequentes postos de trabalho, indicadores de renda e longevidade se mostram satisfatórios. Parece que, com o surgimento do CCCF, a cidade passa a discutir outras perspectivas de desenvolvimento para além de aspectos econômicos. Alguns eventos em formato de palestras e rodas de conversa enfatizam outros temas como políticas de gênero, direitos sociais e vulnerabilidades sociais e econômicas da cidade. Temas que aparentemente não eram “evidenciados” ciclos históricos da criação da ETE e do “Vale da Eletrônica”, ainda que se apresentassem incutidos na ideia de educação e emprego, passam a ocupar maior destaque com o surgimento do CCCF, dentro do “eixo”: ética e cidadania.

Obviamente, a maneira como a cidade é “vendida” quase sempre não corresponde a sua total realidade. Essa imagem de cidade que é polo tecnológico, que é criativa e feliz, é o que Lucrecia D’Alessio Ferrara define como “cidade mídia”, nas palavras da autora, uma “tentativa de criar um lugar através do qual se possa mimetizar e parafrasear lugares” (Ferrara, 2008, p. 45). Isso não quer dizer que Santa do Sapucaí seja uma cidade maquiada, cenográfica, ou coberta por um grande “filtro de Instagram”¹⁷, mas quer dizer que a cidade acontece muito além de seus *slogans* e que exige mediações que às vezes não são percebidas com a mesma intensidade que seus planos midiáticos.

Em suas pesquisas, Lucrecia Ferrara aponta que um estudo sobre cidades possui níveis de investigação que qualificam a cidade como objeto científico. Talvez, praticando uma aplicação que traga um caminho metodológico de investigação menos complexo, a autora aponte três níveis: meio, mídia e mediação. Isso porque um “estudo da cidade enquanto estrutura comunicativa exige atenção aos meios que a constroem como mídia eloquente, mas, não tem como impedir que ela se manifeste no cotidiano feito de interações imperceptíveis e imprevistas” (Ferrara, 2008, p. 44).

O corpo-cidade que discutimos anteriormente e sua pele arquitetônica é esse meio de informação concreta que a autora retrata como “matérias, formas, volumes e implementações utilizados para a construção do espaço edificado”, em que “sua essência se consolida na constante evolução técnica” (Ferrara, 2008, p. 44). Sobre essa dimensão comunicativa da cidade, Lucrecia retoma a história numa espécie de viagem no tempo, demonstrando como

¹⁷ Analogia aos filtros de tratamento de imagem comuns aos aplicativos de rede social, bem como a reflexão de que nem sempre o que é expresso nas redes sociais digitais condizem com a realidade do mundo físico, ou seja, não é só uma aplicação de filtros de software, mas sobretudo uma aplicação de filtros que maquiagem a realidade.

essa tecnologia dos materiais permitiu a construção de cidades com planos e programas que estimulavam ou impediam sua comunicação, ao mesmo tempo em que constituíam seu cotidiano.

Retornando à casas de argila e pedra defendidas por muralhas ou palácios e templos que faziam dos espaços fortalezas e cidadelas que se delimitavam fisicamente por montanhas (mas que também denotavam força), a autora passa por toda história retratando: Os gregos que aliaram à pedra formas quadrangulares e robustas para seus templos e a forma circular da ágora para um então espaço de debate; descreve as cidades medievais que aliavam certas cores às pedras, onde do interior das catedrais anunciavam ou escondiam a rivalidade entre a luz e a sombra; revisita as cidades renascentistas que expandem o horizonte de suas janelas; relembra o século 17 e 18 que hierarquizam os espaços centrais da cidade com suas grandes avenidas que revelavam visível ostentação enquanto os espaços periféricos escondidos destinavam-se aos menos favorecidos; ilustra o século 19, em que ferro e vidro desenham o comércio que indicava uma industrialização das cidades, agora com suas estações ferroviárias; por fim, remete à revolução industrial, que traz o urbanismo como técnica que deveria suprir os grandes contingentes populacionais, iniciando uma especialização do urbano a fim de criar cidades mais funcionais e democráticas.

Demonstrando a pele da cidade como meio de informação concreta, a viagem no tempo que Ferrara realiza também aponta para a imagem como a primeira forma de comunicação entre cidade e usuário através dos seus ícones/símbolos, justapostos ou não, são a primeira forma inteligível da arquitetura como código cultural.

Já a cidade mídia, para Ferrara (2008), liga-se à imagem da cidade como um dispositivo comunicativo que fragmenta e atomiza a paisagem para possibilitar uma linearidade salientada entre visualidade e um modo reconhecido de ver-a-cidade. A cidade mídia é um dispositivo que utiliza da imagem para atingir impactos persuasivos.

Por mais que os níveis de investigação apontados pela autora coloquem a investigação da cidade em um molde que é muito mais “organizado” do que os acontecimentos e encontros imprevisíveis de um estudo sobre cidades, eles apontam caminhos que orientam a observação. Neste sentido, trazer os níveis de investigação sugeridos pela autora servem para que, ao revisitarmos os ciclos históricos de Santa Rita do Sapucaí, possa-se perceber como a cidade mídia pode ter sido fortemente trabalhada ao longo dos anos na cidade. Bem como é possível vislumbrar uma dinâmica entre esses ciclos históricos anteriores ao CCCF, que na verdade não deixaram de existir e atuar na cidade e interagem com ele.

O que se pretende demonstrar é que o ciclo das Escolas não deixou de existir, mas deu protagonismo ao ciclo do “Vale da Eletrônica”, que por sua vez também não deixou de existir, mas deu protagonismo ao CCCF. Assim, esses ciclos históricos da cidade ainda se fazem presente num plano midiático e o que se vê é uma espécie de movimento entre eles, em que, estrategicamente, os ciclos anteriores às vezes são evocados para sustentar essa cidade mídia que sempre foi muito bem trabalhada em Santa Rita do Sapucaí.

Ao dimensionar a cidade nesses três níveis, essa conceituação de Lucrecia dialoga em dada medida com autores que conceituam uma ideia de modelagem da cidade. Massimo Di Felice (2009) por exemplo, aponta que a visão bíblica da natureza representa o objeto natureza como uma entidade submissa e de alteridade inferior, “coisa”, cuja identidade e características foram sempre redefinidas pela ação e interpretação humana, afinal o homem da visão cristã é criado à imagem e semelhança de Deus.

A Capela Sistina é um exemplo interessante de como a experiência urbana pode revelar formas comunicativas do habitar, ou seja, apresenta uma relação entre sujeito e cidade em um devir cíclico, em que a história é capaz de nos apresentar contínuas modelagens do sujeito e da cidade e em que, ao mesmo tempo algumas vozes (ou corais) se revelam em destaque. Encomendado pelos Papas Júlio II e Clemente VII, o teto da Capela Sistina foi pintado por Michelangelo entre os anos de 1508-1512 e 1536-1541. A obra que apresenta a Gênese pela Tradição Cristã e vai até os escritos do Juízo final é referência na história e nos estudos das artes. Mas, o que a Capela Sistina comunica? Sua comunicação ainda nos alcança? De que maneira?

Sua modelagem é visível quando observamos a capacidade comunicativa do espaço. Por isso é preciso estar atento as narrativas presentes. Neste caso, a relação humano-natureza presente na tradição cristã coloca seus elementos de “domínio” e se comunicando com e nos espaços também os configuram.

Foto 17: Elementos de Domínio – Capela Sistina



Fonte: google imagens, 2020.

A Capela Sistina se comunica com muitos de nós até os dias de hoje. Por meio desta tradição que coloca elementos de “domínio”, sua força e vínculo comunicativo se perpetuam no tempo personificando estes elementos que tomam conta do todo. Sobre esses elementos com capacidade de “vínculo comunicativo”, Di Felice aponta:

Se os elementos que instauram o domínio do divino e, conseqüentemente, também daquele humano sobre a natureza se encontram na tradição judaico-cristã (mas também na helênica e em boa parte da filosofia moderna), observa-se que, com o advento do pensamento racional-científico, as coisas não mudam qualitativamente. A concepção da separação opositiva entre o homem e o ambiente continuará, assim, a difundir-se no interior das mudanças históricas, assumindo, de vez em quando, formas diversas até atingir, em épocas mais recentes, dimensões novas que encontraram espaço no interior do espírito do positivismo e, sobretudo, no mito do progresso ilimitado (DI FELICE, 2009, p. 34).

Para o autor, essas “forças narrativas” que participam desse devir cíclico e se mantêm nos espaços com intensidades de comunicação não lineares, permanecendo ou ressurgindo em outros tempos de maneiras mutáveis, perpetuando uma força. Essa “força” inserida nesse devir e que se faz presente tanto nas cidades quanto nos sujeitos, é o que também se percebe na relação entre os ciclos históricos de Santa Rita do Sapucaí e na maneira como interagem entre si, mudando de posição para intensificar uma comunicação.

Além disso, o que Di Felice (2009) quer dizer é que essa modelagem se reveste de tecnologias de linguagem que se colocam aptas para perpetuar narrativas nos ciclos de transformação das cidades. Ainda tratando da tradição judaico-cristã e da relação de submissão da natureza em detrimento do homem (imagem e semelhança de deus), o autor fala de uma ciência social que, ao longo da história, também se vincula a esse paradigma cristão:

As ciências sociais, que tiveram origem e desenvolvimento exatamente naquela época, não conseguiram distanciar-se de tais percepções, construindo abordagens sobre sociedade e seus estudos no interior do paradigma humano-cêntrico e da contraposição homem-natureza que, mesmo se em alguns casos não ignorava a importância dos elementos ambientais, os inseria em uma concepção instrumental que os subordinava à ação do sujeito. (DI FELICE, 2009, p. 34).

Isso quer dizer que ocorre uma influência na realidade e nos acontecimentos sociais, ao mesmo tempo em que o desenvolvimento da sociedade impacta os espaços. Sobretudo, por meio de desenvolvimentos tecnológicos que são imputados na cidade, ou que são exigidos por ela a fim de solucionar seus próprios problemas em relação a sociedade, a maneira como as ciências observam esse desenvolvimento também é influenciada por essas

forças. O exemplo da Capela Sistina serve para demonstrar que há uma fabulosidade (estética e narrativa) em termos de meio, mas sobretudo que existem outras instâncias que interagem com a imagem para reforçar ou estabelecer certos vínculos narrativos, reforçar estratégias e cristalizar forças.

Outro exemplo interessante dessa força narrativa que utiliza da imagem para estabelecer vínculos é o caso da “Cidade Modelo” Curitiba PR (Brasil). Além disso, esse segundo exemplo serve para enfatizar um terceiro nível de investigação sugerido por Lucrécia ao estudarmos a cidade enquanto estrutura comunicativa: a mediação. No exemplo a seguir, a mediação acontece e se revela colocando a cidade mídia em xeque ao usar do meio e da própria mídia para revelar outro nível comunicativo que dissolve ou ao menos confronta fabulosidades arranjadas.

Atualmente, o número de moradores de rua de Curitiba surpreende os turistas com um cenário de desigualdade social que está fora de seus imaginários que ainda a reconhecem como a “Cidade Modelo”. Isso porque essa “Cidade Modelo” tem suas caracterizações visuais baseadas em espetacularizações de um projeto midiático repleto de processos representativos e de representações icônicas de desejo. A “Cidade Modelo” de Curitiba, se reduziu a uma quimera visual a partir de uma exposição de formas e materiais, porém, sem contemplar seus contrastes, desigualdades e sobretudo, sem prever ou considerar os efeitos comunicativos de suas mediações:

Foto 18: O paradoxo da cidade mídia

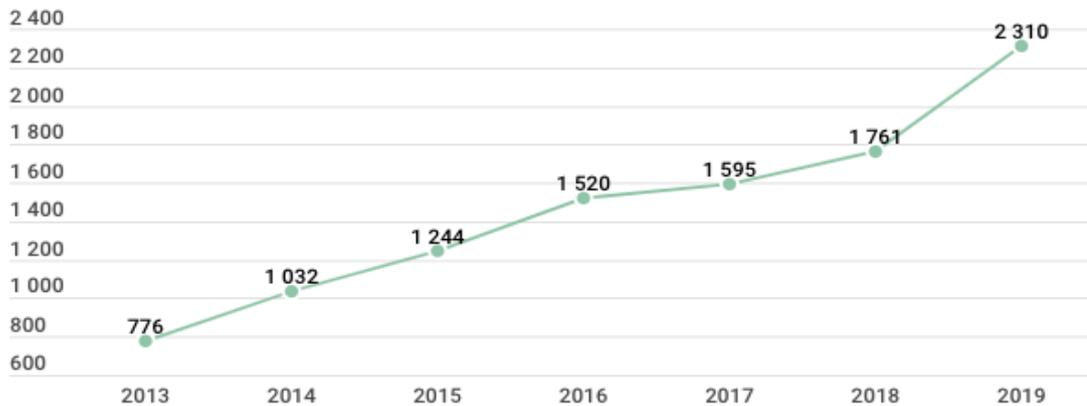


Fonte: google imagens, 2020.

Ribeiro (2019), apresenta uma base de dados do cadastro único que é utilizada pelo Ministério da Cidadania/Secretaria Especial de Desenvolvimento Social como ferramenta de definição para as políticas públicas para pessoas em situação de rua. Essa base de dados mostra que em julho de 2019 a cidade de Curitiba tinha uma população de 2,3 mil pessoas em situação de rua, um crescimento de 200% comparado com os dados de 2013. Isso imediatamente põe a ideia de “Cidade Modelo” em xeque:

Gráfico 1: A cidade média em xeque.

Moradores em situação de rua em Curitiba Dados do Cadastro Único do MDS - 2013/19



Fonte: google imagens, 2020.

Nos anos 2000, o historiador Dennison Oliveira já descrevia uma possível contradição no Livro “Curitiba e o mito da cidade modelo” que retrata o processo de marketing em torno do nome “Cidade Modelo”. O livro conta que na terceira gestão de Jaime Lerner por volta de 1980, uma propaganda quase onipresente extinguiu quaisquer interpretações distintas daquela narrativa a ideia de Curitiba como cidade modelo. Na época, o número de moradores de rua em Curitiba era muito menor e, isso fez com que os gestores públicos desconsiderassem tal problema.

Assim, o *slogan* que foi vendido nacional e internacionalmente se propagou ao longo dos anos, estabelecendo vínculos narrativos. Mas, já em 2010, Curitiba apareceu na 17ª posição do ranking das cidades mais desiguais do mundo, apresentado pelo relatório do Fórum Urbano Mundial da ONU. O exemplo de Curitiba demonstra como há uma função instrumental dos espaços, ou seja, ainda que limitado ou limitador, os espaços não têm função de mera paisagem, mas também se colocam como função instrumental dentro de uma dinâmica socioprodutiva¹⁸. Essa é uma reflexão aberta por Marx que não pretendia dizer que espaços e homens estão separados ou em lados opostos. Mas, que era preciso lembrar que os espaços (em Marx lê-se ambiente) são admitidos no habitar do homem, ao mesmo tempo em que o homem é no mundo, ou seja, os homens são habitando um lugar.

¹⁸ Marx, K. Lineamenti fondamentali della critica dell' economia politica 1857-1858. Florença: La Nuova Italia Editrice, volumes I e II, 1997.

Essa interação ecológica, plural e dinâmica, cuja realização depende essencialmente da comunicação entre diversos elementos, reforça a presença da história na composição da sociedade e das cidades. Essa proposta de interação, que está presente nos escritos de Di Felice e, anteriormente, de Marx, admitem a importância de refletir sobre tecnologias de comunicação do habitar e dialogam com a ideia de Lucrécia de que dispositivos de comunicação dominam a cidade de tal maneira que a cidade se torna mídia e se perde como mediação, posto que mídia e mediação, são dois processos distintos e paralelos que decorrem dos suportes construtivos da cidade (Ferrara, 2008).

Desta maneira, a cidade mídia pode surgir vigorosa, mas num tecido urbano que não é capaz de realçar as silhuetas de uma cidade que precisa ser vivida e compartilhada para que se possa ver. Ao fazer tal distinção, Lucrécia nos convida a superar o caráter midiático da cidade e encarar a cidade mediação e seu grau zero de mídia. Se a cidade mídia é aquela que sinaliza-se por meio de sua imagem como propõe Ferrara, de maneira outra a cidade mediação permanece nas experiências e metamorfoses que se fazem convergentes e divergentes.

A cidade mediação está na complexidade da experiência, ela não se dá na imagem, justamente porque a experiência da cidade é viver e comunicar e por isso a imagem da cidade mídia não é capaz de sustentar tudo aquilo que a cidade é na experiência. A mediação apresenta uma velocidade distinta, bem como outra intensidade. O que Ferrara (2008) quer demonstrar com esse nível mediação é que essa mediação que se dá na experiência “atinge, ao mesmo tempo, usuário e cidade e, nessa relação ética, ambos aprendem a encontrar as melhores alternativas e soluções independentes de programas e planos indutores de usos, funções e valores” (Ferrara, 2008, p. 49).

O exemplo de Curitiba serve para revelar o quanto a cidade mídia é marcada pelas imagens que a simbolizam ao passo que na mediação, ela é própria enquanto produtora de ações e comportamentos que se caracterizam e se revelam. Olhando para Santa Rita do Sapucaí, a cidade possivelmente não está naquilo que os anúncios de uma cidade tecnológica querem demonstrar; Santa Rita do Sapucaí só se revelará na medida em que for vivida.

Ferrara (2008) ainda vai dizer que a cidade é a mediação da grande experiência coletiva, dada ao homem descobrir e viver. O conflito midiático entre a “Cidade modelo” e a Curitiba ranqueada como uma das mais desiguais do mundo acontece porque os povos que utilizam dos recursos de diferentes mídias, sobretudo digitais, mostram ao mundo os aspectos da cidade mediação que precisam ser respeitados. Para a autora, isso ocorre porque a mediação recorre da mídia substituindo suas características miméticas por uma cognição do

sistema midiático, acabando por negar a própria eficiência comunicativa da mídia, algumas vezes dando-lhe outro desempenho mais crítico e conseqüente. Decorre de uma semiótica visual, mas que é diferente dela por ser sua semiose¹⁹, relação e extensão de sentido.

Com a aparição da cidade mídia e da cidade mediação, podemos nos perguntar: Quando olhamos para uma cidade, o que enxergamos? Da janela de uma casa na periferia enxerga-se a cidade em um panorama comunicativo diferente daquele de quem a observa em deslocamento pela rodovia. Diferente também de quem a vê na velocidade e calor próprios do centro comercial onde meio, mídia e mediação acontecem de outra maneira. Mais diferente ainda, enxerga quem está no silêncio angustiante de uma fila de hospital ou na espera pela entrevista de emprego no parque industrial.

Ferrara, Di Felice e Marx também convergem em entendimento quando se atém aos avanços das ciências e, como estes, provocaram transformações que unem o saber à tecnologia permitindo o surgimento de novas espacialidades e novas técnicas de habitar que afetaram nossas práticas sociais e a construção de um imaginário coletivo. Massimo Di Felice escreve algo que aponta essa convergência de entendimento ao dizer que o processo histórico de expansão tecnológico de produção também atinge a esfera comunicativa, transformando os espaços de tal maneira que espacialidades midiáticas determinam a construção social e comunicativa do habitar (Di Felice, 2009).

Os aspectos comunicativos que compõem a cidade permitem mudanças ou o reforço de significados que transmitem determinados conteúdos urbanos. São muitos os corais e são muitas as vozes, em que narrativas midiáticas ganham força na organização política dos espaços que superam as dimensões arquitetônicas provocando experiências plurais e híbridas de espacialidades. Principalmente porque, muitas vezes, a cidade mídia oferece experiências cinematográficas e deslocativas, em que tudo se mexe mimeticamente sem revelar a cidade intramuros e as organizações políticas dos espaços públicos e privados.

A cidade tem muitas portas e não se sabe exatamente onde ela começa e termina, por isso, a cidade mediação traz cognição para análises necessárias, a fim de entender o dinamismo que existe entre sujeito e paisagem que se atravessam sob formas tecnológicas materiais e imateriais e que, provocadas pelos meios de comunicação, separam os lugares sociais dos físicos.

¹⁹ O termo peirceano aponta para a semiótica da semiose, em outras palavras, estuda os fenômenos culturais como sistemas sógnicos, isto é, sistemas de significação. Observando o modo como os seres humanos usam signos, seu conteúdo (objeto) e sua interpretação a cidade mídia surge como resultado que não é definitivo e muito menos único e harmônico, muitas vezes negando sua própria eficiência de comunicação.

Nessa complexidade, qualquer definição a priori se dissolve, afinal, são necessárias práticas na dimensão do cotidiano para reconhecer as tecnologias, sobretudo as de comunicação, que atuam na cidade, dimensionando seus espaços e refletindo ordens imateriais de conceitos arquitetônicos, políticos e administrativos que fazem da cidade um conjunto de espaços dominados. Nunca foi prudente imaginar a cidade como um lugar harmônico que inspira um modelo, ela é sobretudo lugar de dominação e qualquer expressão da cidade que desconsidere crises entre espaços é superficial, ingênua ou estratégica.

Logo, se necessariamente precisamos falar de uma crise entre espaços, também não nos pode escapar a crise no território empático e da ação individual que nele se realiza. Ou seja, se lugar de realização de estilos de vida, a dinâmica dos espaços influenciada pelas tecnologias dita o ritmo da existência comunitária na cidade, de suas expansões espaciais, sociais e produtivas e não apenas de forma quantitativa. É preciso racionalizar a cidade para compreendê-la melhor, mas antes é preciso pensar as formas de interpretá-la e representá-la, para fazer ver os movimentos que nela acontecem durante a dinâmica do cotidiano. Com olhares que possam indagar as correspondências entre espaços e sociedade, capazes de buscar os códigos presentes nessas dinâmicas, capazes de ler a paisagem além do valor físico e perceber a riqueza de processos complexos transversais e suas transições. É preciso habilitar outros cenários possíveis que ultrapassem a cidade mídia e que se mostrem dimensões que nem sempre são questionadas.

Como a cidade não é estável, sua fragilidade e seus espaços não centrais muitas vezes parecem estar soterrados. Assim como vimos no caso de Paris e como ocorreu no caso de Curitiba há pouco retratado. O exercício de observar a cidade é um convite para desenhar possibilidades que revelem o real e desmontem os clichês midiáticos. Desenhos capazes de reproduzir outra anatomia, que enfatizem o fazer histórico e cultural, aproximando-se um pouco mais da captura de um imaginário atento a subjetivações e sujeições, mas, sobretudo, desenhos atentos às tecnologias de comunicação dos e nos espaços que fazem essa cidade emergir, sem que se deixe espaços estrategicamente submersos.

J. Meyrowitz (1995) fala sobre uma cidade que se faz muito além do que nossa observação em movimento pode capturar e, que para melhor capturar a cidade seria preciso se movimentar para dentro dela, viver e compartilhá-la, para então perceber as mediações intramuros que permitem esse ver-a-cidade. É por isso que em algum momento um estudo sobre cidades nos coloca diante de mapas para nos localizarmos melhor.

Tratando da cidade como organismo vivo ou realçando seus espaços comunicantes, o esforço mental para apreender a cidade pressupõe a leitura de mapas que se revelem iguais a

experiência da leitura, do estudo e do trabalho para decifrar seus códigos. Só iremos entender melhor a cidade se nos dispusermos a observar seus mapas, que não serão isentos, posto que também são tecnologias de comunicação e, portanto, podem apresentar suas distorções de realidade.

Na primeira observação buscou-se a apreensão material de Santa Rita do Sapucaí a partir da perspectiva corpo-cidade, aquilo que Ferrara conceitua como cidade meio, ou seja, a pele da cidade, marcada por suas formas, matérias, volumes e implantações utilizados para a construção do espaço edificado, de essência que se consolida na constante evolução técnica (Ferrara, 2008, p. 44).

Mas, não podemos esquecer que a realidade, toda ela, é política, então é preciso saber que política orienta a confecção de nossos mapas, as escolhas dos caminhos cartografados e seus resíduos. As observações a seguir tratarão da prática cartográfica do programa CCCF e de um de seus atores, se não o mais importante na estratégia midiática da cidade (O Hacktown). Esse segundo olhar se aterá a produção de materiais que revelem a cidade mídia com suas tecnologias de comunicação e a cidade mediação com suas possíveis contradições. O uso do termo produção (logo acima) se justifica prudente.

Reforçando a importância da cartografia como instrumento neste estudo, alguns mapas precisam ser produzidos, conforme destaca Virgínia Kastrup, “do ponto de vista de estudos recentes acerca da cognição numa perspectiva mais construtivista, não há coleta de dados, mas, desde o início, uma produção dos dados da pesquisa” (Kastrup, 2015, p. 49). O que a autora procura realçar e que usaremos como sustentação metodológica na próxima observação é que, no paradoxo de “produzir dados”, na verdade enfatiza-se uma produção real e não uma coleta de coisas que em dada medida já se fazem presentes, mas ainda não apreendidas.

Kastrup dá ênfase ao funcionamento da atenção durante o trabalho cartográfico para detectar signos e forças circulantes que, como vimos até aqui, atuam na construção das cidades. Ou seja, não é uma simples seleção de informações, mas uma atenção que procura por pontas de um processo em curso. Neste caso, é preciso dar atenção igual a tudo que se observa, numa espécie de atenção suspensa. Por isso a cartografia será nosso instrumento de trabalho. Ela permite uma atenção aberta e melhor preparada para captar o material que está desconexo e caótico.

Sobre essa atenção suspensa, a pesquisadora ainda descreve que uma linguagem fenomenológica, que num ato de desmontagem da atitude natural e em regime cognitivo organizado no par sujeito-objeto permite uma política cognitiva mais realista. Para sustentar

isso a autora completa: “A cartografia constitui um método que assume uma perspectiva construtivista do conhecimento, evitando tanto o objetivismo quanto o subjetivismo” (Kastrup, 2015, p. 49).

O que de outra maneira defende Bruno Latour (2003) ao dizer que se trata de um construtivismo que toma a sério os limites do saber e os constrangimentos da matéria. Neste sentido, o cartógrafo é alguém que é guiado pelas direções indicadas por qualidades inesperadas e pela virtualidade dos materiais (Kastrup, 2015). Quando em suspensão, a atenção dirige-se para o interior de materiais subjetivos que exigem o descarte de saberes acumulados e prévios para então se equalizar com o problema que move seus encontros.

Naturalmente que a abertura dessa atenção não quer dizer que se deva prestar atenção em tudo, é preciso resistir aos elementos dispersores. Para que não haja um deslocamento do foco atencional na direção de elementos dispersores, a atenção tem uma escala (foco/zoom) que partindo de uma concentração sem focalização calibra seu funcionamento atencional. A primeira observação exigiu o rastreio, primeira variável de um foco atencional. A segunda observação ativará a atenção. Mesmo assim, tudo caminha muito bem no funcionamento atencional até que ela seja tocada por algo. O toque (segunda variável de um foco atencional) vem a partir dos elementos e suas forças de afetação. É então que uma atitude receptiva ao toque acontece. E, nesse toque, a cidade média pode ser colocada em xeque ao mesmo tempo em que a cidade mediação pode se revelar. Estes acontecimentos são esperados por nós a seguir, para que se possa ver-a-cidade de Santa Rita do Sapucaí e o CCCF.

Entendendo o CCCF e Santa Rita do Sapucaí: Suas mídias e mediações.

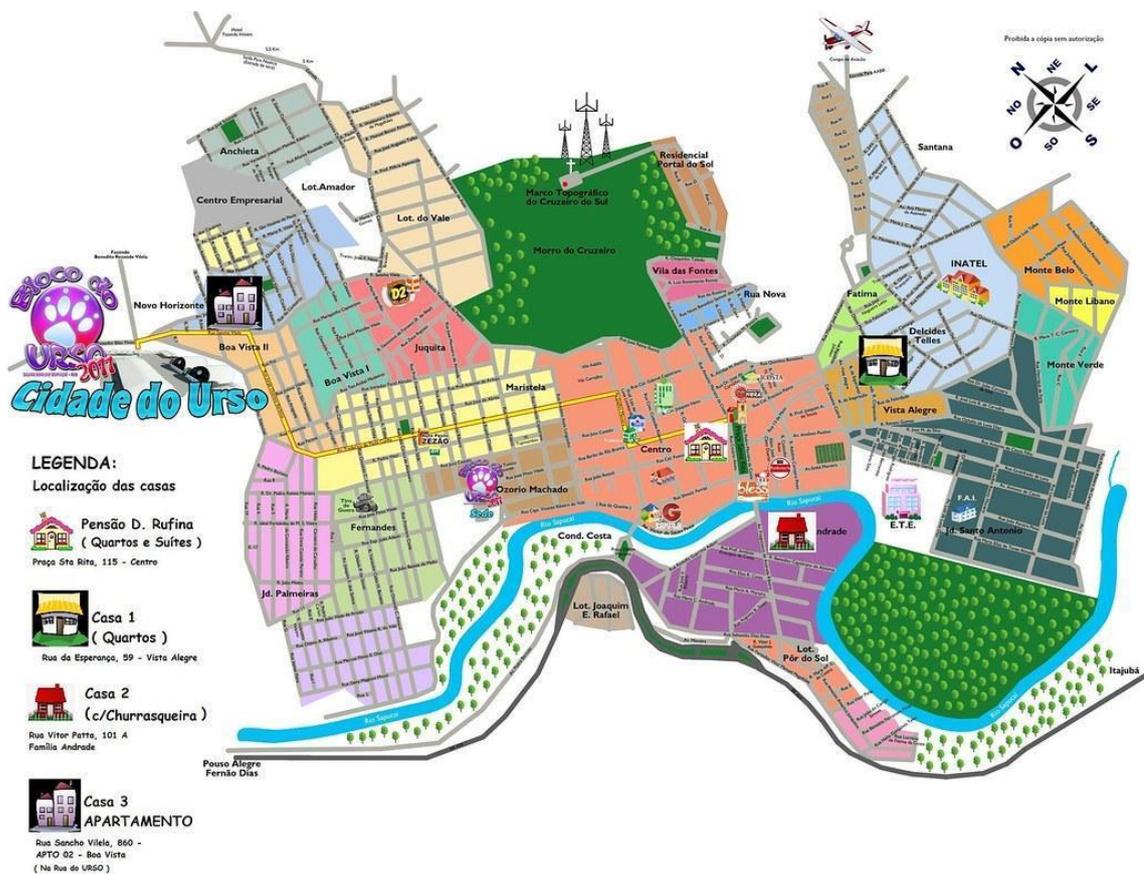
Ao acessar mais uma vez a pequena avenida com aquela ponte que afeta meu ritmo, entendi que alguns ajustes eram necessários. Era preciso ajustar minha velocidade de captura e talvez calibrar a audição para ouvir as vozes que constituem a cidade. Quantas vezes passei por aquela ponte sem notar a placa de boas-vindas que já estava lá de outros carnavais dizendo: “Bem-vindo a cidade do urso!”. Às vezes, é preciso diminuir a velocidade para enxergar a cidade e fazer algum silêncio para ouvi-la melhor.

Nunca notei a “Cidade do Urso”, sempre pensei que fosse apenas uma iniciativa privada que tinha um significado econômico e de entretenimento por ser um dos maiores carnavais de camarote que cresce na cidade desde 1998. Não havia me dado ao trabalho de observar que a “Cidade do Urso” (referência ao “Bloco do Urso” nome do carnaval de

camarote) tem uma área própria considerável, e que em 72 mil metros quadrados recebe mais de 20 mil pessoas durante quatro dias. Olhando para os fatores econômicos e transformações provocadas por eles, durante o carnaval as imobiliárias da cidade oferecem planos e serviços diferenciados para locatários, que são pessoas físicas e jurídicas. Muitas casas residenciais se transformam em hospedagens temporárias, os serviços de hotéis são plenamente consumidos, restaurantes e outros comércios têm suas vendas consideravelmente otimizadas, o carnaval transforma temporariamente a cidade.

Eu não havia dado importância para essa “Cidade” que se materializa no carnaval. Mas isso foi importante para perceber que Santa Rita do Sapucaí sabe muito bem evidenciar a cidade mídia e que se mostra por vias não só promovidas pelo impulso inicial da Sinhá ou pelos esforços de Paulinho Dentista em personificar a cidade como o “Vale da Eletrônica”. Santa Rita do Sapucaí não é só o “Vale da Eletrônica”, e olhar para o Bloco do Urso e sua “Cidade”, que inclusive instala pequenas mudanças visuais no próprio mapa da cidade, me fez ajustar as lentes para observar esse nível de comunicação midiática.

Mapa 1: O Mapa da cidade a serviço da mídia.



Fonte: google imagens, 2020.

Resolvi realizar algumas pesquisas no *google* para verificar que cidade eu encontraria quando pesquisasse por “Santa Rita do Sapucaí-MG”, “Vale da Eletrônica”, “Cidade Criativa, Cidade Feliz”, “Bloco do Urso” e “Hacktown”. Uma pesquisa pelo *google* pode ser uma maneira de entrar pela cidade e eu ainda não havia testado esse acesso. Na pesquisa, consultei a primeira página do google que me apresentou o que e como se fala de Santa Rita do Sapucaí nos mais diversos canais. Não fui além da primeira página de pesquisa do google por considerar que os algoritmos de gestão do buscador me entregariam as informações melhor ranqueadas e essas primeiras informações cumpririam o papel de me mostrar a cidade por esse acesso digital.

A primeira informação do buscador me direcionou para uma matéria que apresenta 45 fatos que fazem de Santa Rita do Sapucaí uma das melhores cidades do mundo. A matéria que é uma espécie de cartografia da cidade, aponta descrições da cidade que podem inspirar no leitor o desejo por conhecer a cidade. Se procuro fazer uma cartografia da cidade para além de dimensões de orientação geográfica, essa matéria cartografa a cidade com exímia capacidade publicitária, tornando Santa Rita do Sapucaí um lugar de desejo:

Foto 19: Visitando a cidade através dos acessos digitais.

M

[Become a member](#) [Sign in](#) [Get started](#)

45 fatos que fazem de Santa Rita do Sapucaí um dos lugares mais legais do mundo

HackTown [Follow](#)
 Mar 14, 2016 · 5 min read

[Twitter](#) [LinkedIn](#) [Facebook](#) [Bookmark](#)



Não existe cidade perfeita. Cada uma tem sua peculiaridades, seus pontos positivos mas também seus problemas. E não poderia ser diferente com Santa Rita do Sapucaí, cidade de apenas 40 mil habitantes no sul de Minas Gerais, localizada a cerca de 200 km de São Paulo. Mesmo assim, Santa Rita vem atraindo cada vez mais a atenção das mentes mais criativas e inovadoras do mundo. É cada vez mais comum topar com nômades digitais de diversos países em suas esquinas e com profissionais de destaque na tecnologia e na economia criativa nos inúmeros eventos que acontecem na cidade. Quando perguntados, a resposta é: “Santa Rita é uma das cidades mais legais que conheço”. Resolvemos então compartilhar alguns fatos que fazem de Santa Rita do Sapucaí um lugar tão fascinante. Seguem logo abaixo.

123

123

Fonte: google imagens, 2020.

Foto 20: Os acessos digitais da cidade.

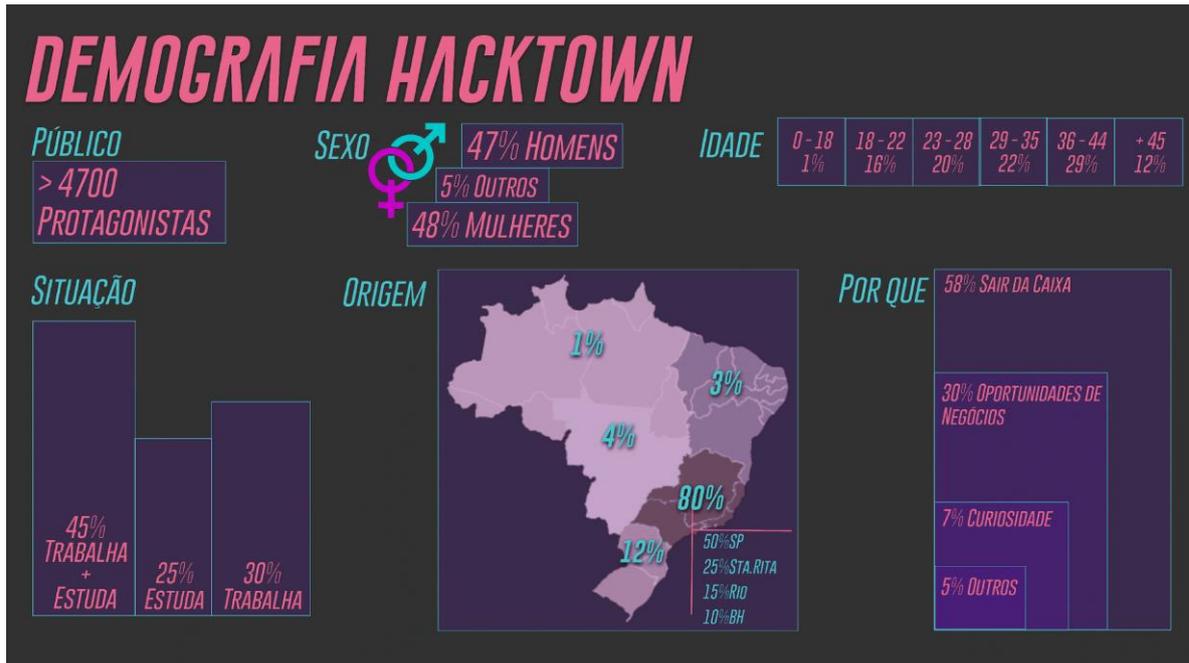
The image shows a Google search interface for "Santa Rita do Sapucaí-Mg". The search bar is at the top, and the results are displayed below. On the right side, there is a map of the municipality of Santa Rita do Sapucaí, showing its location in Minas Gerais, Brazil, near cities like Pouso Alegre and Abertão. Below the map, there is a summary box for "Santa Rita do Sapucaí" with details such as population (43,260 in 2019), elevation (821 m), and area (352,969 km²). At the bottom of the search results, there are three video thumbnails: "Santa Rita do Sapucaí - MG", "Turistas movimentam Santa Rita do Sapucaí (MG) na ...", and "Cidade do Urso, em Santa Rita do Sapucaí (MG), já recebe ...".

Fonte: google imagens, 2020.

As outras matérias ainda apontam para o potencial turístico da cidade. Evidenciando o carnaval, festivais de gastronomia, feira de tecnologia, empreendedorismo e inovação entre outras atividades que reforçam essa cidade e inspiram desejo em conhecer. Realizando outras buscas, o evento Hacktown apresentou um maior número de matérias de divulgação, maiores do que o número de notícias sobre o carnaval da cidade e que do próprio CCCF, isso porque nasce dentro dele. O Hacktown não é maior que o CCCF, mas tem maior capacidade de comunicação externa do que ele. O Hacktown se mostra como um grande megafone do CCCF e por isso resolvi detalha-lo melhor.

O Hacktown é um festival de inovação que desde 2016 trata de temas sobre comportamento, inovação, música, educação, tecnologia e empreendedorismo com o objetivo de conectar pessoas, mas sobretudo, com a proposta de mostrar que o novo não está restrito aos grandes centros urbanos, evidenciando uma Santa Rita do Sapucaí pulsante em inovação e criatividade. Durante 3 dias, o evento atraiu quase 5 mil pessoas de várias regiões do país no ano de 2018 e apresenta uma demografia diversa:

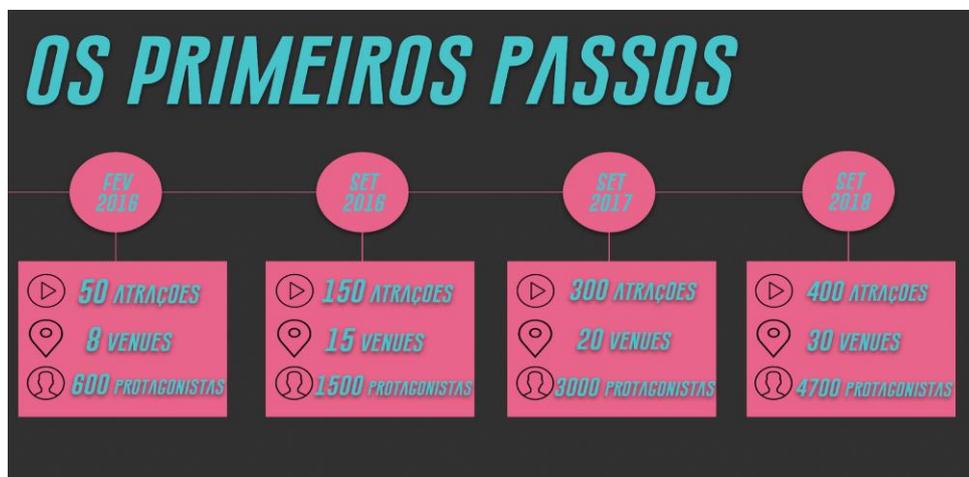
Quadro esquemático 1: Demografia do Hacktown.



Fontes: Arquivo disponibilizado pela organização do Hacktown.

Isso mostra uma grande capacidade de atração e crescimento que muito se deve ao fato de ser um evento de conteúdos diversos, alguns temas de vanguarda e tudo isso acontecendo em uma cidade de interior. Além do mais, toda a proposta do Hacktown se torna ainda mais atraente do ponto de vista publicitário, quando é associada à história de desenvolvimento tecnológico já explorada pela cidade há muitos anos. Com duas edições em 2016, o evento cresceu 3 vezes o número de conteúdo (atrações), 2 vezes o número de espaços (venues) e quase 3 vezes o número de público. Nos anos seguintes esses números dão saltos estimáveis até a edição atual. Tudo isso faz do Hacktown o modelo que melhor explica como a cidade mídia pode projetar a cidade para fora de si mesma e tornar-se um ambiente de exploração atrativo, seja para a indústria, para educação, ou para o turismo.

Quadro esquemático 2: Crescimento do Hacktown.



Fonte: Arquivo disponibilizado pela organização do Hacktown.

O número de ativações e pontos de conectividade entre pessoas e estabelecimentos, acessos à internet gratuita, consumo da gastronomia local a dinâmica da cidade muda muito durante o evento. O que mais muda além dos números? O pós-evento parece demonstrar o potencial midiático do Hacktown, movimentando a cidade através dos mais variados meios de comunicação. O festival e a cidade circulam por meses através de notícias em jornais, blogs, vlogs, podcasts e outras tantas ferramentas e plataformas. A resposta midiática do Hacktown tem levado o nome da cidade a outras distâncias, vendendo muito bem a imagem de uma cidade com experiências singulares. Outros eventos da cidade também tem grande capacidade de alcance de pessoas e expansão das fronteiras de Santa Rita do Sapucaí, mas nenhum deles tem a capacidade de alcance do Hacktown, que, na verdade, tem uma composição muito semelhante a do “Cidade Criativa, Cidade Feliz”, só que mais voltado para atrair pessoas de fora do que para atuar nos processos de transformação de seus habitantes. Ainda assim, o evento certamente deixa afetamentos na cidade que estão além dos economicamente entregáveis. A consultoria de empreendedorismo social “AVOA”, por exemplo, é uma empresa que surge pela motivação de um casal de engenheiros que participou das primeiras edições do evento e abriu a consultoria que atualmente atende outros empreendimentos locais ligados à economia criativa da cidade.

Quadro esquemático 3 (dois quadros): Atuação comunicativa do Hacktown nas redes digitais.



O QUE FALARAM DO HACKTOWN

 **Camile Just** [Follow](#)
Sep 11 · 3 min read
O meu Hacktown

 **Renatta Serra** [Follow](#)
Marketeira pensando no futuro, sempre em movimento!
Sep 10 · 4 min read
Você conhece o Silicon Valley Brasileiro? Não? Então vem comigo.

 **Rafael Leite** [Follow](#)
Conector de pessoas por propósito, jornalista, criativo, apaixonado por tecnologia. iniciativa pública com abertura de dados e startups.
Sep 11 · 7 min read
HackTown, um evento de experiências do início ao fim

 **Bruno Rodrigues** [Follow](#)
Researcher at Life. <https://medium.com/insightsaltaperformance>
Sep 11 · 4 min read
Hacktown, uma Experiência Inesquecível

 **Giselle Rossi Araujo** [Follow](#)
UX Designer. Vim de BH, fui pra Sampa, estou em Recife, mas projeto para o mundo.
Sep 12 · 9 min read
Só um tiquinho do Hack Town 2018, em Santa Rita do Sapucaí/MG

 **Cris Matsuoka** [Follow](#)
Consteladora sistêmica, Curadora de conhecimento, Gestora de conteúdo
Missão: transformar vidas com arte, conhecimento e sentidos
Sep 12 · 3 min read
Por que unir ancestralidade e futuro?

 **Dina Cardoso** [Follow](#)
Produtora Cultural e de Conteúdo. Conecta pessoas em eventos como o #bailindie
Sep 12 · 5 min read
4 Motivos (ou 4 Novas Economias) que fazem do HackTown um sucesso.

 **Andre Foresti** [Follow](#)
Sep 18 · 2 min read
Se você não está de olho no HackTown, repense agora.



Fonte: Arquivo disponibilizado pela organização do Hacktown.

Mas o que mais muda na cidade? Mais uma vez o mapa da cidade se transforma para representar os interesses de um evento. Fazendo da cidade um circuito frenético de conteúdos diversos para um público também diverso, o Hacktown apresenta a cidade em um ambiente controlado, onde as ações se concentram no hipercentro da cidade. É possível que esse ambiente controlado aconteça para que o processo de execução do evento seja logisticamente possível devido a seu formato bastante complexo. Uma expansão de percurso e espaços do evento para regiões mais periféricas da cidade poderia trazer complexidades logísticas e econômicas que o evento não pretende. De qualquer modo, vale a pena destacar que quem vem ao evento e vivência as atividades promovidas pelo Hacktown conhece um cenário encantador, muito rico em conteúdo, mas que não é capaz, em si mesmo, de representar Santa Rita do Sapucaí em suas complexidades.

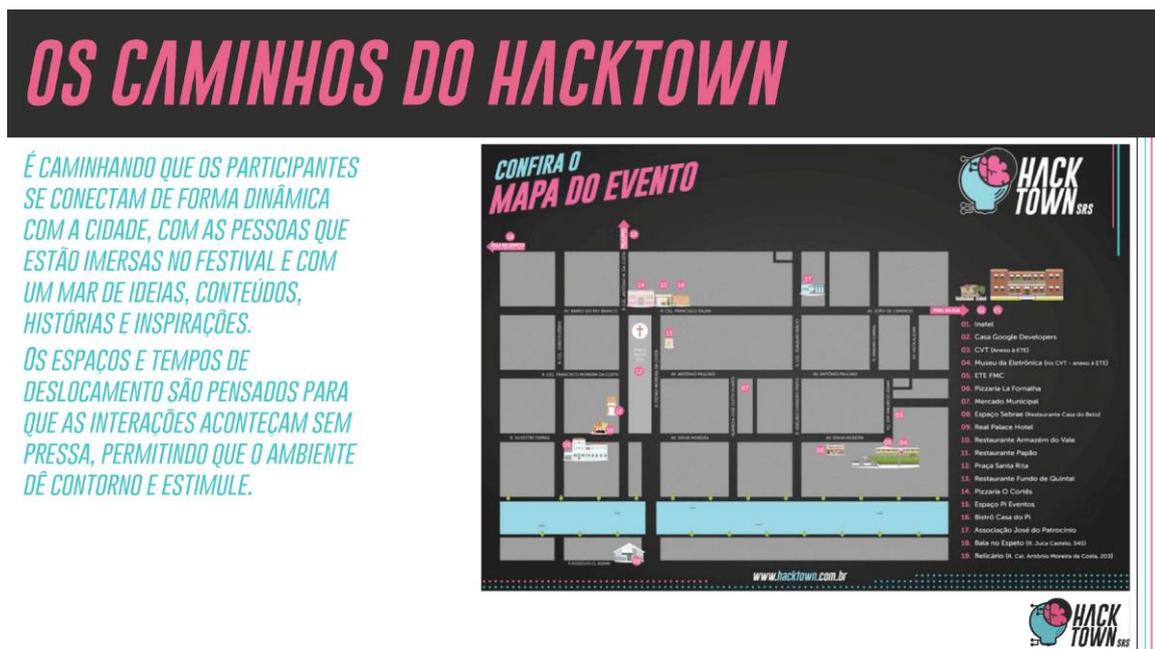
Em outras palavras, o evento apresenta uma imagem da cidade, mas não é capaz de revelar ao público que por ela transita a cidade mediação que orbita em torno do evento. Transitando pela cidade, aqueles que participam do Hacktown descrevem um acontecimento de experiência única com encontros e diálogos vanguardistas, mas não imergem em Santa Rita do Sapucaí, pelo contrário, ficam diante de um cenário de deslumbre que não é capaz de revelar a cidade.

Isto não quer dizer que a cidade esconda questões sociais que não deveriam se revelar, muito menos que não seja uma cidade que em seu dia a dia apresente contextos realmente

diferentes de outras cidades quando se fala de tecnologia, de comportamentos criativos e outras economias desenvolvidas em cidades de interior. O que vi (ou que me pareceu) é que durante o Hacktown a cidade revela em trajeto controlado sem revelar a cidade que está além desses espaços controlados pelo evento. A cidade está depois do Hacktown, não somente dentro dele. Ao mesmo tempo, todo esse ambiente interage com a cidade (mais intensamente nos arredores do festival) e existe sim uma mediação na adaptação da dinâmica da cidade a dinâmica do evento, ao mesmo tempo que o evento se adapta a ela.

O mapa a seguir retrata os limites de circulação do evento. Isso não quer dizer que seus visitantes não possam e não tenham explorado outras áreas da cidade. Inclusive, conversei com pessoas que visitaram produções de café e tiveram encontros e conversas com moradores da cidade fora do circuito programado. Mesmo assim, o mapa sugere os caminhos que devem ser percorridos durante o evento e que é seguido pela maioria do seu público:

Mapa 2: A cidade dentro do Hacktown.



Fonte: Arquivo disponibilizado pela organização do Hacktown.

O Hacktown não é um mediador, mas é um importante instrumento midiático do CCCF (me parece ser o maior). Seu potencial midiático faz da cidade um lugar muito dinâmico e que inspira matérias de divulgação que colocam Santa Rita do Sapucaí como uma cidade para se conhecer. As sutis mudanças no mapa certamente não revelam a cidade mediação que ultrapassam as dimensões do festival, mediações que acontecem de modo menos harmônico e “cinematográfico” como parece expressar o festival.

Possivelmente a cidade mediação tem notas semitonadas, em que algumas vozes destoam de possíveis estratégias *mainstream* elaboradas para uma cidade que enfatiza sonoridades harmônicas o tempo todo. Por esse motivo, o próximo passo é um detalhamento do CCCF, um detalhamento que seja capaz de colocar diante da cidade média as mediações que nela acontecem. Mesmo assim, as impressões que tenho acerca do Hacktown, seu formato e papel, são positivas em relação a cidade e possíveis impactos na dinâmica da cidade. Sim, há impactos, eles são positivos para fomentar outras perspectivas de desenvolvimento na cidade, sobretudo quando acontecem os encontros entre as tantas pessoas de diferentes lugares com os moradores locais que promovem transformações e pulsam ações como o surgimento da AVOA, no exemplo citado.

Antes de partir para o detalhamento do CCCF, cabe levantar um último ponto, observado a partir das conversas com Carlos Henrique Vilela (um dos criadores do Hacktown), antes, porém, vou contextualizar o assunto que norteou a conversa.

Em 2004, a UNESCO lança o projeto “Rede de Cidades Criativas” a fim de promover cooperação entre cidades que reconhecem a criatividade como um importante fator para o seu desenvolvimento. Nesse modelo cooperativo, as cidades chanceladas como criativas se comprometem em investir na criatividade como motor de desenvolvimento urbano sustentável, inclusão social e cultura²⁰. Através de sete segmentos, artesanato e arte popular, arte de mídias, filme, design, gastronomia, literatura e música, mais de 189 cidades em 72 países fazem parte dessa rede. Com a possibilidade de receber a chancela de cidade criativa e participar dessa cooperação internacional, muitas cidades do Brasil têm se lançado ao pleito. Florianópolis, Curitiba, Santos, Brasília, Salvador, João Pessoa e Belém já fazem parte da rede, mas inúmeras outras cidades brasileiras têm procurado atender as exigências da UNESCO a fim de compor esse grupo internacional²¹.

A promoção do desenvolvimento sustentável urbano, inclusão social e cultural desafia os municípios que têm como compromisso ações que se enquadrem nos eixos propostos, sobretudo no desafio em provocar o equilíbrio entre o movimento do capital e o da comunidade. Olhando para o crescente interesse das cidades em participar da rede, perguntei-me se realmente essa premissa do equilíbrio está presente no planejamento para o

²⁰ Retirado do Creative Cities Network. Na plataforma da Unesco é possível acessar as informações e editais. <https://en.unesco.org/creative-cities/home>: Acessado em 30/12/2019.

²¹ Vale lembrar que mesmo com a chancela de cidade criativa, Curitiba ainda é uma das cidades do mundo que mais tem moradores de rua. Isso dialoga com as reflexões de Landry e Zukin que ressaltam que a criatividade pode ser uma alternativa, desde que seja capaz de provocar equilíbrios entre o movimento do capital e o da sociedade.

pleito do selo UNESCO ou se somente as oportunidades econômicas são observadas. O fato é que muitas cidades têm manifestado o interesse e Santa Rita do Sapucaí até o momento não manifesta uma inclinação na direção do pleito.

Esse era o tema que norteava nossa conversa e que inspirou Carlos Henrique a falar sobre e como o modelo do CCCF era muito mais inspirado no festival South By Southwest, evento primaveril realizado na cidade de Austin, Texas. Carlos me contava como o festival (que também inspirou a criação do Hacktown) servia como uma inspiração para Santa Rita do Sapucaí. Em meio a conversa, perguntei a ele sobre a chancela da UNESCO e porque Santa Rita do Sapucaí ainda não tinha buscado o pleito, perguntei também o que ele achava disso. Carlos respondeu que o modelo da UNESCO era muito interessante, mas que naquele momento (conversa realizada em 2018) não era o foco do CCCF (remetendo a conversa, ao período de idealização do CCCF) e completou:

Uma cidade pode ser criativa em inúmeras áreas e a chancela de uma “vocação”, ainda que seja interessante pode inibir outras ações criativas da cidade que ainda estão num nível inicial de desenvolvimento. Uma cidade criativa deve fomentar a criatividade como um todo e deixar que as “vocações” se destaquem organicamente. O modelo da UNESCO é bem interessante, mas não é o nosso modelo (conversa realizada em 2018).

O que Carlos Henrique narrou naquele momento é que a proposta de Santa Rita do Sapucaí se diferenciava do movimento promovido pela UNESCO e pretendia fomentar ainda mais transversalmente a cultura local, procurando organicamente algum equilíbrio entre as esferas econômica e social.

Tempos depois conversei novamente com Carlos, que já enxergava o programa da UNESCO de outra maneira e com possíveis inclinações a importância do pleito, mesmo assim não vi movimentos declarados da cidade neste sentido (conversa realizada na entrevista de 2019 que está presente no documentário). Não fazer parte de uma rede cooperativa entre países que é tão cobiçada pode significar muita coisa, o fato é que Santa Rita ainda não caminhou nessa direção, diferentemente de muitas cidades brasileiras com algumas características similares, mas que em 2019, na visão de Carlos Henrique, pode agora ser um caminho interessante, dada a maturidade do movimento CCCF.

Trazer esse último ponto, capturado a partir da conversa com um dos principais atores do CCCF, que acompanha o movimento desde o início, cria com outros atores locais, é um bom ponto para iniciar as observações que a seguir pretendem detalhar melhor esse movimento para a transformação criativa e feliz de Santa Rita do Sapucaí desde 2013 e que

mostra crescente desenvolvimento, tanto na sua formatação, como na maneira como impacta a dinâmica da cidade.

Observações sobre uma cidade mídia e suas mediações: As configurações do CCCF

Essencialmente, o CCCF é, para Santa Rita do Sapucaí, meio, mídia e mediação. É meio enquanto materialização ou personificação na própria cidade, onde forças narrativas de uma educação, cultura criativa e aglomerado tecnológicos procuram revesti-la. É mídia enquanto ferramenta de comunicação que fortalece essas mesmas forças e as modifica, trazendo elementos discursivos que expressão uma criatividade capaz de alimentar fabulosidades (estéticas e narrativas). E é mediação, pois minhas caminhadas se depararam com situações que revelam seu nível interativo e sua capacidade de atravessar e de deixar ser atravessado pelas divergências e paradoxos que uma cidade mediação tende a revelar.

Seus aspectos comunicativos enquanto meio e mídia estão presentes em vários cantos da cidade. Suas comunicações visuais se encontram em prédios públicos, praças, pinturas em muros, faixas e bandeiras que parecem tentar se comunicar com a cidade o tempo todo. É um prédio público com uma faixa, um muro com um recado, uma bandeira na praça da matriz, são os anúncios diários na rádio local e nas mídias sociais digitais. O programa que hoje dura mais de um semestre está diariamente informando a cidade e buscando um vínculo comunicativo com ela.

Foto 21 (conjunto de 4 fotos): O “Cidade Criativa, Cidade” pela cidade.



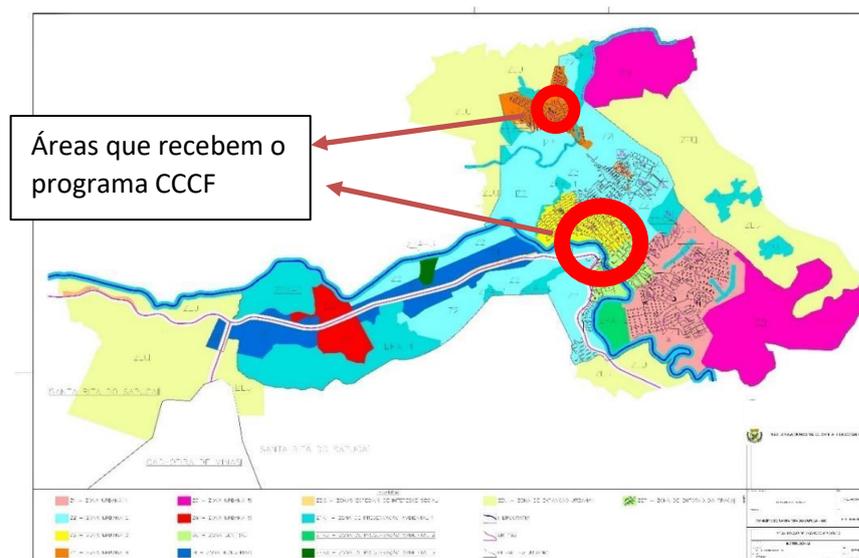


Fonte: Fotos tiradas durante a pesquisa de campo.

Por um percurso aleatório ou não, o CCCF busca informar e comunicar alguma coisa provocando sua presença diária na cidade. No entanto, tocar em algo que é processo em curso exige alguns pousos para ganhar foco, por isso decidi me debruçar sobre outros aspectos que podem revelar outras instâncias. Foi em um destes pousos que me deparei com seus desafios de comunicação, bem como com sua capacidade de mediação.

Os descompassos de Santa Rita do Sapucaí são sutis, seus problemas sociais não estão escancarados em suas praças públicas como no caso de Curitiba. Ainda assim, algumas desarmonias desafiam a “Cidade Feliz” e sua criatividade para equalizar seus desequilíbrios. Uma delas é o alcance do programa na cidade. Apesar de apresentar um grande número de atividades, quando demarcadas em um mapa, suas áreas de atuação facilmente demonstram a necessidade de pulverizar melhor suas ações para um alcance mais distribuído. Mesmo caminhando pela cidade e ouvindo sobre a presença do CCCF em diversas regiões, suas ações ainda giram muito no entorno da praça matriz.

Mapa 3: Distribuição das atividades do “Cidade Criativa, Cidade Feliz” na cidade.



Fonte: google imagens, 2020.

Outra constatação relevante é seu número de eventos gratuitos. Pelos números que extraí das programações de 2013 a 2019, há uma razoável quantidade de atividades/eventos com venda de ingressos. Com uma média de 35 eventos não gratuitos por ano, o CCCF não é plenamente acessível. Mesmo com alguns eventos oferecendo cotas de gratuidade (como é o caso Hacktown), uma parte da população talvez deixe de acessar alguns de seus conteúdos.

Mesmo assim, percebi que alguns detalhes refletem outras perspectivas a respeito do acesso gratuito e pago. Alguns desses eventos/atividades que compõe o CCCF já nasceram com esse formato de não gratuidade e possuem um público bastante específico, quase sempre ligados a temas que discutem o mercado tecnológico e empreendedorismo. Além disso, alguns eventos culturais trabalham com a arrecadação a partir da venda de ingressos e produtos artesanais e gastronômicos, a fim de construir formatos autossustentáveis. Por fim, identifiquei parcerias entre a prefeitura e o CCCF que também oferece pequenos aportes financeiros para possibilitar a realização de eventos sem plena capacidade financeira, segundo a assessoria de comunicação da prefeitura, o poder público chega a aplicar cerca de 150 mil reais por ano no CCCF.

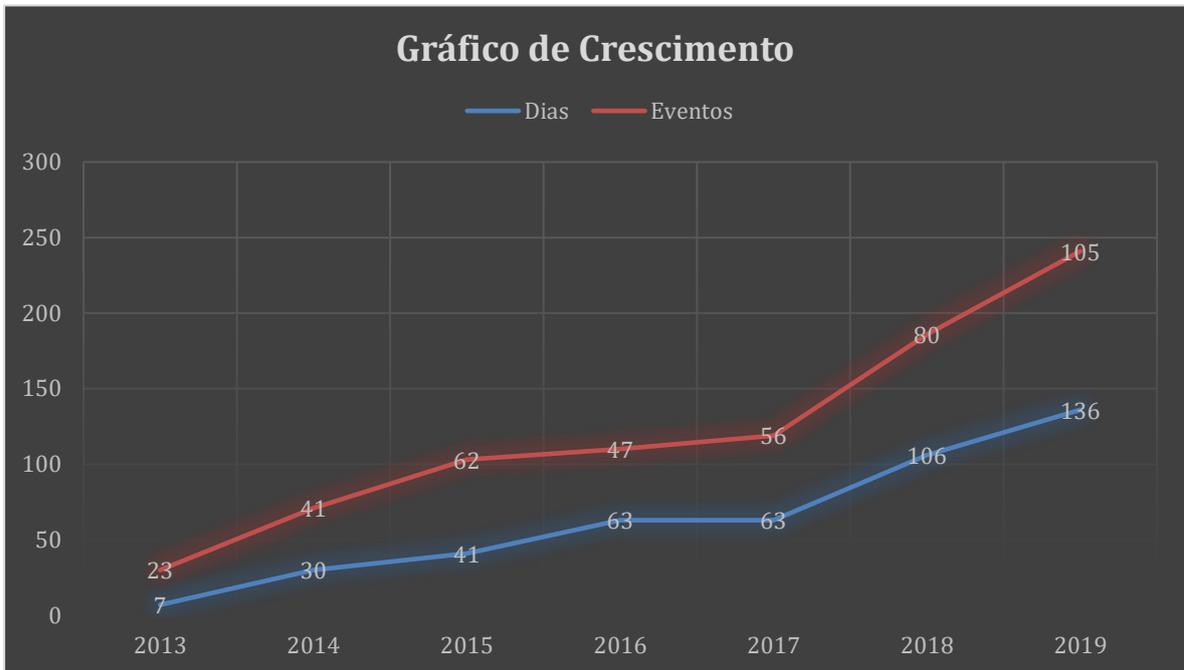
Observando sua forma e nuances, olhei um pouco para seus números. O CCCF não registra informações ou índices que possam demonstrar seu impacto econômico local, o que limita algumas informações. Mesmo assim, os números extraídos da programação, além de me mostrarem a questão da gratuidade que reflete no acesso, também me apresentaram uma curva de crescimento interessante. Partindo de 23 eventos para 105 em seus sete anos de atividade e crescendo de 7 dias para 136 dias de atividade no mesmo período, o quadro e gráfico abaixo representam seu desenvolvimento:

Quadro esquemático 4: Alguns números do “Cidade Criativa, Cidade Feliz”.



Fonte: Documento produzido a partir da pesquisa de campo.

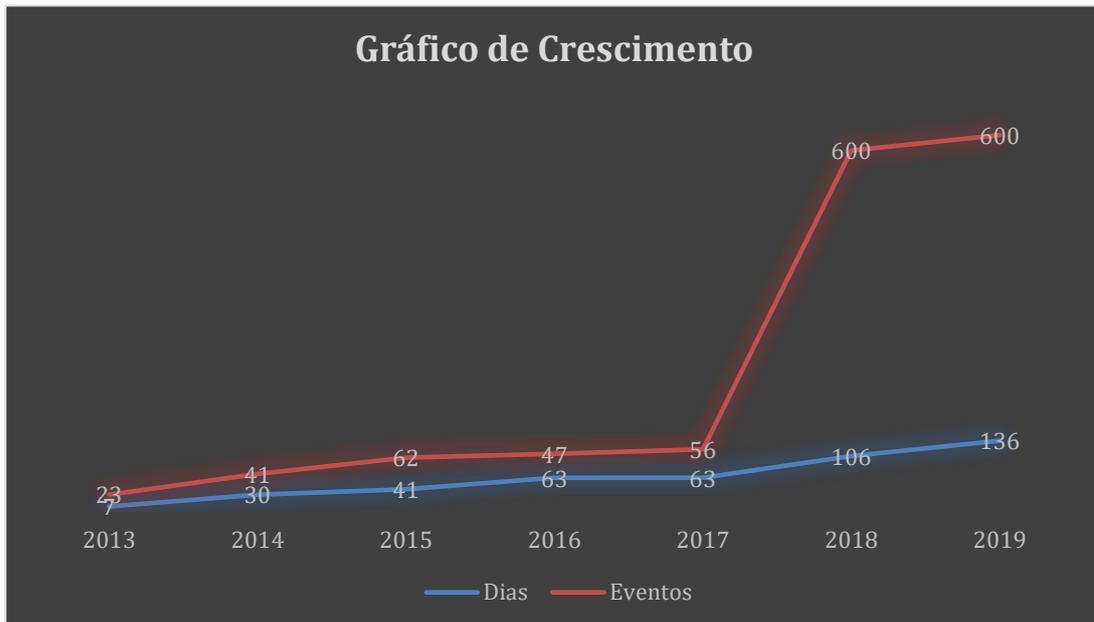
Gráfico 2: Crescimento do “Cidade Criativa, Cidade Feliz” de 2013 a 2019.



Fonte: Documento produzido a partir da pesquisa de campo.

Outro aspecto da cidade mídia se fez ver ao analisar a programação do evento e extrair seus números. Em suas plataformas de comunicação, a partir do ano de 2018 o CCCF anunciou mais de 600 ações por ano, isso porque sua organização contabiliza cada evento dentro do Hacktown como uma ação individual. Entendo que o Hacktown é uma ação que acontece dentro do CCCF, portanto, contabilizei este evento como apenas uma atividade. Se cada atividade dentro do Hacktown fosse considerada uma atividade do CCCF, um novo gráfico apresentaria uma curva de crescimento ainda mais otimista:

Gráfico 3: Estratégias de ampliação dos números.



Fonte: Documento produzido a partir da pesquisa de campo.

O CCCF sabe comunicar-se de maneiras eficazes quando trata-se de dar publicidade para suas ações, sendo muito eficiente em seu nível midiático, sobretudo quando seus eventos de maior potencial comunicativo, como o Hacktown. Mas também é possível dizer que ele age de maneira criativa em suas articulações com os vários setores da cidade e que tem movimentos eficientes em seu nível de mediação para viabilizar e fortalecer as atividades que compõem sua programação. Ele sabe articular e transformar temporariamente o uso de espaços como restaurantes, salões paroquiais, lojas e cafeterias em lugares de compartilhamento de conteúdo das atividades que ele suporta, bem como sabe tramitar no âmbito da legislação municipal, garantindo que a diversidade cultural se fortaleça enquanto direito e manifestação. O CCCF sabe se ajustar na medida que cresce e traz novos desafios para a cidade. Isso tudo acontece mais facilmente porque, apesar de seus idealizadores e outros sujeitos afirmarem que o CCCF “não tem dono”, ele tem grande participação do poder público e outras instâncias de poder político da cidade, assim como nos outros movimentos históricos de desenvolvimento da cidade.

No entanto, o envolvimento destas instâncias de poder não tira o mérito do evento. Os movimentos do “Cidade Criativa, Cidade Feliz” parecem ser orgânicos em muitos casos e sabe realizar ajustes conforme atinge mais pessoas e espaços, interagindo com sujeitos que não as compõem. O CCCF parece agir conscientemente, de forma cautelosa, quando se trata de avançar pela cidade. Amadurecendo minhas reflexões, vejo que as percepções de interação com a cidade estão sintonizadas com as contingências que seus movimentos lhe impõem. Ou seja, ele tem movimentos orgânicos, mas seu desenvolvimento e crescimento é planejado.

Esta combinação de movimentos orgânicos e crescimento planejado faz sentido, afinal, sua capacidade de adaptação precisa acompanhar a dinâmica e demandas da cidade para que o CCCF tenha um nível de mediação tão eficiente como seu nível midiático, o que exige organicidade e planejamento. O CCCF, então, procura estabelecer seus vínculos de maneiras visíveis e invisíveis para aprimorar esta relação, não apenas chegando aos espaços da cidade, mas estando e dialogando com eles.

Durante as atividades de campo, encontrei indícios de que esses afetamentos mútuos e necessários já fazem parte da relação CCCF com alguns espaços da cidade. Em conversa com um produtor cultural local da região da “Nova Cidade”, esbarrei com uma dessas mediações revestidas por suas palavras que diziam coisas como:

O CCCF tinha que chegar até a periferia, porque senão ele é só mais um evento que nasce no entorno da igreja, as cidades nascem envolta da igreja, mas o CCCF precisava expandir, como ele não foi sozinho, nós provocamos a ida dele. (Registro de relato presente no documentário)

O produtor contava que, assim que entendeu o CCCF, organizou algumas ações que despertassem a atenção do mesmo sobre a necessidade de expansão para outras regiões da cidade. As mediações não são harmônicas e acontecem o tempo todo na dinâmica quase sempre caótica da cidade e o produtor evidenciou ao CCCF que outros alcances eram necessários. A abertura do CCCF em aprender com a ação daquele agente cultural, por sua vez, permitiu que viessem transformações de fora para dentro dele. Contudo, o processo de mediação não foi simples e imediato, e nunca será. Mesmo ouvindo as provocações do produtor e acessando o bairro, os primeiros eventos realizados pelo CCCF não tiveram a adesão esperada, isso porque o bairro foi acessado, mas a comunidade não.

Para solucionar a questão, em 2019 o CCCF resolveu desenhar junto com a comunidade o formato que o CCCF deveria ter naquela região. De acordo com os interesses daquela região e fomentando protagonismo e vocações locais, o evento de 2019 atingiu seu propósito. Participei do “FestCidade”, nome que os moradores deram ao modelo co-criado. O entendimento de que o CCCF era uma espécie de instrumento para a valorização do bairro foi unânime partindo de conversas com os moradores. A maneira como o CCCF lidou com o primeiro movimento de tensão provocado pelo produtor cultural demonstrou sua resiliência para lidar com desarmonias e também sua capacidade de adaptação a condições diversas.

Todo o processo de mediação entre o CCCF e a comunidade da região da “Nova Cidade” serviu para a confecção de mais uma publicidade estrategicamente afetuosa:

Foto 22: Notícias estratégicas.

Gabriel O Pensador é atração confirmada no 3º FestCidade em Sta. Rita do Sapucaí

Festival na Nova Cidade integra ações do Movimento Cidade Criativa, Cidade Feliz e inclui na programação atividades esportivas, gastronômicas e culturais

Postado em 12/09/2019 às 10:47 | Atualizado em 20/09/2019 às 12:35



Toda a programação do FestCidade 2019 é gratuita (Foto: Divulgação/FestCidade)

Como parte das ações do [Movimento Cidade Criativa, Cidade Feliz](#), o 3º FestCidade divulgou o show do cantor de rap Gabriel O Pensador como sua principal atração para o evento deste ano que acontece na praça Tônico Moreira, na Nova Cidade. Na programação do festival estão atividades esportivas, feira gastronômica e apresentações culturais.

O 3º FestCidade – Festival de Artes da Nova Cidade é o resultado de todas as ações realizadas com a participação direta da comunidade e será realizado no dia 29 de setembro. Todas as atividades são gratuitas com início a partir de 8h da manhã.

Fonte: google imagens, 2020.

O potencial mediador do CCCF sempre será desafiador, mas neste caso do FestCidade, ele foi bastante efetivo. Entre tantas idas e vindas para e pela cidade, alguns diálogos com munícipes me chamaram atenção para desequilíbrios que nomes e *slogans* não revelam. Em conversa com o consultor e também idealizador do CCCF, professor Paulo Tadeu²², a ideia de “pertencimento” se apresentou como premissa fundamental para o CCCF. Falando sobre o resultado obtido nas primeiras edições, o professor reforça em um capítulo de livro publicado em 2019²³: “O reflexo destas mudanças, é que mais pessoas empoderadas significa aumentar o sentimento de pertencimento e, sentindo mais pertencidas elas se transformam e, transformadas, elas transformam uma cidade (ARANTES, 2019, p.27)”.

Parece que uma das principais entregas que o movimento pretende para a cidade é a de criar e alimentar a sensação de pertencimento naqueles que vivem em Santa Rita do Sapucaí. Para que isso se concretize e se fortaleça, é preciso que o vínculo comunicativo aconteça até que seja capaz de alcançar a todos e nada se perca. O exemplo do “FestCidade” mostra que o CCCF tem essa capacidade de dialogar com possíveis divergências pela cidade e reverter quadros. A construção da sensação de pertencimento é um processo; muitos desafios cruzaram o caminho do movimento e desafiaram sua capacidade de se comunicar com a cidade.

Em umas das viagens para Santa Rita do Sapucaí, ao pegar BR-459, dei carona para três mulheres. Uma delas, que aqui vou chamar de Maria, era bastante falante. Mãe da uma mulher mais jovem que lhe acompanhava e junto de mais uma amiga de bairro, Maria perguntou de onde eu era e ao ouvir que eu era de Pouso Alegre, Maria retrucou: “Pouso Alegre sim é uma cidade boa de morar!”. Entendi que aquela seria uma conversa interessante e já alinhei meu foco para absorver as falas mais interessantes e transcrever tudo que fosse possível assim que as deixasse na cidade. Portanto, o curto diálogo abaixo foi transcrito

²² Paulo Tadeu Arantes é arquiteto urbanista, foi professor na Universidade Federal de Viçosa e participou da concepção e desenvolvimento das primeiras edições do CCCF. À época (2012/2013), Paulo prestava serviços ao município para a elaboração do plano diretor da cidade. Provocado por Wander Chaves (então vice-prefeito), trouxe contribuições e provocações para elaboração das primeiras fases do inicialmente era um festival. No livro *Gestão Urbana e Sustentabilidade*, Paulo Tadeu é autor do capítulo: *Cultura, quarto pilar do desenvolvimento sustentável: de objeto de consumo a instrumento de política pública para regeneração das cidades*. Nele, o autor traz discussões interessantes sobre o desenvolvimento sustentável com cultura e ampliação da liberdade, bem como traz uma apresentação importante sob a construção do CCCF como um movimento de transformação da cidade pela cultura que tem como ênfase a colaboração como meio para tal e, a felicidade como fim.

²³ ARANTES, P. T. L. *Cultura, quarto pilar do desenvolvimento sustentável: de objeto de consumo a instrumento de política pública para regeneração das cidades*. In: Arlindo Philippi Jr, Gilda Collet Bruna. (Org.). *Gestão urbana e sustentabilidade*. 1ªed.São Paulo: Manole Ltda., 2019, v. 1, p. 83-113.

depois da conversa e este é o fragmento que consegui reproduzir. De qualquer modo, minhas impressões expressam a conversa que durou cerca de 20 minutos:

- Você é natural de Santa Rita (perguntei a Maria)?

- Sim! Nascida e criada!

- E por que acha que Pouso Alegre é que é uma cidade boa para morar?

- Porque lá tem emprego, né?! Santa Rita não tem nada! Estou desempregada já tem uns 3 anos!

- Mas como você se mantém?

- Meu marido trabalha e eu vendo cosméticos (dizendo o nome da franquía).

- Então você trabalha, você é vendedora!

- É, mas não tem carteira assinada.

Para aquela mulher trabalho está associado a regimes celetistas e a “carteira assinada” é o que representa o status de estar empregada. Isso é tão simbólico para ela que não parece contabilizar o tempo que investe na venda dos produtos de catálogo e o quanto fatura não lhe é significante para configurar sua atividade como um trabalho. Essas são leituras que desafiam o pesquisador, o que o entrevistado diz, o que ele quer dizer e o que isso representa no contexto estudado. Não me interessa aqui questões de trabalho e renda, mas a maneira como Maria colocou a questão do trabalho me fez lembrar da importância de buscar o foco sem que se perca a clareza de que existe uma paisagem mais ampla ao redor do recorte. Continuando o assunto sobre trabalho, perguntei por que era difícil conseguir vaga de trabalho em Santa Rita do Sapucaí. Maria respondeu:

- Porque as fábricas só contratam quem tem estudo de eletrônica. Eu não tenho estudo, quase não tem serviço para mim.

Em seguida, me olhando pelo espelho, ela me perguntou o que estava indo fazer em Santa Rita do Sapucaí. Respondi que estava indo conhecer a Cidade Criativa, Cidade Feliz. A mulher riu alto e completou dizendo que Santa Rita só é feliz para os empresários da cidade. O monólogo de Maria que imperou em seguida, durou até chegarmos à cidade. Entre as falas, a mulher caracterizou o “Vale da eletrônica” como “um monte de fábricas que tem lá”, fábricas que para ela “só dão emprego pra quem estuda na ETE e no INATEL”.

Assim que deixei as três mulheres próximo à praça central, parei o carro e descrevi os pequenos trechos da conversa que recordava com clareza e escrevi minhas impressões. Naquela conversa, Maria não parecia se sentir parte nem do “Vale da Eletrônica”, muito menos da CCCF. É claro que a conversa com aquela mulher não é um retrato unânime da cidade, mas ela retrata a cidade com suas próprias lentes, repertórios e contextos que podem

expressar distâncias e diferenças que lhe rodeiam no dia-a-dia. Essa é uma das contradições que a cidade mídia quase nunca revela, mas que o ambiente diário da cidade mediação pode revelar. A conversa com Maria serve para sublinhar algo previsto e óbvio: a cidade é um lugar de tensões e contradições e aquela sensação de pertencimento que o professor Paulo Tadeu sugere como possível a médio e longo prazo pode não ser alcançada em sua plenitude.

Outra conversa interessante que remete a esse desafio do pertencimento aconteceu no evento “Vale Criativo”, que também compõe a programação do CCCF. Eu estava filmando o evento para realizar um documentário sobre o programa e colocá-lo em diálogo com essa dissertação. Enquanto realizava tomadas do evento, encontrei um artista local que vendia instrumentos musicais artesanais e lhe pedi uma entrevista para o documentário. O artista me contou sua história, que vinha de outro estado e atualmente trabalhava na construção civil e nas horas vagas vendia os instrumentos que ele mesmo fabricava. Dizia que os eventos são bons para vender seus instrumentos e que ele também gosta de tocar e divulgar sua cultura (a capoeira). Seguindo a entrevista muito entregue ao bate papo, perguntei-lhe se a cidade era criativa e feliz ele respondeu: Não é muito não! De repente se deu conta de que estava dando uma entrevista para um futuro documentário e reposicionou sua fala depois de uma pausa: “Ah, na verdade é sim! É criativa sim! Olha esse evento aqui!”

Quando percebi que ele mudou sua fala olhei para ele e disse que desligaria a câmera um instante e que ligaria de novo para continuarmos a conversa, mas que gostaria de saber por que a primeira resposta sobre a cidade ser criativa e feliz foi: “Não é muito não!”. Ele me olhou e, levantando um pouco o queixo, sorriu desajeitado dizendo: “Eu venho nos eventos porque é bom para eu vender meus instrumentos, mas olha quanta coisa nas tendas! Eu nunca fui convidado, venho porque é na praça e a praça é pública! É bom porque ninguém acha ruim se eu vender minhas coisas aqui, mas nunca fui convidado.”

O capoeirista vendedor de berimbau e propagador de uma cultura popular estava presente no evento, mas não se sentia parte dele. Existe uma distinção muito clara entre a cidade mídia e a cidade mediação, isso porque também são distintas as imagens da cidade. Há uma imagem expressiva da cidade que é abstrata e de difícil distinção, principalmente porque visual e globalmente se confunde por mimeses e é por ela que o artista pode se confundir à cena da “Cidade Criativa, Cidade Feliz”.

O “Cidade Criativa, Cidade Feliz” muitas vezes é uma espécie de proto-imagem da cidade. Porém, há uma imagem representativa que deveria supor alguma relação, conexão e vínculo, mas que aparece como pós-imagem que revela alguns fracassos em seu nível informativo. Para que a premissa levantada pelo professor Paulo Tadeu se concretize, o

CCCF precisa ser info-imagem, isto é, aquilo que estabelece vínculo comunicativo e de fato não deixa que nada lhe escape. Capaz de se relacionar com os cidadãos que, ainda de contextos diferentes, possam enxergar nele esse papel comunicativo e se identificar com ele em alguma medida.

Em relação ao capoeirista (e também à Maria), o CCCF não conseguiu estabelecer esse vínculo comunicativo. Esse é um desafio que se lança, porque há uma imagem informativa que apesar de virtual é possibilidade disponível às ações concretas. Em outras palavras, em um fluxo contínuo de leitura da cultura da cidade, o CCCF pode ser uma info-imagem²⁴ capaz de provocar disposição a mudança. Para isso, ele precisa estar ainda mais atento aos ajustes que a cidade mediação lhe impõem. Mais uma vez a necessidade de diálogos mais equilibrados entre a cidade mediação e as ações do CCCF se mostram fundamentais para que esse movimento pela transformação criativa de Santa Rita do Sapucaí aconteça.

Falando um pouco mais desse “Movimento”, essa é uma ideia que acompanha o “Cidade Criativa, Cidade Feliz” desde 2015. Em seus dois primeiros anos, seus enunciados o caracterizavam como um festival. O esquema abaixo apresenta essa dinâmica de transformação de seus enunciados:

²⁴ Entende-se por info-imagem aquela imagem que só se faz visível através da experiência e da ação e, naturalmente de suas consequências. A ideia de info-imagem é capturada do texto *Cidade e imagem* de Lucrécia Ferrara, que perpassa por filósofos e teóricos da comunicação que se debruçam das questões categóricas da imagem. Entre as possibilidades de imagem da cidade apontadas por Lucrécia, a informativa (info-imagem) é aquela que nos leva a viver de maneira mais intensa a cidade, de tal maneira, que podemos compreender a cidade que podemos criar. É com este sentido que compreendemos o CCCF como uma info-imagem, isto é, com uma capacidade informativa que promove na experiência, consequências que podem provocar entendimentos sobre uma cidade que pode “Ser criativa e feliz”. FERRARA, L. *Cidade e Imagem: entre aparências, dissimulações e virtualidades*. Revista *Fronteiras – estudos midiáticos*, Vol. VI Nº 1 – janeiro/junho, 2014. P.21-32.

Quadro esquemático 5: As mudanças de enunciado do “Cidade Criativa, Cidade Feliz”.

Enunciados do "Cidade Criativa, Cidade Feliz" no período de 2013 a 2019

O que nos permitiu analisar a programação a partir de quatro eixos, foi o próprio processo de transformação da comunicação da programação. de 2013 (primeira edição) o slogan da programação foi se transformando até se consolidar nas últimas 3 edições em: Tecnologia + Empreendedorismo + Cultura + Cidadania.

"Um Festival que reúne negócios, educação, capacitação, ideias, criatividade, cultura e música". Edição 2013.

"Um Festival de tecnologia, criatividade, inovação e cultura". Edição 2014.

"Tecnologia, conexões, empreendedorismo e cultura". Edição 2015.

"Tecnologia, conexões, empreendedorismo e cultura". Edição 2016.

"Tecnologia + Empreendedorismo + Cultura + Cidadania". Edição 2017.

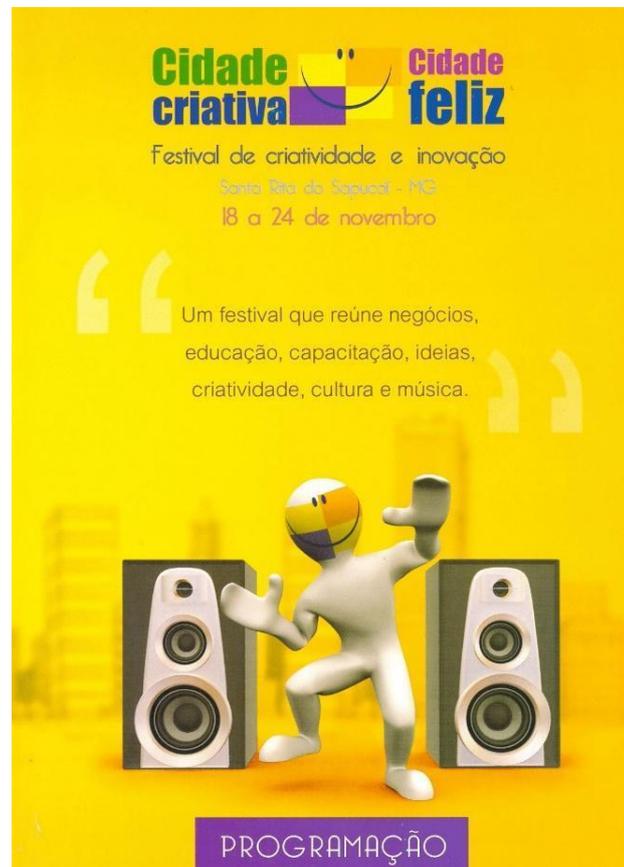
"Tecnologia + Empreendedorismo + Cultura + Cidadania". Edição 2018.

"Tecnologia + Empreendedorismo + Cultura + Cidadania". Edição 2019.

Fonte: Documento produzido a partir do estudo de campo.

A primeira edição recebeu o nome de “Festival de criatividade e Inovação” e se completava com a frase: “Um festival que reúne negócios, educação, capacitação, ideias, criatividade, cultura e música”. Com duração de uma semana, educação, capacitação, ideias, criatividade, cultura e música definiam um conjunto de atividades em formatos de palestras, cursos, oficinas, eventos de entretenimento e negócios. Nos anos seguintes essa frase foi se transformando até que em 2017 se dividiu em quatro eixos de atividade (Tecnologia, empreendedorismo, cultura e cidadania). Mas foi a partir de 2015 que o CCCF passou a se apresentar como “um movimento pela transformação criativa de Santa Rita do Sapucaí”. O festival de uma semana ganhou status de movimento com o objetivo de transformar criativamente a cidade. Abaixo, as capas das programações de todas as edições apresentam formatos que unem tecnologia, formas humanas, sugere conexões, cultura e sustentabilidade. Isso dialoga diretamente com a proposta diversificada de atividades que o compõem:

Foto 23 (conjunto de 7 fotos): Capas da programação do “Cidade Criativa, Cidade Feliz” de 2013 a 2019.





► cidadecriativacidadefeliz.com.br
f /SantaRitaCriativa

ideia

Cidade criativa  **Cidade feliz**
FESTIVAL DE CRIATIVIDADE E INOVAÇÃO

um **MOVIMENTO**
pela transformação
CRIATIVA DE
SANTA RITA DO SAPUCAÍ

TECNOLOGIA
+ empreendedorismo
+ CULTURA
+ CIDADANIA

Cidade criativa  **Cidade feliz**



► cidadecriativacidadefeliz.com.br
f /SantaRitaCriativa
i /santaritacriativa

ideia

Cidade criativa  **Cidade feliz**
FESTIVAL DE CRIATIVIDADE E INOVAÇÃO

Um **MOVIMENTO**
pela transformação
CRIATIVA
de Santa Rita do Sapucaí.

TECNOLOGIA
+ empreendedorismo
+ CULTURA
+ CIDADANIA

Cidade criativa  **Cidade feliz**
FESTIVAL DE CRIATIVIDADE E INOVAÇÃO





Fonte: Arquivos fornecidos pelo INATEL Cultural.

Essa mudança de festival para movimento também indica mais adiante quatro eixos que devem se ocupar da comunicação com a cidade. Em 2019, no lançamento de um programa de economia criativa em parceria com o Sebrae local, professor Wander²⁵ disse: “O programa se divide em quatro eixos: Tecnologia e empreendedorismo, que existem para dar respostas ao mercado, e cultura e cidadania, que servem para dar resposta ao cotidiano da cidade”²⁶. A nomeação que aglutina e dá funções aos eixos parece apontar direções e é essa nova organização estratégica dos eixos que materializa o CCCF como um “movimento pela transformação criativa de Santa Rita do Sapucaí” assume seu papel comunicativo quando pretende responder mercado e cotidiano da cidade. O enunciado do prefeito diz que o CCCF não só se movimenta, como também procura responder questionamentos. Se quatro eixos são anunciados como direções do movimento CCCF (cultura, cidadania, tecnologia e empreendedorismo), isso provoca mudanças profundas de entendimento? Afinal, esses eixos que se aglutinam aos pares também se comunicam? Se interseccionam de alguma maneira?

²⁵ Em 2019, já prefeito da cidade. Lembrando que em 2013, quando idealiza e promove a primeira edição do CCCF, ocupava a função de vice-prefeito.

²⁶ Fala repetida na abertura dos eventos: Cidade Criativa, Cidade Feliz de 2017, 2018; abertura do programa de economia criativa, do Sebrae unidade Santa Rita do Sapucaí em 2019; Palestra realizada no evento Hacktown 2018, 2019. As falas foram registradas em áudio durante a pesquisa de campo.

Entendo que eles não precisam se encaixar de formas claramente definidas, justamente porque se atravessam o tempo todo enquanto linhas de um dispositivo de comunicação e vou discutir isso mais profundamente quando encararmos esse papel do CCCF. De qualquer forma, o CCCF enquanto um dispositivo de comunicação fragmenta e atomiza a paisagem a fim de ser possível alguma harmonia salientada entre visualidade e um modo reconhecido de ver-a-cidade. Um dispositivo que utiliza a imagem da cidade para atingir impactos persuasivos (transformação criativa da cidade, cidade feliz).

Mas é preciso falar um pouco mais sobre a composição antes de discutí-lo enquanto dispositivo. Dando continuidade às observações, conversei com muitas pessoas que levarei para dentro do material que alimentará o futuro documentário. Em linhas gerais, conversei com pessoas que levam conteúdos para programação do CCCF como palestras, cursos, shows, eventos, feiras e outros tantos conteúdos que o programa oferece. Estes têm uma paixão evidente com o programa e são exímios defensores da ideia. Ao trazer esses sujeitos para dentro de sua proposta, o CCCF construiu-se com eles, isto quer dizer que eles são parte dele, cada um à sua maneira. Neste caso, a capacidade comunicativa interna e o estabelecimento de vínculos comunicativos parecem mais efetivos que seu diálogo com a cidade.

Circulando pelas ruas mais distantes do hipercentro, o entendimento sobre o CCCF é bastante variável. Por algumas vezes me questionei se era importante quantificar essas variáveis, mas decidi que essa não seria uma estratégia a se aplicar. As conversas pela cidade me mostravam que quando mais próximo das atividades econômicas fomentadas pelo comércio central, maior era o entendimento das pessoas sobre uma possível proposta de mudança para cidade. Aliás, “mudar a cidade” era uma frase que se repetia muito. Em dada medida, isso mostra que sua comunicação tem maior eficácia nos espaços onde se instala com maior efetividade (nos arredores da igreja dizia o produtor cultural). E, é claro, o comércio que se beneficia mais diretamente com os eventos por ele provocados e se encontram ainda mais alinhados com sua narrativa.

Outro aspecto interessante é o fato de que o *slogan* “Vale da Eletrônica” é algo muito mais intuitivo para as pessoas da cidade. A ideia do CCCF ainda não é muito clara para muitas pessoas e lugares da cidade. Isso tem relação com o fato de ser muito mais complexo enquanto proposta, mas principalmente ao fato de que seus sete anos de existência e atuação ainda não foram suficientes para consolidar entendimento sobre o que ele é quando comparada a ideia do “Vale da Eletrônica” que já orbita a cidade desde os anos 80.

Na tentativa de apresentar mais fragmentos do CCCF, resolvi retomar os escritos anteriores, sobretudo da primeira etapa de observação que trazem reflexões e apontamentos do planejador urbano de Charles Landry e como o autor fala sobre a necessidade de equilíbrio no desenvolvimento de uma cidade e de como ele entende a criatividade como ferramenta transversal para uma construção equilibrada. Lembrei-me ainda da problematização levantada pela socióloga Sharon Zukin, que enfatizava fases de estagnação e declínio de uma cidade que podem derivar de movimentos em que capital se move, mas a comunidade não. O CCCF nasce em 2013, talvez por perceber alguns aspectos de estagnação nos movimentos do “Vale da Eletrônica” e uma necessidade de encarar outras perspectivas para que essa movimentação de capital e comunidade possa se equilibrar.

Contudo, as conversas com a moradora Maria (diálogo da carona), com o capoeirista (no evento Vale Criativo) e outros curtos diálogos que tive pela cidade refletem que este movimento ainda precisa caminhar mais para discutir-se possíveis equilíbrios quando se pretende levar a ideia de pertencimento para a cidade. Maria e o capoeirista percebem a movimentação do capital, mas se enxergam no mesmo lugar de sempre, ou seja, fora da rota de desenvolvimento da cidade. Criar vínculos comunicativos com um enunciado que sugere uma cidade feliz via transformação criativa exige que o CCCF supere perspectivas econômicas e também seja capaz de mover transformações em outras instâncias. O que sem dúvidas, “não é um projeto para curto prazo, se trata de um processo (palavras do professor Paulo Tadeu, presentes no documentário)”.

Também revisitei o economista Richard Florida, que otimiza a criatividade dizendo que se não existe uma pílula que resolva, existem possibilidades de equilíbrio capazes de pensar novos processos para a cidade pautados em percepções, singularidades que fomentem inspiração e aprendizado. O movimento do produtor cultura de Santa Rita do Sapucaí que provoca o CCCF a se mover até a região da “Nova Cidade” demonstra que essa possibilidade de equilíbrio é possível e que uma maneira singular não precisa surgir necessariamente de dentro do CCCF, mas das provocações que ele causa nos sujeitos e na cidade e que são devolvidas a ele.

A ação que levou o programa até a “Nova Cidade” é resultado de uma mediação entre instâncias da cidade: poder público (parceiro do CCCF), o próprio CCCF (e seus tantos sujeitos) e uma parcela da sociedade civil (comunidade da região “Nova Cidade” que agiu como tensor nessa mediação). A comunidade “desenhando” a maneira como o CCCF deveria acessar aquele aglomerado de bairros é a cidade mediação acontecendo. Ao mesmo tempo, os anúncios do FestCidade que coloca em cartaz o artista Gabriel Pensador e seu show

gratuito no evento é a cidade mídia atuando. Neste caso, houve um equilíbrio entre os níveis comunicativos.

O CCCF atende seus níveis comunicativos de maneira mais eficiente no nível midiático, mas como já apontei nos relatos históricos, essa é uma prática antiga da cidade. Em matérias de jornais digitais, na rádio local e outros tantos canais de comunicação que reverberam a cidade, o CCCF e suas ações são publicados como feitos que criam no imaginário a ideia de um lugar criativo. Ao mesmo tempo, as ações desenvolvidas através do CCCF, de fato convergem com essa capacidade de agir transversalmente entre as instâncias de poder da cidade na tentativa de equilibrar movimentos e resolver problemas de formas não convencionais.

Trazer novamente os conceitos de cidades criativas facilitaram meu entendimento sobre como o CCCF procura causar um impacto dramático na cultura organizacional da cidade. Se alguma cartografia ainda se faz necessária para deixar mais claro a questão dos eixos, buscar apoio mais uma vez nas reflexões de Charles Landry. Como já visto, o autor realça que a cultura deveria ser responsável por dar forma às questões técnicas do planejamento urbano, antes mesmo de outras ações do planejar a cidade. Seguindo as colocações do autor, passei a enxergar o eixo cultura como algo que está contido nos outros eixos, como uma espécie de membrana que reveste esse movimento pela transformação da cidade.

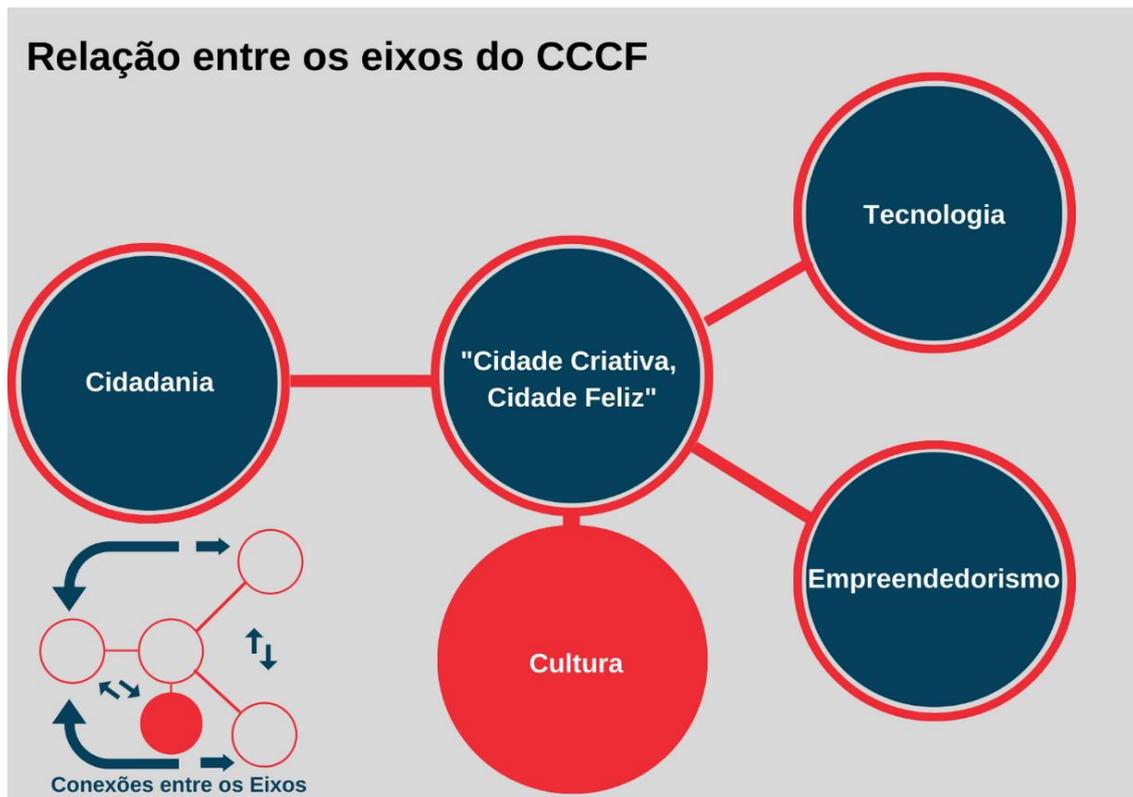
Se pensada como eixo, na cultura estão principalmente os eventos artísticos, de tradições populares, artesanais, gastronômicos, festivais literários e outras atividades de entretenimento, desporto e lazer. Mas a cultura também a produção de hábitos navega em esferas profundas da formação do indivíduo e da sociedade. Cultura enquanto termo também pode ser pensada como produção de subjetividade e tem forte relação com saber e poder²⁷, logo, também pode provocar sujeição. Ao mesmo tempo que acolhe modelos e recortes, o eixo cultura também atravessa os demais eixos e os liga (uma cultura cidadã, uma cultura tecnológica, uma cultura de empreendedorismo, uma cultura de criatividade, etc.). Se os eixos se atravessam o tempo todo, o eixo cultura permanece o tempo todo e ao mesmo tempo em todos eles. Se ainda era necessário realizar algo que representasse os eixos sugeridos por

²⁷ Apesar de trazer os conceitos de saber e poder, muito presentes em Foucault, não se pretende aqui iniciar as discussões a partir das reflexões do filósofo (que serão abordadas na próxima etapa do estudo), trata-se de evidenciar que o eixo cultura apresentado como uma das linhas que compõem o CCCF talvez seja o eixo de maior força e também o mais complexo.

seu idealizador, o formato acima é o que a mim, melhor representa essa possível interação entre eles.

A representação abaixo pretende demonstrar essa “condição especial” da cultura e a maneira como o professor Wander divide os eixos, isto é, a interação entre tecnologia e empreendedorismo e cultura e cidadania:

Quadro esquemático 6: Os eixos do “Cidade Criativa, Cidade Feliz”.



Fonte: Documento produzido a partir do estudo de campo.

Ainda assim, essa divisão por eixos sugeridas por Professor Wander em momento algum se apresentam visualmente definida no CCCF. Depois dos discursos que dão ao eixos esse papel de responder ao mercado e ao cotidiano da cidade, eles não aparecem organizados em nenhum formato material e não parecem se materializar nas programações ao longo dos anos. No entanto, alguma aproximação ou afinidade é possível de se visualizar. De fato, empreendedorismo e tecnologia, por exemplo, conversam melhor entre si por estarem mais próximas de contextos de desenvolvimento econômico e narrativas contemporâneas de mercado e é possível enxergar isso a partir de alguns conteúdos apresentados na programação.

Cultura e cidadania, por sua vez, apresentam alguma proximidade em atividades que ligam sobretudo ações sociais com desporto, lazer e cultura. Isso não anula a possibilidade de outras relações entre eixos, ainda assim essas aglutinações entre os quatro eixos são mais

difíceis de se enxergar. Exceto quando encaramos os atravessamentos da cultura vista como a tentativa de estabelecimento de um hábito, revelando essa membrana que reveste o movimento com a proposta de uma cultura criativa que suscita transformações. De qualquer maneira, medir impactos ou resultados de uma cultura que tenta estabelecer hábitos criativos na cidade leva tempo e não é este estudo que vai responder isso.

Seguem abaixo alguns recortes na programação. Os conteúdos são muitos e diversos, então os recortes procuram demonstrar a diversidade do CCCF. Seguem alguns temas e formatos que foram abordados ao longo dos anos e que podem suscitar algumas aglutinações entre os eixos:

Foto 24: Conteúdo da programação – edição 2016.



Fonte: INATEL Cultural.

A diversidade de conteúdos impera dentro do Hacktown. É possível encontrar uma palestra sobre indústria 4.0 e seus impactos no futuro do trabalho e em seguida assistir uma palestra com um mestre budista que fala sobre uma vida mais simples e logo depois assistir um artista renomado do hip-hop falar sobre desigualdades sociais. A diversidade é muito grande e as possibilidades de aglutinação entre eixos também.

O CCCF é um movimento e esse movimento provoca mudanças de dentro para fora e de fora para dentro. Ao mesmo tempo que as provoca, ele também absorve mudanças necessárias. Alguns temas que nas primeiras edições não eram sequer citados passaram a ganhar destaque. As discussões de dinâmicas sociais passaram a ocupar espaços que nos ciclos anteriores não apareciam, exceto em ações assistenciais, como a facilitação na aquisição da casa própria durante o ciclo das Escolas, maiores oportunidades de emprego e negócios no período do “Vale da Eletrônica”. Mesmo o CCCF precisou de algumas edições para inserir temas que propusessem igualdades ou fomentassem o engajamento de grupos menos privilegiados. Eventos de empoderamento feminino associados a negócios ganham seu espaço, assim como outras discussões sobre gênero e etnia:

Foto 25: Conteúdo da programação – edição 2019.



Fonte: INATEL Cultural.

Palestras com o papel de trazer para o campo da reflexão as dificuldades de fomento econômico de mercados como do artesanato trouxeram para o ambiente do CCCF artesãos que sequer discutiam modelos de negócios, estratégias e planejamento:

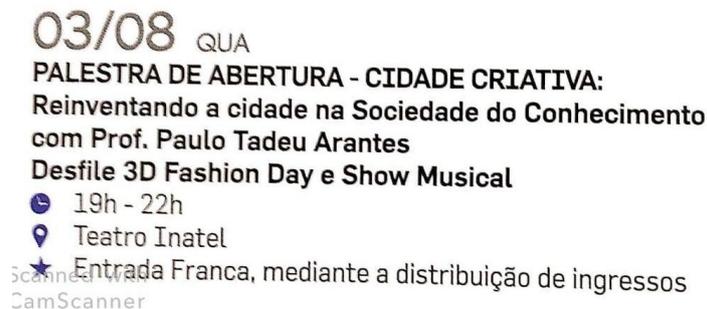
Foto 26: Conteúdo da programação – edição 2019.



Fonte: INATEL Cultural.

O próprio CCCF é tema para repensar a cidade a partir dos desafios contemporâneos e se mistura com outras atividades de viés aparentemente bem diferente, como é possível ver no recorte abaixo:

Foto 27: Conteúdo da programação – edição 2016.



Fonte: INATEL Cultural.

Provocações sobre cidadania e tecnologia mostram que a mistura entre os eixos é possível, mesmo que não estejam explicitamente definidas:

Foto 28: Conteúdo da programação – edição 2019.



Fonte: INATEL Cultural

Algumas dessas conexões entre cidadania, empreendedorismo e tecnologia são muito mais presentes na programação a partir de 2017, talvez provocada pelo modelo do festival

Hacktown. Até 2016, a programação apresenta muitos temas ligados à criatividade, inovação tecnológica e metodologias, bem como de empreendedorismo. Apesar da programação não apontar para conexões, intersecções ou qualquer outro formato que visualmente expresse que o CCCF seja “dividido em quatro eixos”, isso na verdade está aberto a interpretações que vão permitir ou não que essas conexões e intersecções aconteçam. Meu entendimento é de que cultura, cidadania, empreendedorismo e tecnologia servem muito mais como palavras de orientação do que eixos claramente definidos. São instrumentos disciplinadores que não se materializam, mas ajudam a organizar o CCCF. Estão presentes nos enunciados de falas com força e posição suficientes para fazê-los atender as estratégias do dispositivo.

Captando melhor o movimento da cidade, vivendo e compartilhando junto suas complexidades durante o estudo de campo, noto que muitas tensões se reclinam em disposição ao CCCF, mas a complexidade que as define exige tempo para que esse processo transforme a cidade na dimensão do cotidiano. Este é um projeto para colher frutos a longo prazo. O Professor Paulo Tadeu sabia o que estava dizendo.

Chegando ao fim dessa segunda observação, é possível confirmar algumas coisas sobre o CCCF. A primeira delas é que ele é meio, mídia e mediação. A mediação se revela quando ele se esforça na indagação das correspondências entre espaços e sociedade, de maneira que ao mesmo tempo que é instrumento dessa mediação também é afetado por ela. É mídia e segue modelos semelhantes aos dos ciclos históricos da cidade que tenta sustentar uma imagem mais que singular para Santa Rita do Sapucaí. É meio quando representa e personifica os movimentos oriundos dos outros níveis comunicativos. Segundo ele, se configura como um dispositivo de comunicação na medida em que se coloca como ativador e vitrine de um movimento que pretende transformar a cidade de forma criativa e principalmente, inspira no imaginário das pessoas a ideia de uma cidade feliz.

Por isso que preciso entender sua mecânica enquanto dispositivo. Se encerrasse a pesquisa agora seria possível dizer que sim, o CCCF impacta a dinâmica da cidade, o que já está mais que evidente. No entanto, preciso compreender melhor o porquê e para quê. Pretendo seguir os mesmos passos das etapas de observação anteriores, ou seja, inicialmente uma discussão teórica com alguns autores que me auxiliarão nos caminhos epistemológicos e construção metodológica dessa última observação. Portanto, essa última etapa tem como objetivo dissecar esse dispositivo a fim de que suas partes possam revelar que estratégias ele de fato atende.

A CIDADE, AS RELAÇÕES SOCIAIS E OS DISPOSITIVOS DE CRISTALIZAÇÃO DO PODER

A essa altura, a complexidade de um estudo sobre cidades já deve se fazer clara. Isso porque não é possível assumi-la como um lugar harmônico; em sua harmonia dos contrários, a cidade se dá de maneira instável e extremamente submetida aos arranjos que a compõe, afinal de contas, ela é e sempre será acontecimento. Por isso, a história se revela importante instrumento na percepção de movimentos presentes e dos acontecimentos da e na cidade. Mas, convencionalmente, a história se dispõe de forma linear sugerindo começo, meio e fim. Este estudo não parte do uso dessas mesmas lentes que capturam a história de forma linear e nem se pretende deduzir uma gênese histórica da cidade a partir de perspectivas lineares. Os elementos coletados até aqui provocam perseguições mais profundas, portanto seguiremos orientados por outras lentes.

Essa perseguição mais profunda, ou essa outra perspectiva de observar os elementos históricos se sustentará nos escritos sobre uma arqueologia do saber e uma ordem do discurso, reflexões que sempre rodearam os textos de Michael Foucault ao longo de sua vida como professor no *Collège de France*. Com o auxílio dos escritos de Foucault e de outros colaboradores, construiremos o fundo epistemológico dessa terceira e última parte da pesquisa. Com isso, esperamos que nas observações adiante possa-se, além de detectar os discursos presentes no CCCF, que lhes dão certo estatuto de documento, também perceber e registrar sua forma enquanto dispositivo, realçando seus sujeitos e como essas modalidades enunciativas. E com isso, espera-se identificar a intenção deste dispositivo, em outras palavras, porquê e para que (ou quem) ele existe.

Esse percurso, que parece nos levar a discutir mais profundamente a cidade, torna-se cada vez mais evidente quando se detecta o papel de dispositivo de comunicação que o CCCF exerce. Num primeiro passo, observou-se o corpo-cidade com a finalidade de visualizar sua disposição estática e móvel. Estática porque materialmente os elementos arquitetônicos se movem numa velocidade que por vezes (ou anos) parecem não se mover (parecem), por outro lado, sua disposição móvel diz respeito aos movimentos que nem sempre são materiais, em que a cidade se faz ver nas mais diversas formas. No segundo momento, olhamos para a cidade na busca por tecnologias de comunicação presentes na dinâmica dos fenômenos comunicacionais da cidade, e a partir deste ponto o CCCF se revelou um dispositivo de comunicação atuando nos níveis comunicativos meio, mídia e mediação. Agora, dirigimos nossa atenção para esse dispositivo para dissecá-lo a fim de perceber, a partir de uma

perspectiva foucaultiana, se ele de fato é um dispositivo de comunicação e quem ou o que ele atende.

No entanto, antes de começar algumas coisas, em Foucault precisam ser explicadas. A primeira delas é sobre o entendimento de imagem. A Imagem para Foucault, por ser ela mesma um discurso, exige de nós certo cuidado para que ela não se congele. De outra maneira, o que o autor quer dizer é que a imagem é ação e é por meio de e na interação que ela acontece. Outro aspecto importante é a Forma, que na perspectiva de Foucault representa as interações práticas e relações sociais. Imagem e forma são movimento em Foucault, assim como o discurso é forma, ação que se persegue (movimento discursivo) a partir dessas interações e relações. Sendo assim, o que nos ocupa daqui em diante não é o conteúdo do programa em si, mas sua forma.

Para isso, no entanto, também é preciso estar atento às relações de poder que se cristalizam através dos discursos. Elevando-se esse cuidado com o movimento, a necessidade de observar a história não mais como fato que aponta certo horizonte sequencial torna-se algo relevante, que em Foucault sugere dirigir-se na direção das transformações e interações:

E, assim, o grande problema que se vai colocar – que se coloca – a tais análises históricas não é mais saber por que caminhos as continuidades se puderam estabelecer; de que maneira um único e mesmo projeto pôde-se manter e constituir, para tantos espíritos diferentes e sucessivos, um horizonte único; que modo de ação e que suporte implica o jogo das transmissões, das retomadas, dos esquecimentos e das repetições; como a origem pode estender seu reinado bem além de si própria e atingir aquele desfecho que jamais se deu – o problema não é mais a tradição e o rastro, mas o recorte e o limite; não é mais o fundamento que se perpetua, e sim as transformações que valem como fundação e renovação dos fundamentos (FOUCAULT, 2008, p. 6).

Com isso, a ideia de arqueologia em Foucault torna-se uma proposta interessante para auxiliar nossa empreitada para dentro do problema que norteia essa pesquisa. Afinal, como Foucault aponta, é preciso desalojar as formas pelas quais se tem o hábito de interligar os discursos, ou seja, é preciso aceitá-los numa população de acontecimentos dispersos observando as formas e gêneros que se opõem, por isso não é uma questão de conteúdo e sim de forma.

É preciso tratar o discurso no jogo de sua instância, nas palavras do filósofo “é preciso estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado e até nos menores traços, escondido bem longe de todos os olhares, na poeira dos livros” (Foucault, 2008, p. 28). Foucault aponta que mesmo

com todos os fenômenos históricos observados no campo do discurso é preciso considerar que eles não sejam o que se acredita à primeira vista. Olhá-los exige questionamentos sobre sua estrutura, sistematicidade e transformações com perguntas que procurem pelo o que são, de quais articulações eles sucedem, se podem dar lugar a subconjuntos, como defini-los ou limitá-los e quais tipos de leis elas podem obedecer.

Na perspectiva foucaultiana, não faz muito sentido estudar os fenômenos sem que se revelem os fatos discursivos que os constroem. Mais uma vez o autor insiste na importância da história se preocupar em estabelecer “séries diversas, entrecruzadas, divergentes muitas vezes, mas não autônomas, que permitem circunscrever o “lugar” do acontecimento, as margens de sua contingência, as condições de sua aparição” (Foucault, 2012, p.56). Pensando no programa CCCF como uma tecnologia de comunicação, esse procedimento arqueológico sugerido pelo autor pode auxiliar de maneira mais contundente na perseguição de possíveis modalidades de discurso presentes em sua forma. Então, para perseguirmos essa forma, devemos nos manter atentos às relações de poder e, para isso é preciso compreender algumas modalidades enunciativas que o filósofo sugere como maneiras de identificação e posição, a saber: Quem fala? De onde fala? Porque fala? Para quem fala?

Quem fala trata-se da observação do sujeito que fala, ou seja, quem fala e qual o regime social que o colocou naquele lugar de fala. Esse sujeito em Foucault não é um sujeito pré-discursivo, isso significa que ele não é anterior ao discurso enquanto ser, ora, se para Foucault o discurso acontece na ação, numa interação, não é possível que ele seja anterior a ação, portanto ele acontece (o sujeito) durante o discurso, se reconhecendo na relação e por isso que para o autor é importante reconhecer o discurso que as instituições produzem. Quem produz os discursos que atravessam a formação do sujeito? Onde ele se reconhece e então se naturaliza? Foucault procura localizar quem é que está falando aquilo, “quem no conjunto de todos os falantes, tem boas razões para estar nessa posição” (Foucault, 2008, p. 56), se ocupando em saber qual foi o arranjo social que legitimou aquele sujeito que fala.

De onde fala, tem ligação com a arquitetura, no sentido de produção de espaço de fala, afinal, pensar espaço e pensar arquitetura é algo fundamental para o filósofo. A arquitetura é um discurso que produz sujeitos e que produz discursos e que produz novas materialidades. Prédios são discursos, corpos são discursos, todos os sujeitos se tornam mecanismos e por isso o corpo também é um lugar de fala que sofre ações de discursos e que vai se materializando, “é preciso também descrever os lugares de onde o médico obtém o discurso, e onde este encontra sua origem legítima e seu ponto de aplicação” (Foucault, 2008, p.57).

Porque fala é um convite para verificar se tem algum cenário do discurso que precisa ser preenchido, reconstruído, para de fato entender como uma materialidade se produziu: “o sujeito questiona segundo certa grade de interrogações e ouve segundo um programa de informação, observa segundo um quadro de traços e características” (Foucault, 2008, p.58). Aqui o autor procura identificar a motivação do discurso, ou seja, o que orbita em torno do discurso que o moveu naquela direção e com aquele(s) sentido(s).

Por fim, para quem fala quer dizer que esse “quem” representa uma construção da recepção desse discurso “observar a utilização de instrumentos que modificam a escala da informação, deslocam o sujeito ao nível perceptível médio e imediato, assegurando sua passagem de um nível superficial a um nível profundo” (Foucault, 2008, p. 59). É importante entender essa dimensão para perceber o que fez um determinado discurso produzir tanta ação e se projetar de tal maneira que produz novos discursos e novas materialidades e o que faz isso não é o conteúdo do discurso, mas sua forma.

É a partir da ideia de forma que Foucault contesta o sujeito pré-discursivo (de um conteúdo) que existe anterior a interação social, posto que para ele é a interação que veste o sujeito porque é no momento da interação que o sujeito se reconhece e essa ação do reconhecimento que o faz sujeito. A ideia de forma é importante para revelar em Foucault que é na interação que o sujeito se identifica, acontece e se transforma ao mesmo tempo. O sujeito acredita estar se naturalizando, no entanto, o sujeito é forma e acontece na interação com os discursos, por isso não é pré-discursivo.

Outro entendimento fundamental é que Foucault não pretende ver a descrição de um processo rumo a uma objetividade. Ele pretende pensar quais são “os códigos fundamentais de uma cultura – aquilo que rege a sua linguagem, seus esquemas perceptivos, suas trocas, suas técnicas, seus valores, a hierarquia de suas práticas – fixam, logo de entrada, para cada homem, as ordens empíricas com as quais terá de lidar e nas quais há de se encontrar” (Foucault, 1999, p.16). Essa epistemologia foucaultiana não pensa uma teoria da análise dos discursos, ele investiga a ordem que condiciona os discursos.

Posta a proposta de uma arqueologia do saber, a maneira como se segue este estudo dialoga então com essa modalidade de penetração, de uma escavação que persegue o problema. Neste caso, o CCCF e sua interação com a cidade de Santa Rita do Sapucaí. Ainda que tenhamos apresentado a cidade e seus aspectos históricos, sobretudo suas estratégias midiáticas para o desenvolvimento econômico local, quando se olha para o formato do CCCF o que se vê é uma certa mudança de proposta, que por mais que ainda possa ser fortemente ligada a perspectivas econômicas, parece carregar consigo outros elementos discursivos que

apontam outras possíveis intensões de desenvolvimento local. Essa diferença entre os movimentos históricos da cidade que criam a escola técnica de eletrônica e subsequentemente as outras duas escolas de ensino superior, bem com os movimentos que criam o *slogan* “Vale da Eletrônica” e o aglomerado tecnológico, colocam o CCCF em um lugar outro e, justamente, essa possível diferença é o que motivou essa investigação. Ocupando-nos a observar a forma sob as quais os discursos se materializam no programa e como as interações sociais o transformam e o cristalizam de alguma maneira como uma forma de pensar a cidade, vamos analisar esse dispositivo na perspectiva de Foucault e colaboradores.

Para seguirmos nessa tarefa, ainda é preciso passar por outra fase da filosofia foucaultiana, a saber: a genealogia do poder. Se a arqueologia é um procedimento pensado a partir de categorias de ação, sobre documentos e perante discursos, o filósofo vê a necessidade de estruturar um conceito que consiga trabalhar este exercício metodológico. É então que a ideia de genealogia em Foucault emerge da leitura da genealogia da moral de Nietzsche, que por sua vez procurava reconfigurar o modo como a ideia de moralidade era pensada desde a filosofia clássica.

Vejamos que gênese também é uma concepção linear que está marcada por um começo e um fim, em que se definem na linearidade, com o auxílio de marcações vindo de rupturas, os seus progressos. Na genealogia o exercício se torna outro (Gêneses e genealogia são coisas diferentes em Foucault e, os parágrafos seguintes explicam isso), ela é um exercício que estabelece um recorte temporal (assim como na arqueologia) e que não pretende chegar na origem, mas sim lidar com questões práticas para pensar o presente. Enquanto a gênese busca pela origem, a genealogia faz esse recorte temporal para perceber as disposições que materializam o presente. Esse é o exercício feito por Nietzsche ao distanciar a moral da religião e ao aproximá-la da questão civil, tentando entender como a moralidade atingiu aquelas disposições específicas naquele momento²⁸.

Essa concepção nietzschiana é o que leva Foucault a discutir uma genealogia do poder. Nessa direção, o filósofo vai pensar as relações sociais que são capazes de produzir instituições disciplinares: “O poder não opera em um único lugar, mas em lugares múltiplos: a família, a vida sexual, a maneira como se tratam os loucos, a exclusão dos homossexuais, as relações entre os homens e as mulheres...” (Foucault, 2006, p. 262). Para pensar o poder

²⁸ Um debate que remete o Século XIX pós iluminismo atrelado a uma moralidade cristã. A religião é um tema que não é abandonado por Foucault em momento algum e que servirá inúmeras vezes para descrever aquilo que e o filósofo pensa sobre dispositivos, enunciações e poder, mas que para esta pesquisa não exige mais aprofundamentos.

ele não vai falar de estado, religião ou economia, ele fala de tudo e como isso é capilarizado, bem como as relações sociais criam caixas disciplinares. Isso tem relação com a maneira como o autor entende verdade e o modo como ela é um regime, posto que para ele o regime cristaliza algo como verdade, em outras palavras, as relações sociais criam seus regimes de verdade, então a verdade é o resultado de disputas de poder que em algum momento se cristalizam: “somos submetidos pelo poder à produção da verdade e só podemos exercer o poder mediante a produção da verdade” (Foucault, 1999, p. 28).

Para Foucault, o poder se distancia da ideia de poder da soberania do estado e suas instituições, ele rompe com as teorias jurídicas, assim como rompe com as teorias marxistas de reprodução da dominação de classe criticando o conceito de poder como força opressora e também o conceito de um poder repressor. Pensar o poder a partir dessa perspectiva de força e opressão sempre localiza o poder e o condiciona a algumas estruturas específicas, fazendo com que o resultado disso fosse enxergar muito poder em alguns lugares e nenhum poder em outros. O que Foucault quer entender é o movimento do poder, sobretudo, não necessariamente onde se olha. O sentido de poder repressor também é importante no pensamento crítico de Foucault, porque ele está preocupado em como pensar as resistências. Nesse olhar para onde não se olha é possível ver o que ele chama de microfísica do poder e em uma ideia de poder repressor essas microfísicas não são possíveis de se ver. Isso não quer dizer que a opressão ou repressão não devam ser vistas como poder, o que Foucault quer dizer é que um conjunto de ações institui esse poder, dessa maneira é preciso olhar para as relações sociais e não para a instituição, posto que as relações produzem o poder que se movimenta, produzindo e cristalizando sentidos. Segundo o autor, o poder circula, não está nas mãos de ninguém: “o poder transita pelos indivíduos, não se aplica a eles (...) o poder transita pelo indivíduo que ele constituiu” (Foucault, 1999, p. 35).

As discussões sobre poder em Foucault são um tanto complexas, ou porque não problemáticas, afinal essa não linearidade e essa capacidade de circulação do poder exigem um olhar mais que apurado para perceber dentro do macro, microfísicas de poder e como tudo isso se dá pelas relações sociais. Para resolver esse problema, o filósofo passa a pensar o espaço, o que quer dizer que essas expressões de poder (diferenças e posições) são materializadas arquitetonicamente, onde as construções e as cidades são lugares de poder e que também se distribuem em lugares.

Ao mesmo tempo, quando o autor traz para discussão o espaço e o modo como os espaços são pensados, o corpo também é trazido como espaço que também está sendo pensado, produzido e posicionado e isso permite uma compreensão melhor dessa dinâmica

que distribui e movimenta esse poder, uma dinâmica da modernidade em que se produzem instituições com prédios que são pensadas para pensar corpos, distribuir corpos e desta maneira pensar posições de poder²⁹. Thamy Pogrebinschi traz uma síntese interessantes sobre como Foucault enxerga a questão do poder. Para a autora, o que Foucault defende é que o que está na base do poder não são as ideologias, mas instrumentos de formação e acúmulo de saber. Portanto a autora completa que, ao exercer-se, o poder forma, organiza e coloca em circulação um dispositivo de saber, em que o poder institucionaliza a verdade, ou institucionaliza a busca da verdade ao institucionalizar seus mecanismos de confissão e inquirição (Pogrebinschi, 2004).

Só depois de discutir esses movimentos é que o conceito de dispositivo começa aparecer em Foucault. Ele aparece como uma espécie de categoria que é importante para movimentar o poder a partir de estratégias³⁰ e práticas. O dispositivo é o exato mecanismo de ação que ao ser acionado vai construindo coisas, pessoas e novas noções de poder em movimento. Por isso o recorte temporal (a arqueologia) auxilia ao pensar a movimentação, mas de modo algum o que Foucault pensa se aproxima de uma teoria da totalidade, está muito mais próximo de uma teoria dos movimentos que se preocupa em pensar ação e o modo como se produzem as posições de poder. Por sua vez, o dispositivo que Foucault elenca não é um mecanismo simples, mas um agrupamento heterogêneo que abarca discursos, assim como Louro (2000) recorta:

Sua definição de dispositivo sugere a direção e a abrangência de nosso olhar: um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas [...] o dito e o não-dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos. [LOURO, 2000, p.6 (FOUCAULT, 1979, p.244)].

Isso quer dizer que o dispositivo é quem permite que se estabeleça uma relação entre os elementos que o constituem. Desta maneira, evidenciar o contexto se torna algo fundamental, pois em um determinado momento houve um imperativo, isto é, respondia uma “urgência” e aí se destaca a estratégia no dispositivo (sua função estratégica), evidenciando

²⁹ É importante lembrar que nas discussões sobre discurso, Foucault pensa numa gramática, uma disposição nas relações sociais que produz uma materialidade que as coloca em determinadas posições e neste entendimento é preciso colocar construção, espaço, pessoas como discursos e a palavra como coisa.

³⁰ A noção de estratégia é importante em Foucault porque se discute a maneira como os discursos são produzidos, de outra maneira, esses discursos que materializam o poder fazem com que as pessoas calculem a posição de poder que elas querem alcançar e passam a pensar estratégias. A noção de estratégia auxilia a dar essa noção de movimento que o autor tanto defende.

a tática, a manobra e a manipulação. Em outras palavras, o dispositivo ocupa a função de eixo organizador da genealogia foucaultiana, ele é uma produção de coisas sobre uma determinada categoria e essa produção de coisas são ações (discurso/ação). Mas como captar um dispositivo? Foucault vai dizer que um conjunto de verdades que se produz de uma coisa, é o que ajuda a pensar o dispositivo, que é, portanto, o materializador e um produtor de verdades. Quando se olha para um dispositivo é possível perceber como se produziu aquela verdade. Essa verdade são as pessoas, instituições, livros, leis, prédios, tudo que se materializa e que justifica sua materialidade, sempre usando a ideia e o sentido daquela categoria. Essa materialidade tem uma intenção justificadora que está sempre relacionada a um dispositivo, que por sua vez justifica a ação. Um dispositivo é poder.

Outra perspectiva importante da ideia de dispositivo de Foucault está na leitura que Deleuze faz ao interpretá-lo como um conjunto composto por múltiplas linhas de natureza diferentes. Essas linhas, comenta Deleuze: “seguem direções, traçam processos que estão sempre em desequilíbrio, e que ora se aproximam ora se afastam uma das outras. Qualquer linha pode ser quebrada – está sujeita a variações de direção – e pode ser bifurcada, em forma de forquilha – está submetida a derivações” (Deleuze, 1989, p. 185).

O que Deleuze faz é retomar algo descrito por Foucault na arqueologia do saber quando o filósofo sugere que a perseguição profunda do problema (a partir de um recorte) nos leva a outras dimensões (com outros recortes) e essa caracterização do dispositivo por linhas representam suas dimensões. Essas linhas, completa Deleuze: “são de naturezas diferentes e seguem direções e traçam processos que estão sempre em desequilíbrio que ora se aproximam ora se afastam uma das outras”. E complementa: “São instâncias não contornos definidos a priori, cadeias variáveis que se destacam umas às outras” (Deleuze, 1989).

Antes tarde, outro aspecto importante passou a fazer parte das observações acerca do CCCF, que consideramos um tanto quanto pertinentes. Quando estamos falando de um estudo sobre cidades e observações sobre interações e cristalizações de poder e que tem como agente dessa cristalização um dispositivo, é preciso entender melhor o que é, ou que poder é esse. Para Foucault, existem formas de poder e, entre as estudadas por ele, o autor descreve sobre uma espécie de poder que nos chamou bastante atenção. Foucault fala de um poder que a partir do zelo, guia e serve de intermédio para um objetivo. O que o filósofo traz é a ideia de um poder pastoral.

Um poder que remete a tempos pré-cristãos e como reforça Ruiz Bartolomé em Foucault, essa forma de poder aponta a figura de um rei-pastor muito utilizada por várias civilizações: “A imagem do rei-pastor era muito mais que uma metáfora, representava uma

forma de exercício de poder. O rei pastor simbolizava um tipo de poder específico perpassado pela relação de cuidado com o rebanho” (Bartolomé Ruiz, 2016, p. 8).

Outra autora que destaca o poder pastoral em Foucault é Laura Bazzicalupo, que analisa essa perspectiva pastoral como um governar que cuida de necessidades:

O poder pastoral é, por definição, benefício para *menores*** [***minori*: que não tem capacidade de se autogovernar] a serem salvos, curados, protegidos e promovidos: *pouvoir bienfaisant*** [*** poder benfeitor*], cujo objetivo é a *salut du troupeau*** [***saúde do rebanho*]. Portanto cura, assistência, poder oblativo. (BAZZICALUPO, 2017, p.65).

O que Laura Bazzicalupo faz é colocar que a estratégia desse poder pastoral utiliza da necessidade daqueles que não podem se autogovernar para então instalar-se como poder. Bartolomé ainda esclarece isso um pouco mais ao dizer que um poder pastoral é mais eficiente quando há uma identificação maior dos governados com as metas do governo, o que provoca uma adesão voluntária, isto é, o governo pastoral só se faz efetivo quando a adesão dos sujeitos é voluntária à proposta que o conduz Bartolomé (2016, p. 241). Ou seja, este é um poder que além de lidar com a necessidade daqueles que não se autogovernam, tem a capacidade estratégica da adesão voluntária, o que de outra maneira quer dizer que, a eficiência deste poder está na capacidade de controlar seu rebanho, não pela força, mas pelo oferta daquilo que promete suprir a necessidade do rebanho.

Essa ideia de poder pastoral corrobora com essa pesquisa na medida em que observamos aspectos de semelhanças entre os ciclos históricos na cidade de Santa Rita do Sapucaí e suas propostas de desenvolvimento para cidade ao longo do tempo. Algumas figuras públicas da cidade assumem papéis de protagonismo evidente em ações de planejamento para cidade, bem como provocam movimentos voluntários de outros sujeitos na direção destes protagonistas que projetam benefícios para cidade. Neste sentido, sendo o CCCF um dispositivo de comunicação, ele atende essa lógica de poder pastoral? Para começarmos nossas observações, seguimos o que Deleuze (1988, p. 186) nos diz: “Atentos aos objetos visíveis, os enunciados formuláveis, as forças em exercício, aos sujeitos numa determinada posição e, dados os movimentos das linhas, desenredá-las em cada caso, é construir um mapa”. Por uma última vez a cartografia será nosso instrumento e desta vez, o dispositivo CCCF será nossa perseguição.

Durante essa última observação o que se propõe é desenredar esse dispositivo, observando suas funções estratégicas na tentativa de compreender que tecnologia de poder ele atende. Essa terceira observação encerra os estudos de campo na expectativa de ter

corroborado com a questão central dessa pesquisa: qual o impacto do CCCF na dinâmica da cidade? Indo além nessa colaboração, a terceira observação pretende enfatizar como o estudo de dispositivos pode contribuir com estudos sob o viés da comunicação. Duas etapas compõem essas observações que seguem novamente em primeira pessoa.

Ao observar o movimento “Cidade Criativa, Cidade Feliz” como um dispositivo comunicacional, uma tecnologia de poder se revela.

Olho para cidade mais uma vez. Por uma última vez pretendo ver além dos prédios que simbolizam uma educação técnica atenta às narrativas globais de desenvolvimento econômico, para além do “Vale da eletrônica” e com atenção focada na cidade criativa e feliz início minhas observações finais. Olhar que não quer se deixar levar pelos belos discursos de uma cidade que é singular, afinal, todas são, mas que pretende compreender que singularidades são essas. Olhando para além do seu aglomerado tecnológico, de personalidades locais, de *slogans* (ou lemas) e de uma historicidade poética que pode criar véus. Espero olhar Santa Rita do Sapucaí mais uma vez, sem deixar que meu repertório cultural julgue imediatamente e pré conceitue narrativas para que minhas lentes possam se ajustar na direção do que acredito ser o CCCF, um dispositivo de comunicação que atende uma tecnologia de poder³¹.

Iniciada essa terceira olhando para esse dispositivo, quanto mais me aproximava mais se misturavam as linhas desse novelo que me provocava a desembaraçá-lo. Certo de que esta não é uma tarefa simples, procurava por pontas. Era disso que Deleuze falava: “é preciso pegar as coisas para extrair delas as visibilidades... é necessário rachar as palavras ou as frases para delas extrair os enunciados” (Deleuze, 1992, p.120). Eu me encontrei com o dispositivo CCCF, ele se apresentou a mim, do jeito dele, agora eu precisava trabalhar com as informações que ele me ofereceu.

Foucault e Deleuze olham para um dispositivo e o representam como um conjunto multilinear. Seguindo essa perspectiva, olho para o programa “Cidade Criativa, Cidade

³¹ Foucault trata do conceito de dispositivo a partir de dois tipos de sociedade: soberana e disciplinar, o que dá insumos para tratar posteriormente do que chamou de “biopoder” como formas de gestão da vida e das populações e, o que mais adiante, Deleuze vai tratar como “Sociedade de Controle”. Ao trazer o termo “tecnologia de poder”, pretendo uma relação entre o que até aqui considero como um dispositivo, a saber: o movimento CCCCF que, por sua vez, sendo uma rede entrelaçada de ditos e não-ditos, arquiteturas e discursos, como representa Deleuze a partir de Foucault, atende uma estratégia, que por consequência, pode atender um objetivo de controle, ou disciplinar para um propósito que é objetivado a partir de um poder (uma instância) que gerencia as ações de dispositivos, que são tecnologias a seu serviço.

Feliz”. Para isso, a realização do percurso histórico nas etapas anteriores de investigação associada a arqueologia do saber de Foucault foram fundamentais para que eu perceber que, enquanto citava que os marcos anteriores nunca deixaram de existir e que na verdade trocavam de posição entre si para reforçar a cidade como um lugar singular, o que estava acontecendo era que outros dois dispositivos se apresentavam a mim. Não só o CCCF é um dispositivo, mas, também as escolas do marco histórico (ETE, INATEL e FAI) e o aglomerado industrial com seu APL identificados como marco histórico “Vale da Eletrônica”. Não apenas um dispositivo atua na cidade, mas sim três.

Além disso, assim como o CCCF tem na figura do professor Wander seu idealizador, a memória da jornada dá Sinhá Moreira e mais à frente as ações do Vice-Prefeito Paulinho Dentista como principais responsáveis pelo desenvolvimento econômico da cidade em suas épocas, são memórias vivas na Santa Rita que hoje acontece. Suas jornadas indicam direção e influências no ritmo econômico que impacta a dinâmica da Santa Rita do Sapucaí de hoje, que por sua vez, tem no atual prefeito professor Wander a liderança do CCCF.

Ao conversar com as pessoas ligadas ao programa CCCF (gestores públicos, palestrantes, realizadores de eventos), Professor Wander Chaves foi citado todas as vezes como alguém que estimulou o desenvolvimento do CCCF. Palavras como “puxou,” “guiou” e “criou” surgiram durante as várias conversas³² que tive durante a imersão na cidade e, todas representavam a posição protagonista do vice-prefeito (atualmente prefeito) em relação ao surgimento desse movimento.

Conversando com o próprio professor Wander, ele relata que em 2013 era vice-prefeito e havia recebido as seguintes palavras de seu colega do executivo municipal Jefferson Mendes (então prefeito na época) ao questionar sobre quais ações poderia tomar em relação ao planejamento da cidade, ouvindo do colega: “você pode fazer qualquer coisa, desde que não gaste dinheiro”. Diante do desafio, o professor, ex-diretor do INATEL e então vice-prefeito, decidiu reunir algumas pessoas e pensar algo que fosse realizado com muitas mãos e que pudesse impactar a cidade, assim nasceu o CCCF.

³² Para compreender melhor o CCCF, tive diálogos com alguns atores da cidade que estavam ligados ao movimento, sobretudo aqueles que promoviam atividades dentro dele. Entre eles, conversei com Marcus David que é empresário local, ex-aluno do INATEL e um dos criadores do Hacktown, Diego Das artista do grafite e do Hip-Hop, responsável pelos primeiros movimentos na região da “Nova Cidade”, Juliano Sousa (Ganso) músico e produtor, sócio e responsável pelo Vale Music Festival, Janilton Prado ator, diretor e atualmente (2020) Secretário de Cultura (desde o início do movimento), movimento Coletivo Imagina Juntas, Gestão do Sebrae local e alguns munícipes que encontrei pelo caminho e provoquei conversar sobre o CCCF, seus idealizadores a fim de captar outras impressões. Nas conversas com o próprio professor Wander e com Carlos Henrique Vilela, o nome do professor Paulo Tadeu também foi muito evidenciado.

Alguns encontros aconteceram até que a ideia do programa tomasse forma e sua primeira edição acontecesse. Mesmo considerado como um movimento que “não tem dono”, ou seja, um movimento orgânico conduzido a partir de muitas “mãos colaboradoras”, quando se pergunta aos participantes do programa como ele surgiu, a resposta unânime é de que professor Wander foi seu idealizador, sem dispensar obviamente a presença de outras pessoas importantes para seu desenvolvimento, como por exemplo o Professor Paulo Tadeu Leite Arantes que, à época de criação do CCCF, trouxe discussões fundamentais para sua formatação inicial, sempre enfatizando que se tratava de um movimento de transformação da cidade a longo prazo. Essa e outras contribuições foram fundamentais para a (co)construção do CCCF. Mesmo assim, Paulo Tadeu compunha um primeiro grupo que fora convidado por professor Wander que se configura como vetor inicial do movimento.

As observações que perseguiram o dispositivo CCCF começaram a me apontar para uma tecnologia de poder pastoral, assim como apresentado por Foucault em suas concepções teóricas. Acompanhando os movimentos do CCCF, assim como revisitando a história da cidade e seus movimentos que realçam figuras públicas (Sinhá Moreira, Paulinho Dentistas e Prof. Wander) como (co) responsáveis pelas mudanças de direção e ritmo da cidade colocam a hipótese de um poder pastoral cada vez mais possível. A criação da ETE (e as escolas subsequentes INATEL e FAI), o *slogan* “Vale da Eletrônica” (e futuramente o APL da eletrônica), bem como o “Cidade Criativa, Cidade Feliz” são marcos da cidade que afetam sua dinâmica em ciclos, marcando movimentos da cidade. Se descrita de outra forma, nesse movimento contínuo de transformação, o CCCF é a etapa atual dessa constante que movimenta a cidade para um lugar melhor. Sendo Sinhá Moreira, Paulinho Dentista e professor Wander Chaves os sujeitos de maior influência destes movimentos (cada um em seu respectivo ciclo), a visualização deles como pastores que conduziram ciclos de movimentos da cidade de maneira tão protagonista, também passo a percebê-los como pastores dessa tecnologia de poder pastoral.

Os três sujeitos marcam essa força em exercício, com posições vetoriais na movimentação da cidade em tempos diferentes da história de Santa Rita do Sapucaí. Todos eles apontam para a ideia de uma cidade melhor: a cidade de educação tecnológica, a cidade que é polo tecnológico e a cidade que é criativa e feliz. O processo de observação histórica revela esses vetores de direção que me aproximam de validar a hipótese de que existe essa tecnologia de poder pastoral, ou usando das colocações de Foucault, a genealogia desses poderes revela uma tecnologia de poder pastoral.

Enquanto observava a cidade e conversava com pessoas, cada vez mais essa fisionomia de personalidades e instituições que guiaram as transformações da cidade se tornava mais forte. Como já disse, é um tanto óbvio que outros sujeitos com outras posições também atuaram como vetores ou tensores ao longo de cada etapa de transformação de Santa Rita do Sapucaí, mas exclusivamente as posições ocupadas tanto pela Sinhá quanto pelos Vice-Prefeitos legitimam certo sentido de guia e esses outros sujeitos representam a capacidade que esses dispositivos tiveram (e têm) de recrutar voluntariamente outros sujeitos dispostos a fortalecê-los, dadas as promessas de uma cidade melhor. Deparei-me com uma tecnologia de poder pastoral que a muito tempo impactam a dinâmica da cidade.

Sua cristalização tem início em 1959, com a inauguração da escola técnica de eletrônica ETE e segue seus movimentos nos anos seguintes. Em 1965 cria-se o Instituto Nacional de Telecomunicações (INATEL) e em 1971 a Faculdade de Administração e Informática, marcando assim o primeiro ciclo (marco histórico) que denomino como “Ciclo das Escolas”. Seguindo os anos, em 1985 cria-se o *slogan* “Vale da Eletrônica” que, por sua vez, marca o início do ciclo (marco histórico) “Vale da eletrônica”, que se estende até 2009 quando se estabelece o Arranjo Produtivo Local da Eletrônica. Iniciado em 2013, Santa Rita do Sapucaí vive agora seu terceiro ciclo (marco atual), o “Cidade, Criativa, Cidade Feliz”.

Essa divisão dos ciclos/marcos foi citada pelo professor Paulo Tadeu durante nossas conversas como instrumento auxiliar na ativação dos primeiros formatos do CCCF. O professor, que também teve contato com a história local e estudou suas influências locais, afirmou que essas divisões são perceptíveis quando se olha para a movimentação histórica da cidade. Com isso, elaborei um infográfico que acredito expressar essa composição a partir desses marcos/ciclos e seus respectivos pastores:

Infográfico 1: Marcos e ciclos históricos da cidade.

INFOGRÁFICO DE ESCAVAÇÃO HISTÓRICA



Primeiras percepções e discussões sobre a necessidade de pensar desenvolvimento a partir de outras perspectivas que, dialogassem com o mercado mas que também dessem conta da dinâmica da cidade. Movimento iniciado pelo Vice-Prefeito Wander Chaves.



Fonte: Documento produzido a partir do estudo de campo.

Com o infográfico também procuro demonstrar que já há uma noção ou ideia de conexão presente no ciclo do “Vale da Eletrônica”, principalmente com a definição do APL em 2009. De qualquer modo, os movimentos do CCCF promovem conexões muito mais complexas, posto que apresentam maior diversidade e procuram atuar em camadas que vão além dos objetivos de cooperação econômicas do “Vale da Eletrônica”. Com a atenção voltada para essa tecnologia que se manifesta a partir da cristalização destes ciclos de poder, olho para as movimentações da cidade impulsionadas pelos sujeitos Sinhá Moreira, Paulinho Dentista e Prof. Wander.

Seguindo essa perspectiva foucaultiana, cada um desses sujeitos que por algum momento foram responsáveis pelos discursos que orientavam essa tecnologia e apontavam suas primeiras formas estratégicas do cuidado. O vice-prefeito Paulo, por exemplo, desejava e trabalhou para um reconhecimento vocacional da cidade enquanto polo tecnológico. Essa movimentação do então vice-prefeito engajou um rebanho de pessoas que não só o seguiam, mas também colaboravam para a construção do “Vale da eletrônica”. O poder pastoral tem essa capacidade de arrebanhar, ou seja, ligado a promessa de um lugar melhor, a sujeição acontece ao mesmo tempo que o rebanho cresce. Por isso, novos sujeitos vão surgindo ao longo do tempo e, de maneira voluntária, trabalham para fortalecer os discursos orientados por esse poder e seus pastores.

O mesmo acontece no contexto da Sinhá que, décadas antes, engaja sujeitos e instituições para aderir àquilo que seria um marco da educação em âmbito internacional, mas que tinha como propósito mudar os rumos do povo santa-ritense por meio de uma educação pautada em tecnologia. Foucault traz essa reflexão de como o cuidado é uma técnica que se exerce o tempo todo em uma tecnologia de poder pastoral. Nela, o pastor deve zelar pelo sustento do rebanho e pela salvação física e espiritual dos governados. Essa técnica de cuidar que significa conduzir, guiar em direção de uma finalidade que promete benefícios individuais e coletivos fazem do cuidado um dispositivo.

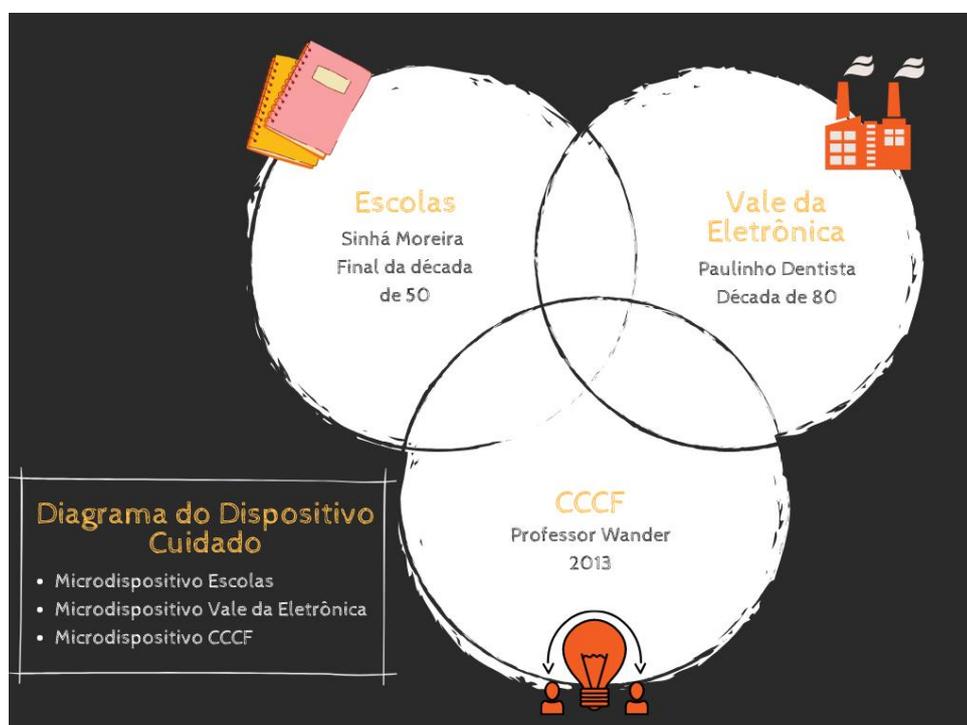
Se considero que a cidade de Santa Rita do Sapucaí é regida por uma tecnologia de poder pastoral desde os tempos de Sinhá³³, cujo cuidado com futuro da cidade cristaliza essa tecnologia de poder pastoral, então posso dizer que esse “cuidado” é o dispositivo de comunicação que perdura ao longo do tempo na cidade. Isso também me leva a perceber que os três ciclos/marcos da cidade: “Ciclo das Escolas”, ciclo do “Vale da Eletrônica” e o atual

³³ Antes de Sinhá Moreira talvez se pudesse falar de um poder pastoral local ligado à cultura do café com leite e heranças judaico-cristãs, isso certamente me aproxima ainda mais dos escritos de Foucault, porém, não é necessário tamanha digressão.

ciclo “Cidade Criativa, Cidade Feliz” são microdispositivos de comunicação desse dispositivo cuidado. Isto é, os ciclos atuam para fortalecer esse dispositivo de cuidado e realizar a manutenção do poder pastoral.

Essa organização, por sua vez, não é necessariamente hierarquizada. O dispositivo cuidado lança mão de uma posição acima de seus microdispositivos e é o centro de convergência e transição entre eles. Para realizar a manutenção contínua do poder pastoral o dispositivo e seus microdispositivos interagem entre si sem que um encerre o outro, ao contrário, vão se reforçando ao longo do tempo, mantendo o poder pastoral sempre atualizado, conforme a dinâmica da cidade se transforma. O diagrama abaixo procura representar essa relação:

Diagrama 1: Os microdispositivos do dispositivo cuidado.



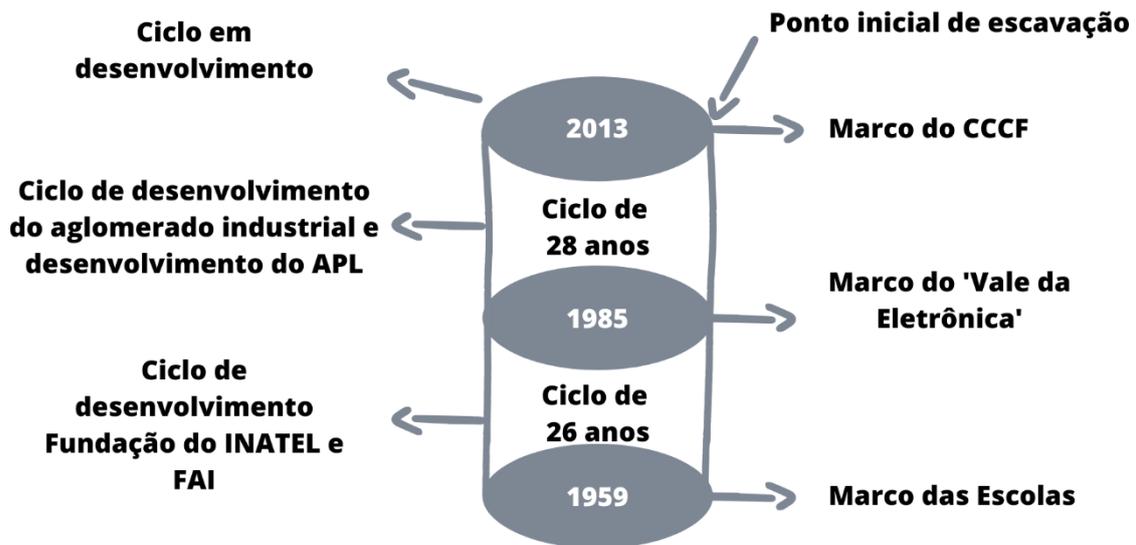
Fonte: Documento produzido a partir do estudo de campo.

Genealógicamente, esse poder pastoral que atua no movimento da cidade através do dispositivo cuidado, ao longo do tempo vai acionando seus microdispositivos. O dispositivo cuidado bem como seus microdispositivos são tecnologias de comunicação porque se cristalizam na dinâmica da cidade meio, se manifestam pela cidade mídia e atuam nas mediações que acontecem na cidade. Considerando essa forma do poder pastoral que se cristaliza, chega a hora de posar sobre o CCCF, microdispositivo que por ora está em evidência na cidade.

O CCCF como um microdispositivo de comunicação: Seus sujeitos, modalidades enunciativas, linhas e a ruptura com a estrutura de poder pastoral

É importante reforçar que os microdispositivos que considero anteriores ao CCCF (“Ciclo das escolas” e “Vale da Eletrônica”) ainda atuam na cidade, isto é, eles não deixaram de existir para dar lugar um ao outro e depois ao CCCF. Eles se complementam e interagem e em alguns momentos tomam lugar de força, ressurgindo em discursos como que evocados pelo dispositivo cuidado, numa dança harmônica de estratégias que ora enfatizam o papel fundamental da escola de eletrônica, da escola de telecomunicações ou da de administração, ora enfatizam o vale da eletrônica e todo seu polo industrial, ora tudo isso serve para justificar uma “Cidade Criativa, Cidade Feliz” (como descreve o diagrama anteriormente apresentado) Por isso considero que não há uma hierarquia entre eles, mas um movimento de cooperação que, acionado pelo dispositivo cuidado, reforça o poder pastoral. A partir da ideia de arqueologia do saber de Foucault vale representar como o processo de escavação que revelou essa tecnologia, seu dispositivo e microdispositivos aconteceu:

Figura 1: Representação do processo de escavação arqueológica dos marcos.



Fonte: Documento produzido a partir do estudo de campo.

Considerando um dispositivo como um conjunto de linhas, tateei o dispositivo do cuidado e ao fazê-lo acessei seus microdispositivos internos. Ao longo da história da cidade

e nesse formato foucaultiano, um poder pastoral rege a cidade a partir do cuidado. Esse percurso arqueológico proposto por Foucault me auxiliou na visualização desses microdispositivos, mas, se são conjuntos de linhas, ainda é preciso desenredá-las. Se pela cartografia busquei apresentar a cidade e depois identificar a cidade mídia e a cidade mediação, agora ela me auxiliará no desembaraçar das linhas do microdispositivo “Cidade Criativa, Cidade Feliz”. Esse exercício não será feito com os microdispositivos “Ciclo das Escolas” e nem com o ciclo “Vale da Eletrônica” porque são evocações do marco atual, ainda que se mantenham presentes quando atualmente surgem, que é o foco desta pesquisa.

Como a continuidade desses ciclos de transformação da cidade, o CCCF é essa nova fase do poder pastoral. Avançando em minhas reflexões e o contexto do dispositivo cuidado e seus microdispositivos que emerge, passei a observar os sujeitos que interagem com o CCCF. Inicialmente pude observar que ano a ano sujeitos entravam e saíam da programação (pessoas, instituições públicas e privadas locais e de fora da cidade), algumas vezes trocando de posição e papéis (em alguns momentos eram colaboradores, em outros patrocinadores, em outras realizadores). Alguns entravam e saíam numa dinâmica bastante intensa, enquanto outros iam mudando seus papéis em relação ao CCCF. A programação não apresentava apenas os conteúdos; olhando-a atentamente, era possível vê-la se movimentando, numa dança de posições entre os sujeitos.

Enquanto tecnologia do poder pastoral esse microdispositivo postulado pela semântica pastoral tem alta capacidade de inspirar cooperação voluntária. Observar o fato de que todos com quem conversei são unânimes na ideia de que o programa não é de ninguém, que não tem “dono”, mesmo identificando o professor Wander como idealizador, esse “ninguém” reforça uma sujeição espontânea com o CCCF. Outro aspecto importante que incentiva tal sujeição: o movimento pretende mais que uma transformação a partir da criatividade, o movimento pretende que a cidade seja “feliz”.

Se a subjetividade está presente na forma que compõe o CCCF, essa pulsa pela felicidade da cidade apontando para práticas e experimentações subjetivas. Dizendo isso de outra maneira, enquanto um microdispositivo do dispositivo cuidado, o CCCF ao mesmo tempo que reforça a sujeição na medida em que amplia a participação de sujeitos numa estética de movimentos voluntários para favorecer cada vez mais a transformação criativa da cidade, ele também fomenta a subjetividade a partir de seus atravessamentos que estão representados nas modalidades enunciativas dos eixos, dos sujeitos e de suas afetações constantes.

Por exemplo: Diego Dais, produtor cultural, artista do grafite, fomentador da cultura Hip-hop, morador da região da “Nova Cidade”. Diego entra para o CCCF como um ponto de tensão, provocando o movimento a dar atenção a regiões mais distantes da cidade e que, segundo ele, não eram alcançadas pelo CCCF (realmente não eram). Neste movimento, Diego se torna um sujeito do CCCF e passa a ocupar posição dentro do microdispositivo. Ao mesmo tempo, os conteúdos promovidos por suas ações passam a fazer parte dos eixos e também os afetam. Aos poucos, as ações de Diego Dais fazem surgir outros sujeitos na região da “Nova Cidade”, que também passam a ocupar posições, fomentar conteúdos e fazer com que o movimento CCCF cresça cada vez mais e crie o festival FestCidade para promover as vocações culturais e economia solidária locais. Para Diego, é importante que o CCCF chegue até aquela região para que a comunidade local seja afetada por ele, para os outros sujeitos que promovem o FestCidade o que deve ser evidenciado são as vocações locais e um aquecimento na economia solidária do bairro também é esperado. Os propósitos são diferentes, mas convergem na sujeição ao programa, ao mesmo tempo que permitem que a subjetividade aconteça.

Pensando nisso, lembrei-me do romance *Anna Karênina* de Tolstói³⁴, cuja primeira sentença reflete sobre como, “todas as famílias felizes se parecem, cada família infeliz é infeliz à sua maneira” (*Idem*, 1971, p.11). Esse trocadilho com o romance de Tolstói serve para dizer que há uma finalidade que move o CCCF e sua direção se faz na subjetividade, mas também reforça a sujeição (premissa fundamental para que um poder pastoral se mantenha). Isto quer dizer que, ainda que a cidade possa ser vista e entendida como feliz e criativa, cada sujeito e grupo verá ou entenderá isso à sua maneira, ao mesmo que motivados por essa subjetiva felicidade, sujeitam-se aos planos que prometem caminhos para alcançá-la. Os ciclos anteriores também tinham um ponto a se alcançar (um objetivo maior), a questão da felicidade, ainda que permita a subjetividade, também normaliza algumas estratégias da própria movimentação do CCCF.

Para o “Ciclo das Escolas” (ou o microdispositivo Escolas) o objetivo era transformar a cidade em um ambiente de formação para um futuro tecnológico; para o marco histórico (microdispositivo) “Vale da Eletrônica” o objetivo era gerar emprego e renda transformando a cidade em polo autossustentável de indústrias locais. Para o CCCF, a “transformação criativa” é meio e a “Cidade Feliz” é o objetivo. Uma tecnologia de poder pastoral precisa de algo para oferecer ao seu rebanho, a fim de que este se sujeite às estratégias propostas.

³⁴ Novelista e romancista russo.

Como se trata de uma cidade, esse dispositivo do cuidado precisa adaptar-se às próprias transformações que provoca na cidade e que também são provocadas por mudanças de fatores externos, como políticas e economias globais. De qualquer maneira, ele precisa motivar seu rebanho a seguir na direção de um estado de bem maior. Por isso, a cada sinal de estagnação dessas estratégias de cuidado surge um novo microdispositivo, renovando as esperanças, recrutando novos sujeitos e mantendo o poder pastoral em atividade. No caso do CCCF, a “Cidade Feliz” vem depois da “Cidade Criativa”, ela é aquilo que Foucault coloca como benesse, isto é, motivados por essa benesse de uma “Cidade Feliz”, os cidadãos são arrebanhados e se sujeitam a acompanhar o CCCF, muitas vezes lhe ajudando a se difundir na cidade, pois este “promete” aos seus seguidores levá-los à cidade feliz. Mesmo que essa felicidade aconteça para cada um, à sua maneira.

O tempo todo a questão felicidade me pareceu uma “armadilha” para a pesquisa. Enveredar nessa questão por vezes me atraiu, mas sempre me peguei pensando o quanto isso era necessário para avançar. Tratá-la como essa subjetividade que pode potencializar sujeições me pareceu bastante pertinente quando olho para essa estrutura de poder pastoral que se constrói diante dos marcos e ciclos históricos da cidade. No entanto, para pôr fim ao assunto felicidade, que realmente acredito ser um caminho que não devo tomar, talvez valha a pena encarar as falas do professor Wander ao tratá-la como utopia³⁵, algo a ser alcançado pela cidade através da transformação criativa promovida pelo movimento CCCF.

Refletindo sobre colocações do professor e idealização de uma “cidade feliz”, recordei-me de Marc Augé e o deslocamento da Utopia. Augé trata a cidade como: “figura espacial do tempo onde se conjugam presente, passado e futuro. Ela é, por sua vez, o objeto da experiência sideral, da lembrança e da expectativa” (Augé, 2010, p. 89). Essa expectativa trazida pelo antropólogo trata de uma cidade que é ilusão e alusão ao mesmo tempo.

Revisar esse autor me permitiu entender que a análise genealógica dos marcos da cidade foi um método assertivo para revelar melhor esses dispositivos e que também me convidaram a perceber que a utopia “Cidade Feliz” inserida no ideal (e no ideário) do CCCF também é um deslocamento da ilusão, mas que supera qualquer uma das possíveis ilusões dos marcos anteriores: uma cidade pela educação, ou uma cidade de indústria tecnológica da eletrônica.

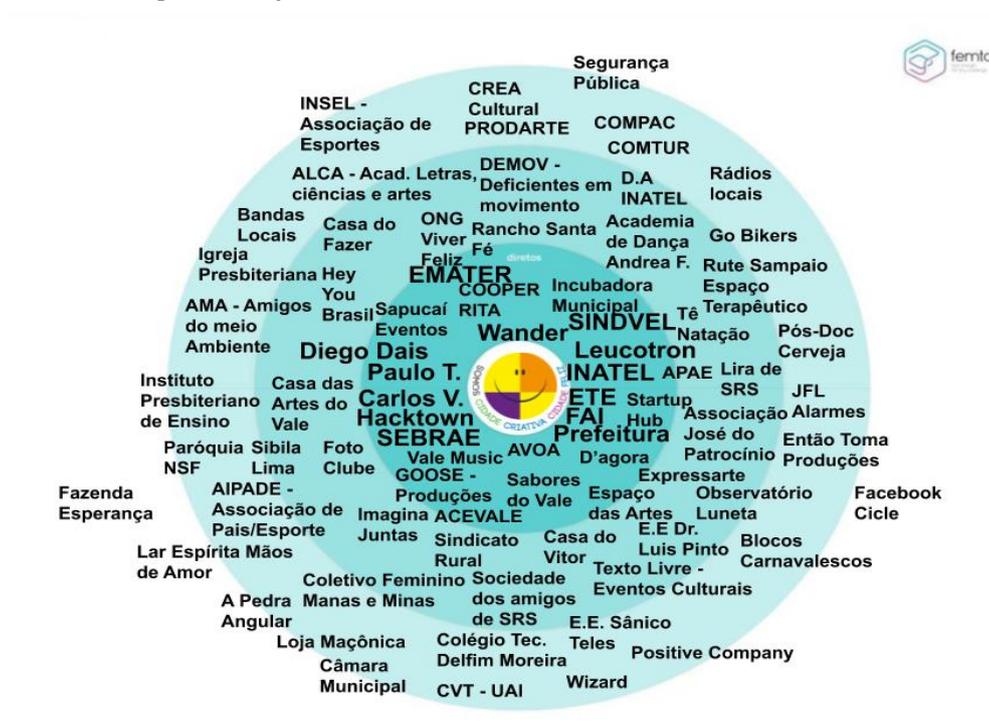
Uma utopia realizada não existe e há de ser perseguida por muito tempo (para não dizer para sempre). O que vejo em Santa Rita do Sapucaí é justamente um deslocamento da

³⁵ Fala presente no documentário.

utopia, que atualmente tem na “felicidade” sua nova perseguição. Isso serviu para me mostrar que realmente mergulhar no entendimento da felicidade poderia ser um labirinto sem fim e que me distanciaria da observação do CCCF. Essa curta reflexão encerrou a questão da felicidade e então segui retomando meu foco³⁶.

Avançando no estudo deste microdispositivo, é preciso seguir e mapear quem são os sujeitos que interagem com ele e quais são suas modalidades enunciativas. Diante desse quadro, elaborei um desenho daqueles que vou chamar aqui de “Sujeitos principais” (sujeitos que atuam dentro do CCCF levando conteúdos, atividades, realizando eventos e angariando novos seguidores ao rebanho). Considerando que o CCCF está na dinâmica da cidade e isso limita por complexidade a captura desses sujeitos, primeiramente elaborei um mapa a partir daqueles que se apresentam através da programação do CCCF ao longo das edições:

Mapa 4: Os sujeitos do “Cidade Criativa, Cidade Feliz” de 2013 a 2019.



Fonte: Documento produzido a partir do estudo de campo.

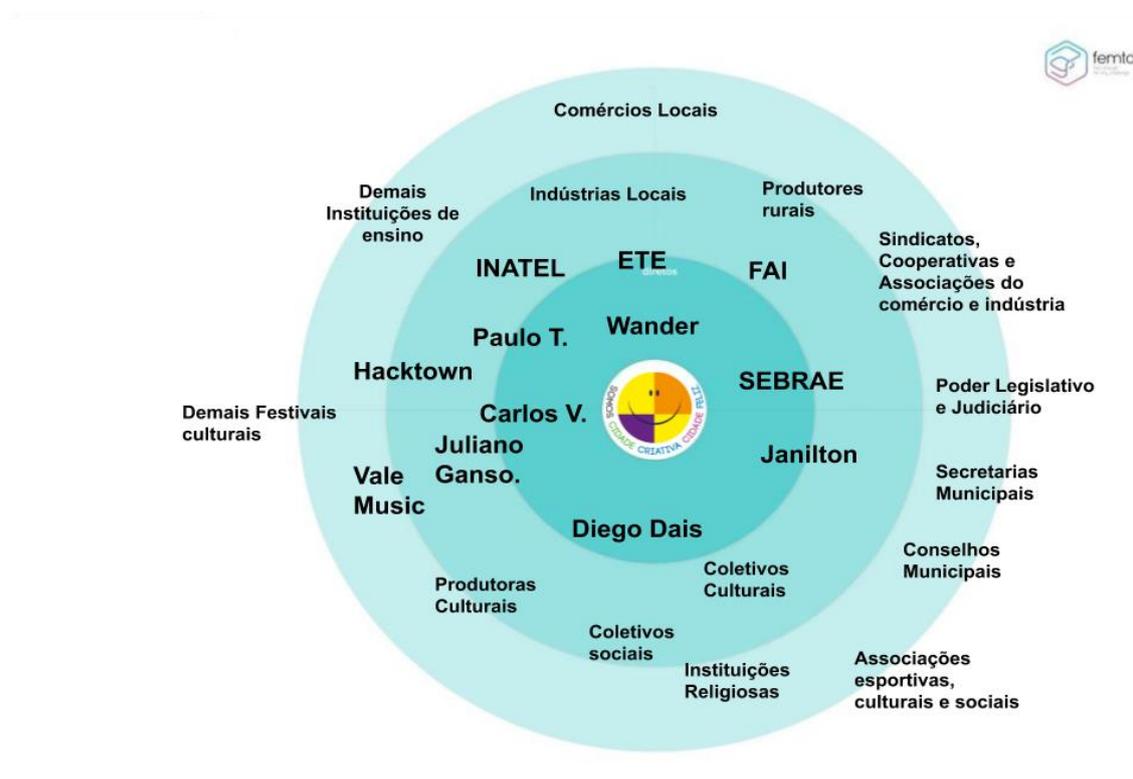
O número de sujeitos que se envolvem direta ou indiretamente³⁷ com o programa cresceu a cada ano e os papéis ocupados também variam. Isso dificultou bastante a elaboração do primeiro mapa, limitando uma leitura clara posto que as movimentações e os sujeitos são

³⁶ Um estudo sobre cidades exige ajustes contínuos das lentes. É muito provável que se perca o foco as vezes, dada a não linearidade dos encontros, dada suas complexidades. Há muitas distrações no caminho e é preciso estar atento.

³⁷ Quando falo de envolvimento direto e indireto estou falando de sujeitos que pontualmente participam do CCCF, ou afetam sua dinâmica. Por exemplo, a câmara municipal que quando provocada trabalha projetos de lei que lidam diretamente com a dinâmica legal (jurídica) do CCCF, ou como o Facebook que pontualmente realizou atividade que permitiu publicitar com maior alcance a existência do CCCF para fora da cidade.

muito grande e visualmente complexos. Esse é um novelo repleto de fios e diversas cores, como sugere Deleuze, e não estava conseguindo desembaraçá-los. Contudo, observando um pouco mais, notei que alguns destes fios compunham o que me pareceram ser grupos. Havia diversas instituições religiosas, diversas instituições de ensino (de ensino regular e superior), diversas empresas, diversos comércios, diversas estruturas do setor público (executivo, legislativo e judiciário), sindicatos, conselhos municipais, coletivos sociais, coletivos culturais, produtoras culturais, festivais culturais, produtores rurais, associações (esportivas, sociais e culturais) e pessoas voluntárias. Embora cada um desses fosse um sujeito, enxergar os fios por grupos facilitou um pouco mais e uma segunda composição do mapa me pareceu mais fácil para representá-los:

Mapa 5: os primeiros arranjos.



Fonte: Documento produzido a partir do estudo de campo.

Alguns sujeitos continuavam em maior destaque mesmo em relação aos grupos, isso porque estavam em posições que provocavam o aparecimento de novos sujeitos e impulsionavam novas ações. Sujeitos que exerciam papéis de maior força na dinâmica do CCCF como o Prof. Wander, Prof. Paulo Tadeu, Carlos Henrique e o Sebrae. Estes que cito tinham posições legitimadas em relação aos demais: Prof. Wander, idealizador do CCCF, era vice-prefeito e ex-diretor do INATEL; Paulo Tadeu Arantes, professor Doutor em Arquitetura e Urbanismo, especialista em planejamento urbano e que além disso, em 2013

prestava serviços ao município na reformulação do plano diretor municipal; Carlos Henrique Vilella, publicitário premiado (posteriormente Sócio Fundador do Hacktown) e membro da família que fundou uma das maiores empresas locais e que teve forte influência na criação do aglomerado industrial; por fim, o Sebrae local na pessoa de Paulo Sarto que à época dirigia a unidade. Ambos os quatro sujeitos formavam o primeiro grupo que desenhou o primeiro formato do CCCF (que à época era um festival). Próximo desse primeiro grupo estão os produtores culturais Juliano Souza (Ganso) e Janilton Prado que depois se tornou secretário de Cultura e passou a conduzir algumas operações na relação entre CCCF e Prefeitura Municipal.

A movimentação desse pequeno grupo deu início ao CCCF, que aos poucos provocou o surgimento de novos parceiros locais de diversos segmentos da cidade. O Sindvel e a Cooperita nas posições de grupo associativos de cooperação ou sindical, provocaram na sequência a chegada de novos sujeitos. A cada novo sujeito, a dinâmica do CCCF se ampliava e também se modificava, não demora muito tempo para as instituições religiosas se aproximem e com elas alguns grupos de demandas sociais informais e da sociedade civil organizada. Alguns anos depois, o artista local Diego Dais promove, em posição de tensão, intervenções que mais adiante o colocam com posição e força, principalmente na região da “Nova Cidade”. Atualmente, Diego ocupa função na Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Turismo.

Com o avanço do programa alguns festivais nasceram e fomentaram o surgimento de outros festivais. O Vale Music Festival e o Hacktown são os primeiros e foram responsáveis por fomentar essa cadeia de eventos que também instigou o surgimento de produtoras culturais da música, audiovisual e teatro, o que acelerou ainda mais a dinâmica de eventos de entretenimento, cultura e gastronomia na cidade. Esses dois primeiros mapas me provocaram a chamar esses novos sujeitos que se aproximavam do CCCF de atores. O uso do termo atores na verdade serve para melhor detalhar as posições dessas interações de aproximação promovidas pelos sujeitos que deram início ao movimento e pelas aproximações promovidas pelo próprio CCCF uma vez iniciado.

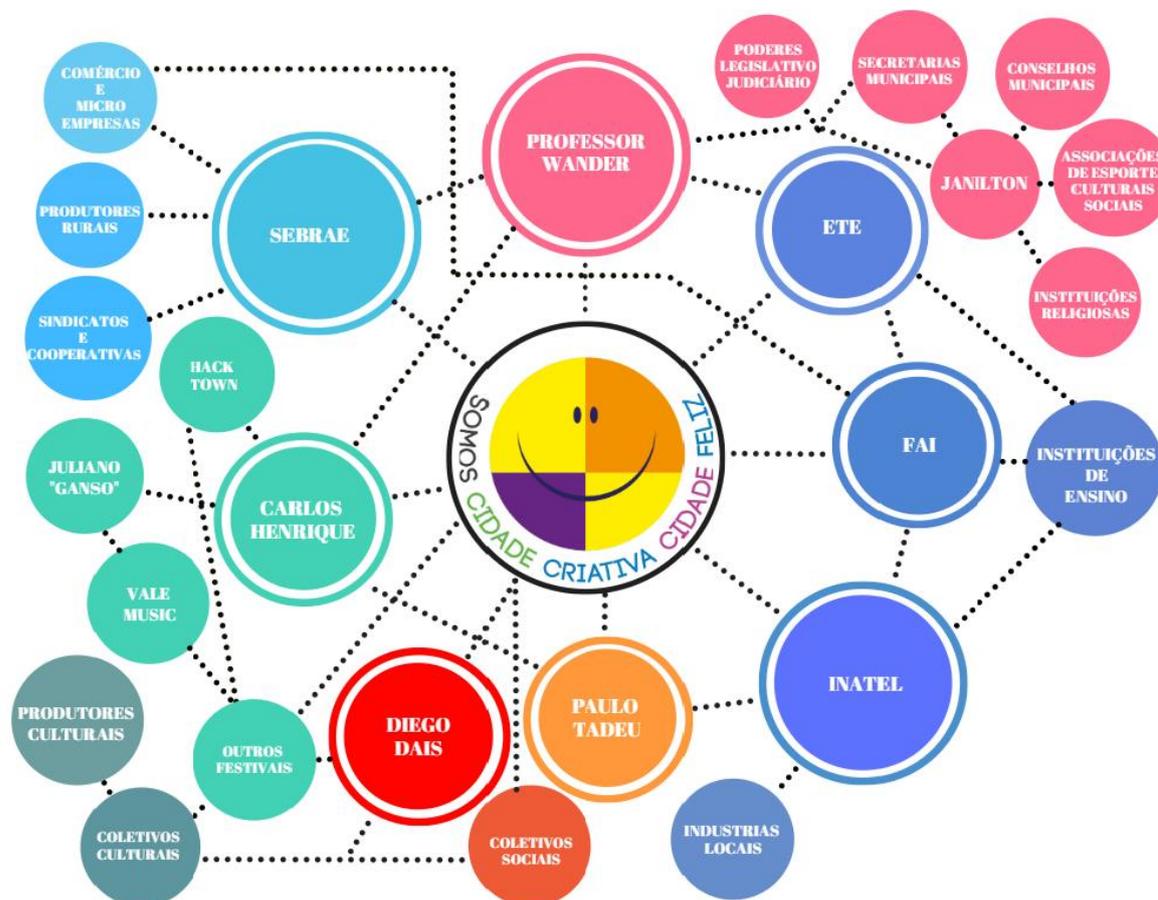
Os sujeitos Hacktown e Vale Music Festival foram responsáveis por fomentar outras camadas da sociedade ligadas a cultura, desporto e lazer e ações de interesse social e atrair outros atores para dentro do CCCF. Além disso, foram responsáveis por provocar esferas do sistema público a regulamentar e proteger as ações do CCCF, sobretudo sua diversidade cultural e interação com a cidade. A crescente demanda de eventos e festivais “forçou” a readequação da relação entre poder público, produtores de cultura, coletivos culturais e

sociais, inclusive na elaboração do mecanismo legal apresentado nas primeiras etapas da pesquisa. A lei que instituiu o “Cidade Criativa, Cidade Feliz” surge em função das demandas apontadas por esses sujeitos que primeiro compõem o CCCF.

Outras provocações e movimentos de atração de novos atores para dentro do CCCF, são promovidos pelas instituições de ensino FAI, ETE, INATEL com a participação do Sebrae. Juntos estes sujeitos moveram para dentro do movimento os sindicatos, cooperativas, produtores rurais, comércio e indústria locais. Esses sujeitos e atores mais institucionalizados numa lógica de mercado são o braço das discussões econômicas dentro do CCCF, não exclusivamente, mas certamente aqueles enunciados que apontam para discursos de desenvolvimento econômico, temas do arranjo produtivo local, desenvolvimento tecnológico das escolas, saem de dentro desse conjunto.

Ainda foi possível encontrar alguns enunciados sobre economia criativa e economia solidária, porém, discussões de desenvolvimento nestas perspectivas estão muito mais presentes nas ações do CCCF promovidas pela ETE, FAI e INATEL e toda a rede de atores que citei acima. Um último mapa dessa rede apresenta de maneira mais visual como esta relação entre os sujeitos e atores com e dentro do CCCF se estabelece:

Mapa 6: A rede das relações entre os atores.



Fonte: Documento produzido a partir do estudo de campo.

As divisões por cores representam a relação entre os sujeitos que dão início ao CCCF, seus discursos e eixos propostos inicialmente por professor Wander, bem como demonstra a rede novos atores que são recrutados nessa dinâmica. A rede que se desdobra a partir de Carlos Henrique e Diego Dais trata de discursos que dialogam de maneira mais próxima com os eixos de cultura e cidadania. A rede que se desdobra a partir de Wander e Janilton se relaciona não com os eixos, mas com as estruturas institucionais públicas e da sociedade civil que conversam com o CCCF. A rede que se desdobra das escolas e do SEBRAE dialoga de maneira mais próxima com os discursos que compõe os eixos tecnologia e empreendedorismo. Os coletivos sociais possuem cor diferente porque se interligam com os coletivos culturais em alguns temas e discursos, mas interagem com o CCCF de maneira própria. Paulo Tadeu também é distinto dos demais porque se liga ao movimento muito mais como apoio técnico na construção do primeiro formato do CCCF. Os tamanhos correspondem a aproximação de cada sujeito/atores com a organização do CCCF, isto é, sua força de influência e posição de sujeição.

Mesmo que eles apresentem características que os separem em conjuntos aparentemente distintos, dentro do CCCF eles compõem o todo e essa separação não é declarada. Muitas ações são realizadas com a participação de todos numa interação muito orgânica e aparentemente saudável³⁸.

Feitos os mapas que apontavam os sujeitos e novos atores e algumas posições, notei que era possível construir um quadro esquemático que apresentasse as modalidades enunciativas dos principais sujeitos dentro da proposta de modalidades enunciativas de Foucault, ou seja, um quadro que além de apresentar quem fala fosse capaz de apontar de onde aquele sujeito está falando (o que legitima sua posição/que lugar ou status legitima sua fala), porque ele fala (que cenário ele pretende preencher com seu discurso) e para quem ele fala (quem é seu principal público/há um público principal?). Esse quadro contempla aqueles que intendo que tem maior força discursiva dentro do CCCF:

Tabela 1 (conjunto de 3): As modalidades enunciativas do “Cidade Criativa, Cidade Feliz”.

MODALIDADES ENUNCIATIVAS DOS SUJEITOS DE MAIOR INTERAÇÃO COM O DISPOSITIVO			
QUEM FALA?	DE ONDE FALA?	PORQUE FALA?	PARA QUEM ?
PROF. WANDER	Atualmente é o prefeito, mas no início do projeto era o vice. Anteriormente foi diretor do INATEL.	Provocar na cidade, novos modelos de desenvolvimento local, baseados na criatividade.	Fala para cidade e os mais diversos sujeitos com diversas posições.
CARLOS HENRIQUE	Dirige o marketing da Leucotron, onde o pai é sócio proprietário. Também é sócio fundador do Hacktown.	Fomentar festivais que provoquem interações na cidade e atraiam visitantes.	Fala com agentes culturais, comércio, indústria e escolas de ensino superior e técnico.
PROF. P. AFONSO	Consultor, Professor Doutor em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal de Viçosa.	Dar suporte na construção técnica do CCCF em um formato que apresente diversidade.	Fala para os sujeitos mais próximos da organização do CCCF em seus primeiros anos.
PAULO SARTE SEBRAE	Dirigente do Sebrae local.	Fazer a ligação entre público e privado com ações voltadas ao desenvolvimento econômico.	Indústria, comércio e empreendedores individuais.

³⁸ Um parêntese interessante: Não percebi em Santa Rita do Sapucaí discussões políticas de nenhuma referência (local, estadual ou nacional) e nem mesmo discussões que apontassem para discursos políticos ou qualquer tipo de ideologia declarada.

MODALIDADES ENUNCIATIVAS DOS SUJEITOS DE MAIOR INTERAÇÃO COM O DISPOSITIVO

QUEM FALA?	DE ONDE FALA?	PORQUE FALA?	PARA QUEM ?
SECRETÁRIO JANILTON	Produtor, ator e Secretário de Cultura, Turismo e Esporte	Provocar, fomentar e auxiliar através da Sec. Cultura ações que fortalecem o CCCF	Fala principalmente com a sociedade civil organizada de fomentos sociais, culturais e de desporto e lazer.
FAI	Compõe o marco inicial das escolas e do Vale da Eletrônica sendo referência em administração	Fala sobre a educação de ensino superior e seu papel com a cidade.	Fala com o comércio e indústria.
ETE	Compõe o marco inicial das escolas e do Vale da eletrônica sendo referência em eletroeletrônica.	Fala de cultura e educação ligados a cidade.	Fala com a indústria e também com a cidade através de feiras e eventos culturais.
INATEL	Compõe o marco inicial das escolas e do Vale da eletrônica sendo referência em telecomunicações.	Fala de tecnologia, inovação e empreendedorismo, com atividades que ultrapassam os limites da cidade.	Fala com a indústria e comércio, com os alunos e com sujeitos de fora da cidade.

MODALIDADES ENUNCIATIVAS DOS SUJEITOS DE MAIOR INTERAÇÃO COM O DISPOSITIVO

QUEM FALA?	DE ONDE FALA?	PORQUE FALA?	PARA QUEM ?
HACKTOWN	Festival de inovação de abrangência nacional	Provocar discussões sobre temas diversos que versem sobre inovação em diversas áreas de fomentos sociais e econômicos.	Fala principalmente com sujeitos externos, mas suas atividades afetam a dinâmica da cidade, interagindo com ela.
VALE MUSIC	Festival de música e gastronomia de proporção regional	Desenvolvimento econômico local através da economia criativa	Fala com a cidade, principalmente com o comércio e produtores culturais formais e informais.
JULIANO (GANSO)	Musico, radialista e produtor. Co-fundador do Vale Music	Fala da importância de ações culturais como fonte econômica da cidade e fomenta eventos que unem música, teatro e gastronomia.	Fala com o comércio e agentes culturais locais e de fora da cidade.
DIEGO DAIS	Agente cultural local, fomentador da cultura hip-hop. Atualmente trabalha na Sec. Cultura.	Para fomentar ações mais transversais e que sejam mais próxima a realidade do cotidiano de regiões mais periféricas da cidade.	Fala para o próprio CCCF tensionando a importância de maior democratização das ações. Fala com outros agentes culturais locais e de fora da cidade.

Fonte: Documento produzido a partir do estudo de campo.

Cada um desses sujeitos apresentados pela tabela acima faz parte de regimes particulares que os legitimaram e os colocaram em seus lugares de fala. Como difusores ou tensores do programa, eles contribuíram para o surgimento de novos sujeitos com outras posições e legitimidades, construindo a arquitetura do CCCF e também a produção de novos sujeitos que produzem novos discursos. O CCCF em si mesmo é um fenômeno comunicacional que tem suas próprias modalidades enunciativas e discursiva a partir de cenários que precisam ser preenchidos, dirigindo seus enunciados para outros sujeitos que vão ou não se engajar no mesmo microdispositivo dando novas direções ou reforçando sentidos.

Retomando a questão dos eixos, a cultura enquanto membrana que envolve toda a ideia do “Cidade Criativa, Cidade Feliz”, se relaciona de um ponto a outro do microdispositivo e passa por todos os lugares de maneira invisível e indivisível, enredada de modo tão estreito que se torna totalmente desenredável, ou como define Deleuze a partir de Foucault:

São linhas que retificam as curvas, tiram tangentes, cobrem os trajetos de uma linha a outra linha, estabelecem o vaivém entre o ver e o dizer, agem como flechas que não cessam de entrecruzar as coisas e as palavras, sem que por isso deixem de conduzir a batalha. [...] É a dimensão do poder, e o poder é a terceira dimensão do espaço, interior ao dispositivo, variável com os dispositivos. É uma linha composta com o saber, tal como o poder (DELEUZE, 1989, p. 186).

A cultura pode ser pensada como linha de força e não apenas como um eixo. Ela é como uma modalidade discursiva não dita e mesmo assim, também é um eixo do CCCF. Ela é linha de força enquanto modalidade e é linha de subjetivação enquanto eixo. Ela é tão complexa quanto o próprio CCCF. Tenho por mim que o microdispositivo CCCF se apresentou da maneira que pude captar. Mas acredito que esse percurso possibilitou identificar mapas relevantes para compreender o que está acontecendo em Santa Rita do Sapucaí e como o “Cidade Criativa, Cidade Feliz” se coloca como um microdispositivo de comunicação dentro do dispositivo cuidado que versa uma tecnologia de poder pastoral.

Um último detalhamento do dispositivo auxiliará melhor na observação das linhas desse microdispositivo, suas curvas e regimes:

Tabela 2: Detalhamento do microdispositivo “Cidade Criativa, Cidade Feliz”.

<p>Detalhamento: MICRODISPOSITIVO CCCF</p> <p>O CCCF visto como um microdispositivo de comunicação do Dispositivo cuidado.</p>	
<p>Curvas de Visibilidade</p>	<p>As curvas de visibilidade do programa estão na passagem da proposta de “Um festival que reúne negócios, educação, capacitação, ideias, criatividade, cultura e música” (2013), para “Um movimento pela transformação criativa de Santa Rita do Sapucaí” (2019).</p>
<p>Regimes de enunciabilidade</p>	<p>O Regime de enunciabilidade acontece à medida que o CCCF aponta para eixos que comportam modalidades enunciativas que participam do movimento pela transformação da cidade.</p>
<p>Linhas de Força</p>	<p>As linhas de força se fazem presente nas atividades, com formatos e sujeitos que atuam nos eixos se misturando, se entrecruzando e muitas vezes suscitando outras atividades por variações ou mutações que revelam novos sujeitos e novos discursos.</p>
<p>Linhas de Subjetivação</p>	<p>As linhas de subjetivação são os próprios eixos e suas relações com esse tecido cultural que os envolve, mostrando que o CCCF é uma tecnologia aberta e que permite aos sujeitos e aos discursos a possibilidade de contínuas transformações e superações de modelo.</p>
<p>CURVAS LINHAS E REGIMES</p> <p>Linhas de Fratura</p>	<p>Se fazem presente nos movimentos que tencionam e transformam o CCCF que, por eles forçado supera e redesenha seus planos sem rompe com seu regime de poder e suas estratégias.</p>

Fonte: Documento produzido a partir do estudo de campo.

As linhas que se entrecruzam, se bifurcam, se distanciam e se transformam e que são atravessadas pela linha de poder demonstram a transformação cultural do CCCF e que em dada medida reflete seu impacto nas transformações da cidade. Iniciando dinâmicas que ultrapassam as propostas das Escolas e do “Vale da Eletrônica”, o CCCF propõe atenção a outras vocações e perspectivas de desenvolvimento. Não encontrei dados relevantes que representem investimentos financeiros que nutrissem as ações do CCCF, em algumas conversas com a assessoria de comunicação da prefeitura obtive a informação de que o município no ano que mais aplicou recursos no programa aplicou cento e cinquenta mil reais. Um aspecto interessante que não levantei foi que só no final de 2019 ouvi pela primeira vez, também da assessoria de comunicação, a necessidade de levantar alguns indicadores que fossem capazes de demonstrar os impactos do CCCF para a cidade. Isso se torna bastante interessante quando se percebe que o poder público está mais interessado na dinâmica provocada pelo movimento do que essencialmente nos números que ele pode oferecer.

A cidade, a partir dos sujeitos que levam conteúdos e formatos para dentro do CCCF se voluntaria para que tudo aconteça. A realização das atividades, em alguns casos se tornaram autossustentáveis e, esse formato colaborativo e voluntário é um indício de que o

CCCF tem sido capaz de engajar pessoas que se sujeitam às estratégias que ele propõe. Isso já mostra seus impactos na dinâmica da cidade.

Não apenas o CCCF, mas também os marcos anteriores da cidade são microdispositivos dessa tecnologia de poder pastoral que perpetuou sua estratégia de cuidado até os dias de hoje. A criação da escola técnica e posteriormente as de ensino superior, a criação do *slogan* “Vale da Eletrônica” e posteriormente o APL da eletrônica e desde de 2013 o “Cidade Criativa, Cidade Feliz” são microfísicas de poder que revelam uma fisionomia que não disputa espaço, mas que procura ativar a capacidade do cuidado. Desta maneira, o momento histórico de uma cidade que forma profissionais para o mercado da tecnologia e da gestão que se revela através das escolas (ETE, INATEL e FAI) e o momento histórico de uma cidade que é o lugar de empresas de tecnologia presentes no *slogan* “Vale da eletrônica” são microdispositivos que em dado momento deram lugar de importância ao CCCF ou assumiram outras posições, considerando que ainda se fazem presentes enquanto forças na cidade. Isso é muito possível em uma tecnologia de poder pastoral, pois como aponta Oliveira (2019), reforçando os estudos de Foucault: “os fins do cuidado mudam, conforme o contexto político e histórico em que operam os interesses de governo e situações sociais para gerir” (Oliveira, 2019, p. 42).

Sinhá Moreira, Paulinho Dentista e Professor Wander são os sujeitos que dão a direção inicial a cada um destes microdispositivos, a partir deles e de capacidade de guiarem as primeiras etapas de cada um destes microdispositivos, a interação com a cidade revelou novos sujeitos. Santa Rita do Sapucaí tem bons pastores. Cuidar implica conduzir, dirigir, guiar para um objetivo que promete benesses a cada um e a todos (Oliveira, 2019). Em outras palavras, Oliveira quer dizer que essa é uma técnica que depende de uma meta, isto é, oferece vantagens para obter a colaboração dos governados. No caso de Santa Rita do Sapucaí: mudar a cidade através da educação, criar um aglomerado industrial sustentável e tornar a cidade um lugar feliz a partir da criatividade.

Enquanto este microdispositivo que está na malha do cuidado e que em sua dinâmica revela os mais variados sujeitos nas mais variadas posições, essa relação pastoral apresenta inúmeros pastores que me desafiaram compreender a ação de cada um deles. Principalmente, como perceber ou identificar se estes sujeitos de fato estão alinhados com a finalidade dessa tecnologia e qual seu papel enquanto atores dentro do movimento.

O primeiro círculo de sujeitos, constituído pelo professor Wander (atualmente prefeito da cidade), pelo publicitário Carlos Henrique (sócio criador do Hacktown) e pelo consultor Paulo Tadeu (que atuou voluntariamente nesse processo) me pareceram conectados

com interesses da cidade e não com interesses próprios. Da mesma maneira, o que parece é que tempos atrás a Sinhá Moreira depositou muita energia para mudar os rumos da cidade e mais adiante Paulinho Dentista se esforça para fazer de Santa Rita do Sapucaí uma referência em indústria tecnológica, sem demonstrar (a partir dos relatos históricos) qual outro interesse pessoal.

Seguindo os próximos sujeitos do CCCF e suas interações e posições, isso pode mudar. Quero dizer que instituições, empresas, associações tem seu próprio rebanho e é natural que interesses próprios aos seus rebanhos surjam em segundo plano (ou talvez em primeiro). Mesmo assim, não percebi nenhuma espécie de anomalia de forma que se desalinhasse com o propósito estratégico do CCCF, ou mesmo que evidenciasse a sobreposição de interesses. No entanto, considero que esse seja um ponto de observação constante que o movimento deve ter, para que interesses privados não subvertam os interesses do movimento e sua atual relação com a cidade.

As formas criativas talvez tenham que dar conta de equilibrar perspectivas de mudança para seguir respondendo o cotidiano da cidade da mesma maneira que dá respostas ao mercado, mas o modelo atual parece buscar esse equilíbrio.

Chegando ao fim da pesquisa acredito que a interação desse microdispositivo permite e auxilia de certa maneira, a manifestação da cidade mediação. Buscando por uma conexão com as observações anteriores, é possível dizer que o CCCF é um coro de inúmeras vozes que enunciam cenários que precisam ser preenchidos, onde este coral materializa a ideia de “movimento”, bem como interação com a anatomia da cidade na medida em que se faz ver, cada vez mais, nos tantos lugares de Santa Rita do Sapucaí. O CCCF não é só um slogan da cidade mídia, ele ocupa um papel muito relevante na cidade mediação.

Sobre a felicidade que é vista como utopia pelo professor Wander e por outros sujeitos definida por “momentos”³⁹, vejo que é o novo lema do dispositivo cuidado. Contudo, para que a ideia de felicidade não se transforme em uma quimera, ou *slogan* que soterra sutilmente as complexidades da cidade, o CCCF precisa avançar como interlocutor da cidade. Ele é um movimento que sim, se preocupa com a transformação criativa de Santa Rita do Sapucaí, mas que tem desafios enormes na sua equalização para que essa tecnologia seja capaz de emancipar e não apenas disciplinar, risco iminente quando olho para as heranças deixadas

³⁹ Essas informações estão bem representadas no documentário “Cidade Criativa: Uma Utopia de Felicidade” que apresenta a fala de alguns atores do movimento CCCF. O documentário, que foi método e resultado do estudo, também é uma fonte de informações interessante para compreender a dinâmica do CCCF e sua interação com a cidade.

pelos microdispositivos anteriores, que para mim atenderam e atendem perspectivas muito mais econômicas. Por mais que tenham contribuído para o desenvolvimento da cidade, não deram conta de uma emancipação equilibrada que contemplassem da mesma forma aspectos econômicos, sociais e culturais para toda cidade. Tecnologias que, voltadas para o objetivo de maximizar uma rentabilidade capitalista que abrange a vida toda e que por sua vez é composta essencialmente, por várias formas econômicas que nem sempre estão em sintonia com necessidades sociais e culturais também variadas. O CCCF é um microdispositivo que se expressa de maneiras diversificadas e lida com os diferentes problemas de relações entre os humanos e a cidade.

Isso o coloca em uma posição melhor em relação aos microdispositivos anteriores, provavelmente porque seu formato faz dele um microdispositivo de comunicação de perspectivas mais abrangentes, ou como Braga (2018) coloca, ele tem “modos especiais de interação para lidar com ângulos específicos da necessidade comunicacional: narração, dialética, retórica, ficção, fofoca, geração de opinião...” (Braga, 2018, p.89). Essa característica diversa e que lida com posições variadas de modalidades enunciativas refletem em natureza comunicacional e permitem dizer com certa segurança que ele afeta a dinâmica da cidade, ao mesmo tempo que é afetada por ela. Seus arranjos sociais acontecem na medida que também enfrentam urgências solicitadoras (como as do artista Diego Dais e do conjunto “Nova Cidade”), esquadrinhando e rearranjando seus elementos comunicacionais de acordo com as experiências que confrontam suas estratégias.

Até aqui, estou certo de que estruturalmente, o CCCF atende às características dessa tecnologia de poder pastoral avistada a partir dos diálogos com Foucault. Tenho por mim que a estrutura do dispositivo cuidado com seus microdispositivos “Escolas”, “Vale da Eletrônica” e “Cidade Criativa, Cidade Feliz” é uma estrutura que faz sentido e que estruturalmente revela um poder pastoral. No entanto, o detalhamento das linhas e reflexões sobre o CCCF, bem como os encontros com a cidade que me levaram aos marcos e ciclos anteriores, mostram que o CCCF rompe com essa ideia de Poder Pastoral, justamente por se movimentar de maneira diferente pela cidade quando comparado aos ciclos que o antecedem.

Ao ser provocado por essas inquietações acerca do CCCF e sua relação com uma lógica de poder pastoral, retomei as observações anteriores para que algumas coisas ficassem mais claras. Essa revisita, junto do último detalhamento, me mostraram que o CCCF apesar de se assemelhar com a estrutura proposta por Foucault na descrição do Poder Pastoral, se difere em movimentação e escapa tangencialmente da sujeição, disciplina e normalização, que versam esse tipo poder.

Ainda que o microdispositivo CCCF tenha no professor Wander uma espécie de “pastor” que dá início ao movimento, ele também tem alta capacidade de atrair novos atores que assumem o protagonismo dentro do movimento. Além disso, ao perceber que a cultura atua transversalmente no movimento, afetando a dinâmica da cidade e do próprio CCCF, o movimento se revela aberto para interação comunicativa com a cidade que se mostra crescente. A cultura enquanto essa linha que atravessa o microdispositivo por vários lados também faz com que ele não tenha uma única orientação, ou seja, o CCCF permite e provoca subjetivações que afetam a cidade, os cidadãos e o próprio movimento. Isso permite que sua dinâmica seja mais fluída e menos normalizadora e disciplinadora do que o previsto numa lógica de poder pastoral.

Neste sentido, o processo de sujeição tende a dar espaço para que a subjetividade participe mais ativamente do movimento e da construção dessa “Cidade Feliz” a partir de uma transformação criativa. Com isso, o CCCF rompe com essa ideia pastoril e por muitas vezes escapa de sujeições programadas estrategicamente. Essas características na movimentação do CCCF assemelham-se com aquilo que Sennett, por exemplo, chama de “Cidade Aberta”, ou seja, “um lugar antes para fazer que para ser” (Sennett, 2008, p. 330). Ele está muito mais próximo de uma espécie de modelo aberto de governança do que de uma lógica de poder pastoral que para mim ainda se faz presente na composição dos marcos anteriores.

Ele se difere do marco “Escolas” e “Vale da Eletrônica”, porque consegue romper com a lógica exclusiva de hábitos de produção e consumo como aponta Lefebvre (1980) ao descrever a cotidianidade moderna como uma “sociedade burocrática de consumo dirigido” (Lefebvre, 1980, p. 47), destarte, foge de uma programação de hábitos sempre direcionados para a produção e o consumo de espaços construídos dentro de uma lógica capitalista.

No documentário, é possível ver os apontamentos do professor Wander destacando uma diferença entre o CCCF e os ciclos anteriores e como que isso motivou seu surgimento: “em 2013, nos vimos que esse modelo⁴⁰ não dava conta”, relata o professor a falar das etapas anteriores ao então “Cidade Criativa, Cidade Feliz”⁴¹. Isso também é reforçado nas falas do professor Paulo Tadeu, ao enfatizar o fomento da sensação de pertencimento nas pessoas como principal papel do movimento, para a transformação criativa da cidade. Isso deixa claro que sim, existe um objetivo e que o movimento enquanto microdispositivo é uma estratégia

⁴⁰ Professor Wander fala que foi percebendo que o “Vale da Eletrônica” não estava dando conta de dar respostas a cidade para além do desenvolvimento econômico.

⁴¹ Informação disponível no documentário.

para o cuidado com a cidade. Contudo, o cuidado está muito mais atento a outras perspectivas de desenvolvimento do que o que é possível enxergar nos marcos e ciclos anteriores, bem como está aberto para os afetamentos que acontecem quando interage com a cidade.

Para mim, o CCCF continua sendo um microdispositivo do dispositivo cuidado, mas que supera a estrutura dos outros dois microdispositivos ao abrir um diálogo com a cidade. Por isso, rompe a lógica pastoral, dando lugar a uma construção e transformação aberta do movimento e ao mesmo tempo da cidade.

O CCCF tem, em si mesmo, o potencial para desenvolver na cidade sujeitos melhor providos da faculdade política da deliberação, o que certamente contribuiria para cotidianos mais criativos e diálogos profícuos sobre uma cidade com menores desequilíbrios (talvez mais feliz). Mesmo assim, como o professor Paulo Tadeu muito bem colocou: “esse é um projeto que colherá frutos a longo prazo”⁴². Ainda assim, se comparado com o tempo de duração dos ciclos anteriores, que em média duraram 27 anos, o CCCF está encerrando o seu primeiro terço de duração.

Naturalmente, seus desafios na manutenção dessa lógica aberta são enormes, na medida que há o risco de neutralizar a autonomia de seus cidadãos, uma vez que as modalidades enunciativas presentes também podem (em dada medida) produzir sujeitos pacientes, ou seja, que sofrem a deliberação de outro, cooperando com sua própria sujeição, enquanto acreditam estarem se emancipando. Esses são desafios que podem inspirar outros estudos futuros; por hora, entendo que os elementos que preciso para as considerações finais que esta pesquisa perseguiu já se fazem presentes. Agora é preciso retornar e refletir suas implicações.

⁴² Informação disponível no documentário.

DEIXANDO A CIDADE: REFLEXÕES E CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTUDO

Antes de quaisquer reflexões, cabe enfatizar como um estudo sobre cidades pode mudar a maneira como a observamos. Há um evidente afetamento no olhar que é promovido a partir da visualização de complexidades que muitas vezes são soterradas pela dinâmica de seus sistemas vigentes. Este estudo pretendeu provocar a prática de um olhar atento sobre as várias camadas que revestem o corpo-cidade, sobre como as interações desse organismo refletem fenômenos comunicacionais, fazendo emergir dispositivos de poder que sempre estiveram presentes de maneira virtual e que se transformam na dinâmica dessas interações. Ao estudar essas dinâmicas perseguindo dispositivos que sustentam objetivos e estratégias de tecnologias de poder, ver-a-cidade de outras maneiras é seu maior resultado.

A escrita entre terceira e primeira pessoa pretendeu provocar movimento e imersão no percurso. Ora foram os diálogos epistemológicos entre autores, pesquisador e leitor; ora foram caminhadas e observações assistidas pelo leitor na expectativa de que se provocasse o olhar do leitor, através do pesquisador. Esta escrita pretendeu colocar o leitor no percurso e espera-se que isso tenha acontecido, que o leitor tenha entrado na cidade junto com o estudo e que possa sair da cidade e do texto, com afetamentos que os permita, também, ver-a-cidades de outras maneiras.

Sabe-se que as reflexões trazidas aqui não foram lineares e, como anunciado de início, seguiriam a mesma não linearidade que é um encontro com a cidade. Espera-se profundamente que esse mosaico proposto em três partes cheias de fragmentos, voltas e inquietações tenham provocado reflexões sobre a importância de olhar as várias formas de uma cidade e as várias maneiras com que isso pode ser feito.

Estas maneiras de olhar a cidade também se preocupam em refletir sobre o valor e a influência dos aspectos históricos que orbitam “o que é a cidade”, em outras palavras, como a história participa da cidade que está acontecendo no momento em que um estudo se encontra com ela. Por isso, encarar tais elementos de forma não linear pode ajudar, posto que processos de escavação histórica são capazes de oferecer descobertas ainda mais profundas a respeito dos elementos que orbitam a camada mais superficial da cidade, impulsionando, tencionando e provocando processos de sujeição e de subjetivação. Foi com essa atenção, que as lentes que se debruçaram sobre a cidade de Santa Rita do Sapucaí revelaram o “Cidade Criativa, Cidade Feliz” como um microdispositivo de comunicação.

Para compreender de que maneira esse microdispositivo interagiu e afetava a dinâmica da cidade, dialogou-se com os estudos de Sennett, Fabio La Rocca, Foucault, Deleuze, Massimo Di Felice, Fani, Lefebvre e outros colaboradores que se fizeram fundamentais na construção do percurso epistemológico e das estratégias metodológicas aplicadas. Sob orientação cartográfica (e etnográfica dada as proximidades e semelhanças em algumas abordagens e descrições), os mapas, diagramas, quadros esquemáticos e infográficos procuraram orientar melhor as reflexões, observações e apresentações da cidade, bem como dos sujeitos, discursos, interações, mídias e mediações do CCCF e que com ele se relacionavam.

Vale lembrar mais uma vez que a cartografia enquanto ferramenta metodológica, por mais que possa parecer, não pretende uma representação do objeto, mas sim um acompanhamento de processos, como nos fizeram refletir Barros & Kastrup (2015) ao demonstrar que são inseparáveis objeto e articulações históricas, muito menos suas conexões com o mundo, pois só assim é possível desenhar as redes de força nas quais o objeto (ou fenômeno) se faz ver. Só assim dar-se-ia conta de suas modulações e movimentações permanentes. Cartografando a cidade é possível colocar em xeque os clichês e simulações de uma cidade mídia que submerge parte da cidade com frases e palavras pré-estabelecidas por estratégias. Por isso, o uso da cartografia foi esteio metodológico na busca por encontros com a cidade que de fato acontece. Além disso, ela é uma ferramenta interdisciplinar que reúne olhares e promove diálogos entre geografia, filosofia, ciências sociais, arquitetura e urbanismo em torno dos fenômenos urbanos, o que conversa diretamente com o programa de estudo que amadureceu nossa caminhada.

Os diálogos com Foucault trouxeram para o método aplicações genealógicas que contribuíram na interpretação do CCCF como microdispositivo, mas principalmente na maneira como percorreu-se a história da cidade, escolhendo um ponto de escavação para aprofundamento. As provocações foram tantas nessa arqueologia da cidade e do dispositivo que a documentação audiovisual se tornou um importante instrumento de registro e, principalmente, um formato de entrega do trabalho em uma linguagem que permitirá maior alcance para este estudo (assim se espera).

Anterior ao estudo focado no microdispositivo, as observações do corpo-cidade e da cidade meio, mídia e mediação cumpriram o papel de fazer emergir ao entendimento a própria arquitetura da cidade enquanto discurso que, por sua vez, produz sujeitos que produzem discursos. Essas observações, como paisagens psicossociais que montam e desmontam mundos, revelaram os espaços como produções sociais derivadas de práticas que

não se separam da dimensão do cotidiano. Com suas interações, a cidade mediação faz emergir culturas e subculturas. Assim como os acontecimentos na região “Nova Cidade” se apresentaram como materializações dessas interações, fazendo emergir culturas que ali estavam mas que muitas vezes não se materializavam diante de olhos, que às vezes se esforçam a não ver. Também foi possível perceber uma arquitetura que, enquanto corpo, cumpre papéis políticos que materializam discursos, afetando a vida humana e seus espaços urbanos. Foi assim que este estudo entrou em Santa Rita do Sapucaí e percorreu suas ruas, acessando espaços e se permitindo encontros.

O estudo do corpo-cidade revelou uma cidade de disposição geográfica não muito diferente de pequenas cidades de regiões mais interioranas. Uma cidade com uma arquitetura que não deixa indícios claros de uma cidade baseada pelo viés tecnológico, o que suprido por uma eficiência da cidade mídia reverbera midiaticamente esse modelo. Seus *slogans* e comunicações ultrapassam os limites geográficos da cidade, produzindo no imaginário de quem lê, vê, ouve ou a visita durante a realização de seus eventos, uma ideia de cidade peculiar e algumas vezes fabulosa.

A ideia de uma cidade fabulosa é produzida porque seu potencial tecnológico e seu desenvolvimento econômico ainda não são capazes de responder às destabilizações sociais de algumas áreas da cidade. Por mais que nos marcos históricos da cidade seu desenvolvimento foi propósito e meta, o “Ciclo das Escolas” e do “Vale da Eletrônica” não deram conta de superar aspectos exclusivos de uma lógica de desenvolvimento econômico: Educar para o trabalho, indústrias para o emprego. Por mais que estes sejam elementos fundamentais para uma cidade, eles sozinhos não definem seu crescimento. Crescer significa muito mais que isso, sendo também muito mais complexo que educar e garantir emprego.

Possivelmente, o que se viveu nesses dois marcos/ciclos anteriores foram concepções racionais e funcionalistas de cidade, isto é, que se baseiam no desenvolvimento acelerado da cidade industrial e migrações da vida do campo que impõem rígidos parâmetros funcionais. Em cada um dos marcos, a cidade apresentou ciclos de desenvolvimento que anos depois refletiram estagnações. Isso provavelmente porque a cidade funcionalista não dá conta das transformações sociais de cada ciclo de mudança e não sabe lidar com crises ecológicas⁴³ mentais, sociais e ambientais.

⁴³ No artigo *Cartografias urbanas: métodos de exploração das cidades na contemporaneidade*, o arquiteto Eduardo Rocha faz menção a ideia de crise ecológica de Félix Guattari que reflete sobre a crise ecológica não ser meramente uma crise do meio ambiente, mas também o mental e o social participam ativamente dela. ROCHA, Eduardo. *Cartografias urbanas: método de exploração das cidades na contemporaneidade*. Em: TESTAMANTI, Juan Manuel Diez; ESCUDERO, Beatriz (org). *Cartografia Social: investigaciones e*

Tudo isso demarca em que contexto o CCCF nasce. Ele nasce em um cenário que precisa ser preenchido. A estagnação da cidade reaparece porque essas outras perspectivas precisam ser atendidas e, até o momento, os ciclos de cuidado anteriores não haviam sido eficientes no atendimento de demandas de desenvolvimento para além do contexto econômico. Se de um lado houve o desenvolvimento técnico-científico com potencial para resolver ou reequilibrar os problemas da cidade, também houve uma incapacidade das forças na apropriação correta desses meios a fim de colocá-los em instâncias operativas eficazes em relação aos novos desafios que surgiram à medida que as variáveis do desenvolvimento apontavam perspectivas sociais e culturais que não eram proporcionalmente atendidas. O CCCF nasce provocado por esses conflitos de eficiência.

Isso não quer dizer que a criação da Escola técnica (ETE), do instituto de telecomunicações (INATEL) e da faculdade de administração e informática (FAI) não tenham colocado Santa Rita do Sapucaí em condições privilegiadas de desenvolvimento, sobretudo em vanguardismo regional, estadual, nacional e internacional, bem como que a criação do *slogan* “Vale da Eletrônica” não tenha feito da cidade um modelo de arranjo produtivo local de referência. No entanto, a vida da cidade possui diversas características e acordos individuais e coletivos que se diferenciam segundo extratos socioeconômicos e culturais que tomam outras dinâmicas e velocidades conforme a cidade se desdobra no tempo.

Por isso a vida na cidade exige práticas criativas para subversão de formas padronizadas por imposição de sistemas capitalistas que decretam modos de viver na cidade que não se preocupam em interpretar as transformações constantes desse organismo. Essa não interpretação ou má interpretação é o que promove desequilíbrios e alargamentos de distâncias sociais que fazem da cidade um ambiente ainda mais complexo para recuperações que serão exigidas futuramente. A cidade exige um diálogo entre o presente e os impactos futuros. Isso aponta para a exigência de práticas criativas que subvertam padrões que não dão conta do que é a cidade. O “Cidade Criativa, Cidade Feliz”, apesar de ousar na expressão “Cidade Feliz”, surge pela provocação de necessidades que tencionam para direções que superem seus interesses econômicos. Por nascer assim, a principal diferença entre o CCCF e os ciclos anteriores está na preocupação atenta a outras perspectivas de desenvolvimento que, não supera os interesses econômicos, mas demonstra buscar algum equilíbrio mais efetivo entre eles e outras demandas da cidade.

intervención desde las ciencias sociales: métodos y experiencias de aplicación. Comodoro Rivadavia: Universitaria de La Patagonia, 2012, p. 109 a 133.

Avançando nas observações, foi possível verificar que toda essa relação de cuidado com a cidade ao longo de sua história, apresentou-se como uma tecnologia de poder pastoral. Isto é, ao longo da historicidade de Santa Rita do Sapucaí, há um projeto de poder que não visa disputa, mas que se esforça na sua capacidade de cuidado (mesmo que inicialmente seja exclusivamente econômico). Essa tecnologia, com seus elementos discursivos e não discursivos, compuseram o dispositivo do cuidado, que se cristaliza através dos discursos de pessoas, instituições, organizações, enunciados, leis, proposições filosóficas e outros elementos que compõem seu conjunto heterogêneo que tanto foi explorado em Foucault. Um dispositivo com função estratégica de “cuidar da cidade”.

Avistado o dispositivo cuidado, o marco/ciclo “Ciclo das Escolas” se revelou como um microdispositivo de comunicação desse dispositivo cuidado, outrossim o “Vale da Eletrônica” cumpre a mesma função. Desta maneira, cada um dos marcos, a seu tempo, exerceu seu papel, guiando a cidade com diferentes estratégias de cuidado oriundas de seu dispositivo maior. Esse papel comunicacional dos microdispositivos se vê cristalizado tanto na cidade meio, quando na cidade mídia e mediação justamente por ser um dispositivo que interage, comunica e aciona essas instâncias comunicativas da cidade.

Em cada ciclo de transformação da cidade, um microdispositivo dava lugar de importância a outro reorganizando a direção do cuidado. O movimento guiado por Sinhá Moreira que resultou no surgimento da ETE e, subsequentemente, das demais escolas, apontava para a educação tecnológica, como direção que levaria Santa Rita do Sapucaí para outros patamares de desenvolvimento. Do mesmo modo, o “Vale da Eletrônica”, conduzido pelo Vice-prefeito Paulinho dentista, prometia um cenário pujante de negócios e desenvolvimento a partir de um aglomerado industrial que cuidaria da cidade diante da estagnação econômica dos anos 80.

Contudo, ainda que componha a mesma estrutura, o CCCF rompe com a lógica do poder pastoral e procura atuar com outras perspectivas e direções, tomando um lugar de importância que escapa dessa gênese pastoral que procura guiar a cidade com zelo e aplicação de intenções infinitas. O CCCF também tem seus pastores, que surgem na medida em que novos sujeitos com dadas posições e legitimidades se aproximam e engajam outros sujeitos numa forma complexa e expansiva de uma rede de atores que atuam voluntariamente a serviço de “uma transformação criativa de Santa Rita do Sapucaí”. Porém, é justamente essa movimentação ampla e aberta que demonstra essa ruptura relacional com o poder pastoral. As pessoas não se tornam seguidoras de promessas, elas se sentem parte do projeto que visa

a cidade feliz e movimentam-se na contribuição desse projeto, ao mesmo tempo em que atraem outras pessoas.

Como foi visto, o fato de que um microdispositivo da lugar de importância a um novo microdispositivo em seu momento de saturação não representa sua exclusão. Mesmo que o microdispositivo CCCF esteja em evidência, os microdispositivos “Ciclo das Escolas” e “Vale da Eletrônica” continuam atuando na cidade. Ao mesmo tempo, seus sujeitos se diluem e atuam dentro do CCCF, produzindo discursos legitimados por sua importância histórica e pelas posições que ocupam em seus respectivos microdispositivos de origem.

Sobre o tempo de atuação desses microdispositivos, observou-se que os ciclos de desenvolvimento do primeiro e segundo marcos têm períodos muito parecidos, de aproximadamente vinte e cinco anos. O CCCF, por sua vez, está em seu sétimo ano, ou seja, está em seu primeiro terço de ciclo de desenvolvimento se comparado aos marcos anteriores. Assim como os microdispositivos que o antecedem, o CCCF exige um longo prazo de duração para apresentar resultados mais expressivos e materializáveis em relação ao seu objetivo: “uma transformação criativa de Santa Rita do Sapucaí”. Todavia, enquanto um microdispositivo de comunicação, ele tem se mostrado eficaz no fomento de ações criativas que provoquem a subversão de sistemas rígidos de governanças, desafiando a gestão pública a rediscutir seus mecanismos legais, direcionando a iniciativa privada local a diálogos que ultrapassem os limites de seu aglomerado, impulsionando as instituições de ensino que tem se lançado cada vez mais na cidade, e a sociedade civil tem apresentado movimentos mais abrangentes de ações culturais e sociais que valorizam outros potenciais da cidade para além do eixo tecnologia. Mesmo que de forma não equilibrada, o CCCF tem avançado na direção que planeja.

Sobre o impacto do programa CCCF na dinâmica da cidade, este estudo é capaz de sustentar inegável efeito. O CCCF se mostra ativo em seu afetamento da e na cidade. Mesmo que parte da cidade ainda não saiba bem o que o movimento pretende, ou mesmo não o conheça, o CCCF é capaz de promover mudanças na dinâmica da cidade e estabelecer diálogos. Nossa questão está respondida, porém, um último aspecto precisa ser enfatizado antes de encerrarmos.

Santa Rita do Sapucaí conta com alguns privilégios políticos que nem toda cidade pode contar. Famílias como a de Sinhá Moreira foram politicamente fundamentais para esses avanços iniciais da cidade. Sem tirar o protagonismo de uma mulher que no final dos anos 50 deu início a um projeto transformador que é de extrema relevância nacional não só para o contexto e época, mas também para os dias de hoje, havia toda uma rede política que

facilitava suas articulações. Nem toda cidade tem uma Sinhá com tamanha influência. O fato é que a política sempre foi um benefício que os gestores da cidade souberam e sabem usar até hoje e, cada um dos microdispositivos teve pastores ligados à política, indiretamente, no caso da Sinhá, e diretamente, no caso dos dois vice-prefeitos. Ao mesmo tempo que isso corrobora com a ideia de poder pastoral, quando se observa o CCCF como uma proposta diferente dos marcos e ciclos anteriores ele se mostra com grande potencial para discussões futuras sobre novos modelos de governança.

O CCCF também parece convergir com o que esperam os estudos de Sennett e também de Lefebvre ao pensarem cidades abertas (cada um à sua maneira). A cidade de Santa Rita do Sapucaí poderia ser um ótimo observatório, e o CCCF, um modelo de governança a ser estudado a médio e longo prazo. Ele parece agir como um grande software que sofre constantes atualizações a cada encontro que tem a cidade (hardware), atualizando sua linguagem a fim de rodar nos espaços conforme os espaços se abrem.

Saindo da cidade. Ainda que algumas limitações tenham se apresentado durante o estudo como a ausência de métricas e dados que pudessem contribuir mais com as interpretações, essa mesma ausência inspira estudos longitudinais. Além disso, acredita-se que um estudo sobre cidades com base na observação de dispositivos e microdispositivos pode contribuir para revelar mecanismos que nela e com ela interagem presencial e virtualmente, fazendo deste modelo ou perspectiva um relevante instrumento de abordagem. Por fim, considera-se que um estudo assim promove, sobretudo, um convite a percepções interdisciplinares da cidade, interagindo com áreas do conhecimento que, juntas, podem apresentar e demonstrar movimentos e transversalidades que fazem ver-a-cidade que está aqui ou ali, mas que às vezes não enxergamos ou não queremos ver. Há algum tempo entramos em Santa Rita do Sapucaí e agora saímos. Entramos e saímos de cidades o tempo todo, mas as cidades nunca saem de nós.

REFERÊNCIAS

- AGIER, M. *Antropologia da cidade: Lugares, situações, movimentos*. (G. Í. Cordeiro, Trad.) São Paulo: Terceiro Nome, 2011.
- ARANTES, P. T. L. Cultura, quarto pilar do desenvolvimento sustentável: de objeto de consumo a instrumento de política pública para regeneração das cidades. In: Arlindo Philippi Jr, Gilda Collet Bruna. (Org.). *Gestão urbana e sustentabilidade*. 1ªed. São Paulo: Manole Ltda., 2019, v. 1, p. 83-113.
- A PARIS PERDIDA DO SÉCULO 19: Registro fotográfico. Mol-Tagge Arte e Cultura, 2014. Disponível em: <http://mol-tagge.blogspot.com/2014/03/paris-seculo-19-registro-fotografico.html>. Acesso em: 04 de outubro de 2020.
- AUGÉ, Marc. *Por uma antropologia da mobilidade*. Trad. Bruno César Cavalcanti, Rachel Rocha de Almeida Barros; revisão: Maria Stela Torres B. Lameiras. Maceió: EDUFAL: UNESP, 2010.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antonio de Pádua Danasi; revisão Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BARROS, L. P., & Kastrup, V. *Pistas do método de cartografia: Cartografar é acompanhar processos*. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- BARTOLOMÉ Ruiz, C. M. O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno. *Cadernos IHU Ideias* 8, 2016.
- BAZZICALUPO, L. *Biopolítica: Mapa conceitual*. São Leopoldo: UNISINOS, 2017.
- BRAGA, J. L. Interagindo com Foucault - Os arranjos posicionais e a comunicação. *Questões Transversais - Revista de Epistemologias da Educação*, 81-91, 2018.
- CAIAFA, J. *Aventura das cidades*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2007.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. *A Cidade*. São Paulo: Contexto, 2013.
- CARNEIRO, C. R. *O Vale da Eletrônica: Como uma pequena cidade do interior de Minas Gerais conquistou o que parecia impossível e tornou-se referência internacional em tecnologia*. Santa Rita do Sapucaí: Sindvel. 2017.
- CICOUREL, A. *Teoria e método em pesquisa de campo*. In: Alba Zalauar Guimarães (seleção, introdução e revisão técnica) *desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1980.
- COSTA, L. B. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. *Revista Digital do LAV*, 65-76, 2014.

- COSTA, Carlos; BUITONI, Dulcilia Schroeder; org. Jundiaí, SP: Editora in House, 2013.
- DELEUZE, G. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras, 1992.
- DELEUZE, G; GUATARRI, F. *Mil Platôs*, vol.1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- DELEUZE, G. Qu'est-ce qu'un dispositif? In: Michel Foucault philosophe. Rencontre internationale (Paris, 9, 10, 11 janvier 1988). Paris: Le Seuil, 1989.
- DI FELICE, M. Paisagens Urbanas: *o fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar*. São Paulo: Annablume, 2009.
- FERRARA, Lucrécia D'Alessio. Cidade: meio, mídia e mediação. Matrizes: USP, 2008, p. 39-53.
- FERRARA, Lucrécia D'Alessio, Org. Espaços comunicantes. São Paulo: Annablume: Grupo ESPACC, 2007.
- FERRARA, L. Cidade e Imagem: entre aparências, dissimulações e virtualidades. Revista Fronteiras – estudos midiáticos, Vol. VI Nº 1 – janeiro/junho, 2014. p.21-32.
- FLORIDA, R. *Cities and the creative class*. Nova York: Routledge, 2005.
- FONTES, L. *Sinhá Moreira: uma mulher à frente do seu tempo*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2007.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FOUCAULT, M. *Diálogo sobre o poder*. In: _____. *Estratégia, poder-saber*. Rio de Janeiro: Rorense Universitária, 2006.
- FOUCAULT, M. *A Arqueologia do saber* (7ª ed.). (L. F. Neves, Trad.) Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, M. *Segurança, território, população: Curso dado no Collège de France (1977-1978)*. (E. Brandão, Trad.) São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. (L. F. Sampaio, Trad.) São Paulo: Layola, 2012.
- GIESBRECHT, R. M. (21 de agosto de 2017). *Estações Ferroviárias*. Fonte: Estações Ferroviárias do Brasil, 21 de agosto de 2017. Disponível em: http://www.estacoesferroviarias.com.br/rmv_sapuca/staritasapuca.htm. Acessado em 26/05/2020.

- KASTRUP, V. O Funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. Em V. K. Eduardo Passos, *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção* (pp. 32-51). Porto Alegre: Sulina, 2015.
- LANDRY, Charles; BIANCHINI, Franco. *The Creative City*. Londres: Demos.1995.
- LANDRY, C.; BIANCHINI, Franco. *The Creative City. Working paper 3: Indicators of a Creative City - a methodology for assessing urban viability and vitality*. London: Comedia, 1994.
- LANDRY, C. *The creative city - a toolkit for urban innovators*. Londres: Comedia/Earthscan, 2000.
- LANDRY, C. Prefácio. Em A. C. Reis, & P. Kageyama, *Cidades Criativas - Perspectivas* (pp. 7-15). São Paulo: Garimpo Soluções, 2011.
- LANDRY, C. *Origens e Futuros da Cidade Criativa*. São Paulo, SESI- SP editora, 2013.
- LATOUR, B. Promises of constructivism. Em D. Ihde, *Chasing Technoscience: Matrix for Materiality* (pp. 27-46). Indiana: Indiana University Press, 2003.
- LA ROCCA, Fabio. *A cidade em todas as suas formas*. Trad. Adriana Anunciação Ramos. Porto Alegre: Sulinas, 2018.
- LEFEBVRE, H. *A vida cotidiana no mundo moderno*, São Paulo, Ed. Ática,1980. p. 47.
- LEFEBVRE, H. *La révolution urbaine*. Gallimard: Paris, 1970. p. 128.
- LEFEBVRE, H. *Métaphilosophie*. Syllepse: Paris, 1965. p. 142 -143.
- LOURO, G. L. *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- MARCELLO, F. d. Sobre os modos de produzir sujeitos e práticas na cultura: o conceito de dispositivo em questão. *Currículo sem Fronteiras*, 226-241. 2009.
- NG, A; MURBACH, H. *Design Thinking: Aplicando a lógica do design na resolução de desafios complexos*. São Paulo: femto, 2019.
- OLIVEIRA, R. C. O poder pastoral em Michel Foucault: O paradoxo do Governo e Cuidado da Vida Humana. *O poder pastoral em Michel Foucault: O paradoxo do Governo e Cuidado da Vida Humana*. São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil, 23 de março de 2019. Disponível em <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/8241>. Acesso em 18/05/2020.
- PASSOS, E. V. K. *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção*. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- PIMENTA, C. A., & MELLO, A. d. Entre doces, palhas e fibras: Experiências populares de geração de renda em cidades de pequeno porte no sul de Minas Gerais. *Estudos de sociologia*. 2014. Disponível em <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/view/235507/28494>. Acessado em 14/02/20.

- POGREBINSCHI, T. (2004). Foucault, para além do poder disciplinar e do biopoder. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, pag. 179-201. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-6445http://dx.doi.org/10.1590/S0102-64452004000300008. Acessado em 14/01/2020.
- PRYSTHON, A. *Imagens da cidade: Espaços urbanos na comunicação e cultura contemporâneas*. Porto Alegre: Sulinas, 2006.
- REIS, A.C.; KAGEYAMA, P. Creative City perspectives. Em P. K. Ana Carla Fonseca Reis, *Creative City perspectives* (p. 160). São Paulo: Grimp Soluções e Criative City Productions, 2009.
- REIS, A. C. *Cidades Criativas: da teoria à prática*. São Paulo: SESI-SP, 2012.
- ROCHA, E. Cartografias urbanas: métodos de exploração das cidades na contemporaneidade. Em J. M. Testamanti, & B. (. Escudero, *Cartografia Social: investigaciones e intervención desde las ciencias sociales: mpetodos y experiencias de aplicación* (pp. 109-133). Comodoro Rivadavia: Universitaria de La Patagonia, 2012.
- SENNETT, Richard. Carne e Pedra. Trad. Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- SENNETT, Richard. Construir e habitar: *ética para uma cidade aberta*. Trad. Clóvis Marques. 1ª. Edição: Rio de Janeiro: Record, 2018.
- SILVA, F. B. (27 de janeiro de 2020). *Prefeitura Municipal de Santa Rita do Sapucaí*. Fonte: Blog Flaviobarreiros30, 27/01/2020. Disponível em: http://docs.wixstatic.com/ugd/7502b0_a94367ddcfcf422294d2e41ba39999d7.pdf. Acessado em 18/04/2020.
- TOLSTOI, L. N. *Ana Karênina* (Vol. Coleção Os imortais da literatura universal). (J. G. Simões, Trad.) São Paulo: Abril Cultural, 1971.
- ZUKIN, S. The Cultures of cities. Em S. Zukin, *The Cultures of cities* (p. 322). Malden: Blackwell, 1995.

APÊNDICE A

